

REJANE CIOLI ANTUNES

**RESPONSABILIDADE AMBIENTAL: UM ESTUDO SOBRE AS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS EMPRESÁRIOS DO SETOR DE
CURTUMES DO NORTE DO PARANÁ SOBRE O
AMBIENTE E SEUS EMPREENDIMENTOS**

**Maringá
2003**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

REJANE CIOLI ANTUNES

**RESPONSABILIDADE AMBIENTAL: UM ESTUDO SOBRE AS
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS EMPRESÁRIOS DO SETOR DE
CURTUMES DO NORTE DO PARANÁ SOBRE O
AMBIENTE E SEUS EMPREENDIMENTOS**

Dissertação elaborada como requisito de conclusão
do Curso de Mestrado do Programa de Pós-
Graduação em Administração da Universidade
Estadual de Maringá (UEM) e da Universidade
Estadual de Londrina (UEL).

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik

**Maringá
2003**

Dedico esse trabalho ao meu marido, Alexandro, pelo seu companheirismo, compreensão e pela forma positiva que me incentivou a concluir mais esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Através deste trabalho pude evidenciar momentos gratificantes durante a elaboração do mesmo, proporcionado por empresas, instituições e, sobretudo, por pessoas especiais que perfazem com magnitude a dádiva de suas existências. Dessa forma, não posso deixar de expressar meu profundo agradecimento a todos que colaboraram para a realização deste trabalho.

A Deus, por ter iluminado meu caminho com esperança e confiança de vencer mais esta etapa de minha vida.

Aos meus pais, Renê e Joana, e demais familiares, que apesar da distância sempre acreditaram em meus ideais e me apoiaram com incentivos e carinho.

Ao Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik, pelos conhecimentos, confiança, paciência e extrema dedicação em suas orientações.

Aos demais professores do Curso, pelas contribuições de aprendizado e crescimento.

Ao Bruhmer, pela paciência e apoio constante no que fosse possível para nos atender.

Ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPA) por proporcionar subsídios necessários para a realização desse Mestrado.

A todos os amigos e colegas que proporcionaram momentos alegres e de valiosos conhecimentos.

Aos empresários, pela disponibilidade de tempo cedida e prestatividade ao repassar suas informações.

RESUMO

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa exploratória realizada junto às indústrias de curtume da região Norte do Paraná, com o objetivo de compreender as relações entre as representações sociais, compartilhadas pelos empresários desse setor, referentes ao meio ambiente, o empreendimento e a responsabilidade social e as respectivas práticas empresariais adotadas. Além disso, procurou-se verificar se a incorporação de comportamentos ambientalmente responsáveis diante das questões ambientais está vinculada a um compromisso assumido por parte dos empresários, se fazem parte de um contexto de garantia de competitividade do mercado ou, ainda, se constituem uma simples reação às exigências legais e dos órgãos ambientais. Através do uso das técnicas da entrevista e observação assistemática foram identificados dois grupos de empresários: o dos que não percebem a existência de impactos significativos produzidos por suas atividades sobre o ambiente e a sociedade e o dos que percebem que seus empreendimentos produzem impactos sócio-ambientais, significativos, tanto adversos quanto positivos. Com relação ao segundo grupo de empresários constatou-se que todos desenvolvem alguma forma de ação deliberada, visando à melhora das condições ambientais. No entanto, as razões que levam os mesmos a programar e executar essas ações são diferentes: um subgrupo de empresários age de forma reativa e outro de maneira proativa. Os resultados evidenciaram a existência de diferentes grupos e subgrupos de empresários os quais apresentam vários conjuntos de representações, não existindo, portanto um posicionamento homogêneo. O estudo mostrou ainda que um modelo de gestão ambiental ou responsabilidade social, longe de ser um produto ou objeto pronto a ser usado, é fruto da articulação entre as dimensões técnicas, psicossociais e econômicas, caracterizada por constantes construções e reconstruções.

Palavras-chave: Responsabilidade Social. Responsabilidade Ambiental. Representações Sociais.

ABSTRACT

This work is the result of a research accomplished among the tannery industries of the north region of Paraná, whose objective is figuring out the relations between social representation shared by the entrepreneurs of this sector, in respect to environment, achievement and social responsibility, and the respective business practices adopted. Moreover, it was verified if the incorporation of behavior environmentally responsible, in face of environmental issues, is linked to an agreement taken over by the entrepreneurs, if it's only part of the market competition or if it's a simple reaction to attend the legal demanding of the environment agency. Through interview techniques and unsystematic observation, two groups of entrepreneurs were identified: the ones who don't notice the existence of meaningful impacts produced by their activities on the environment and society, and those ones who has noticed that their accomplishments cause meaningful socio-environment impacts, as adverse or positive ones. In the second group, it was noticed that all of them develop some way of deliberated actions, aiming the improvement of environment conditions. Although, the reasons which make them work out and carry out these actions are different. An under group of entrepreneurs acts of reactive form, the other one, of proactive form. The results showed existence of different groups and under groups of entrepreneurs who presented several sets of representations, thus, not showing homogeneous posture. The study showed that a model of environment management or social responsibility is not a ready product to be used, but, the result of articulation of technical, psychosocial and economical dimensions, characterized by constant building and rebuilding.

Key words: Social responsibility, Environmental responsibility, Social Representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 - AS EMPRESAS E SUAS RESPONSABILIDADES	04
1.1 RESPONSABILIDADES SOCIAIS	04
1.2 RESPONSABILIDADES AMBIENTAIS.....	08
1.3 GESTÃO AMBIENTAL COMO INSTRUMENTO DE RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	12
CAPÍTULO 2 - A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	17
CAPÍTULO 3 - CONTEXTO, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DO ESTUDO.....	25
3.1 Os CURTUMES	25
3.2 Os CURTUMES E O AMBIENTE	28
3.3 OBJETIVOS DA PESQUISA	32
CAPÍTULO 4 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS EMPRESÁRIOS DO SETOR DE CURTUMES DA REGIÃO NORTE DO PARANÁ.....	39
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS CURTUMES PESQUISADOS	39
4.2 PROGRAMAS E PLANOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DOS CURTUMES.....	43
4.3 REPRESENTAÇÕES DOS EMPRESÁRIOS SOBRE OS IMPACTOS DE SEUS EMPREENDIMENTOS ..	45
4.3.1 Grupo de empresários que não consideram significativos os impactos produzidos por seus empreendimentos.....	46
4.3.2 Grupo de empresários que consideram significativos os impactos de suas atividades	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXO	65

INTRODUÇÃO

Nos primórdios da literatura sobre responsabilidade social dos executivos, Bower (1957, p.14) definiu responsabilidade social como “... a obrigação do homem de negócios de adotar orientações, tomar decisões e seguir linhas de ação que sejam compatíveis com os fins e valores da sociedade”.

Decorrente da maior conscientização do consumidor e conseqüente procura por produtos e práticas que gerem melhoria para o meio ambiente ou comunidade, as organizações buscam estratégias que tragam respostas aos anseios da sociedade, assumindo um papel mais amplo. A responsabilidade social é uma estratégia assumida pelo mundo empresarial que visa um desenvolvimento sustentável que englobe tanto aspectos econômicos, como sociais e ambientais (Ashley, 2002).

No Brasil, o movimento de valorização da responsabilidade social empresarial ganhou forte impulso na década de 90, através da ação de entidades não-governamentais, institutos de pesquisa e empresas sensibilizadas para assumir tal compromisso com a sociedade. Várias são as iniciativas e investimentos para que cada vez mais empresas compreendam e integrem essa corrente (Pontes, 2003).

Segundo Moura (2002), atualmente, a preservação ambiental é um dos assuntos que mais tem atraído a atenção das pessoas, pela valorização que se dá à qualidade de vida e pela percepção de que as conseqüências do descaso com o meio ambiente têm conduzido a situações críticas para a própria sobrevivência da humanidade em longo prazo.

Os problemas ambientais gerados pelo comportamento humano remontam à pré-história agravando-se com a nova maneira de produzir a partir do avanço tecnológico. A tecnologia da era moderna, através da utilização de máquinas e procedimentos, teve maior habilidade de destruir a natureza e, parece que junto, a relação com o ser humano. A deterioração da biosfera além de anunciada por pesquisas científicas pode ser sentida diariamente. A poluição tornou-se uma palavra bastante presente em discursos políticos, científicos ou cotidianos, sendo suas causas e conseqüências temas de pesquisas e discussões. O tipo de economia que vem sendo praticada tem provocado problemas ecológicos muitas vezes incomensuráveis, inatingíveis e lamentáveis (Kuhnen, 2001).

A industrialização em todos os países desenvolvidos e em desenvolvimento tem causado danos à saúde pública e ao meio ambiente. Problemas como a contaminação do solo e das águas subterrâneas, o desperdício de recursos e energia, a disposição de resíduos perigosos, a segurança e saúde do trabalhador e a opinião pública, são hoje as principais

preocupações das indústrias e recebem atenção significativa, pois ações corretivas muitas vezes envolvem altos custos além da legislação estar cada vez mais restritiva e abrangente (Archeti, 2001).

Para Morval, citado por Kuhnen (2001), é preciso conhecer o que a população sente, pensa e faz sobre os problemas ecológicos, a fim de modificar os comportamentos críticos e desenvolver um comportamento ambientalmente responsável. Qualquer decisão ou comportamento tem consequências sobre o meio, sobre a vida em comunidade e devem ser avaliados em relação às normas da cultura.

O conhecimento das representações sociais possibilita compreender a maneira como os sujeitos sociais apreendem os acontecimentos da vida diária, as características do meio, as informações que circulam nas relações sociais. Assim, as representações sociais constituem-se em modalidades de conhecimento e revelam coisas sobre o mundo e os objetos que o compõem.

O intuito desta pesquisa foi analisar falas e ações a partir de um conjunto de técnicas, entre elas as entrevistas e as observações de situações cotidianas dos empresários das indústrias de curtume da região Norte do estado do Paraná.

Os curtumes, através de suas atividades, causam sérios impactos ao ambiente, tais como alteração dos corpos d'água, no solo, nas águas subterrâneas, na qualidade do ar e na saúde, entre outros (CEPIS, 1996).

Para minimizar os impactos ambientais, a legislação brasileira define padrões de qualidade ambiental, em função das quantidades e do grau de toxicidade gerados, fazendo com que os empresários adotem formas de tratamento e destinação final dos resíduos, para se adequarem às tais exigências.

No entanto, a forma como os empresários desses curtumes concebem o seu empreendimento e a influência deste sobre o ambiente, pode fazer com que suas ações não se limitem apenas a atender às exigências legais, mas sim, à necessidade de minimizar a degradação ambiental, reforçando a relevância de proteger, manter e monitorar o entorno de seus empreendimentos.

Para entender as representações foi necessário conhecer a história das empresas, como estes empresários percebem seus empreendimentos e os respectivos impactos causados sobre o ambiente e sobre a sociedade. Também foi preciso conhecer as ações e planos futuros desenvolvidos pelos empresários, o que possibilitou a compreensão das relações existentes entre as suas práticas com o contexto de seu ambiente bem como os motivos que os levam ter tais comportamentos.

É importante ressaltar que as representações sociais foram, sobretudo, abordadas enquanto construção do social, com o objetivo de compreender como os indivíduos organizam seu conhecimento da realidade social e como valores, crenças ou ideologias modificam-na. Nesse contexto, este estudo visa compreender as relações entre as representações sociais referentes ao meio ambiente, o empreendimento e a responsabilidade social, compartilhadas por empresários das indústrias de curtume da região Norte do Paraná e as respectivas políticas empresariais adotadas.

Para tanto, a dissertação está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo aborda o contexto das empresas e suas responsabilidades, apresentando definições e conceitos sobre a responsabilidade social e ambiental, além de associar a gestão ambiental como um instrumento de responsabilidade social. O segundo capítulo apresenta a teoria das Representações Sociais e como esta pode ser útil para compreender como um determinado grupo de empresários constrói seus conhecimentos. O terceiro capítulo ressalta o contexto e as características dos curtumes e sua relação com o ambiente. Além disso, engloba os objetivos, procedimentos metodológicos e resultados esperados da pesquisa. O quarto capítulo destaca a análise dos dados obtidos durante a pesquisa, evidenciando as representações sociais do grupo de empresários dos curtumes pesquisados. Finalmente, nas considerações finais, são apresentadas as consequências originadas dos resultados esperados do presente estudo, além de serem sugeridas futuras pesquisas visando o aprofundamento das discussões sobre a representação social sobre o ambiente dos empresários das diversas atividades industriais que impactam na sobrevivência das futuras gerações.

CAPÍTULO 1

AS EMPRESAS E SUAS RESPONSABILIDADES

As empresas são organizações sociais que utilizam recursos para alcançar seus objetivos (Chiavenato, 2000). Durante muito tempo esses objetivos foram delimitados por uma visão basicamente econômica, segundo a qual o lucro e outros tipos de ganhos econômicos atendiam todas as expectativas dos empresários. No entanto, segundo Vergara e Branco (2001), diante das características deste início de século, marcado por desequilíbrios sociais e ecológicos complexos e interdependentes, torna-se cada vez mais evidente a insustentabilidade das práticas empresariais que só contemplem a maximização do retorno sobre o capital e não considerem, também, os impactos produzidos pelo empreendimento em seu entorno.

1.1 Responsabilidades Sociais

Com o processo de globalização, a formação de blocos econômicos, um mercado cada vez mais competitivo e, principalmente, com os altos graus de exigência e expectativas dos clientes em termos de qualidade, os empresários começam a sentir a necessidade de criar alternativas eficientes para diferenciar seus produtos no mercado. Passam, então, a adotar novos modelos de organização, caracterizados por uma maior preocupação com as obrigações sociais (Gomiero, 2001).

Muitos empresários sensíveis, ousados e com visão de futuro investem em projetos ou programas, contribuindo para melhorar a realidade social em que estão inseridos. Porém, proposições de que as empresas deveriam destinar parte de seus recursos econômicos para ações que beneficiem a sociedade nem sempre foram bem recebidas. A literatura especializada diverge não apenas quanto ao tipo de ação, mas também quanto a ser ou não legítimo empregar quaisquer recursos para ações sociais. Esse debate, de acordo com Montana e Charnov (2000), é transparente na obra de dois autores importantes, Milton Friedman, economista e Prêmio Nobel de Economia, e Keith Davis, da Universidade Estadual do Arizona.

Segundo Montana e Charnov (2000), Milton Friedman articula argumentos contra a responsabilidade social das empresas, afirmando que a tarefa da empresa é otimizar o lucro do

acionista (proprietário) através do bom uso dos recursos organizacionais. Segundo Ashley (2002), o ponto central deste argumento está em que outras instituições, como governo, igrejas, sindicatos e organizações sem fins lucrativos existem para atuar sobre as funções necessárias ao cumprimento da responsabilidade social corporativa. Segundo a autora, gerentes de grandes corporações não têm competência técnica, tempo ou mandato para tais atividades, que constituem uma tarifa sobre o lucro dos acionistas.

Friedman, citado por Ashley (2002) reforça a idéia de que a empresa é socialmente responsável ao gerar novos empregos, pagar salários justos e melhorar as condições de trabalho, além de contribuir para o bem estar público ao pagar seus impostos. Além disso, a empresa que desvia seus recursos para ações sociais pode prejudicar sua competitividade.

De acordo com Montana e Charnov (2000), Keith Davis defende a responsabilidade social das empresas, argumentando que, já que elas são a maior potência do mundo contemporâneo, têm a obrigação de assumir uma responsabilidade social correspondente. Davis também afirma que a empresa precisa estar aberta aos problemas sociais e que a sociedade deveria valorizar os esforços na área da responsabilidade social. Ele reconhece que ser socialmente responsável tem seu preço, mas que as empresas poderiam repassar com legitimidade esse custo aos consumidores na forma de aumento nos preços. Davis menciona, também, que a empresa tem a obrigação de ajudar a resolver problemas sociais nos quais não esteja diretamente envolvida, visando o bem comum, porque quando a sociedade melhora, os empreendimentos nela contidos são beneficiados.

Segundo Ashley (2002), além de Davis, outros autores como Carrol, Donaldson e Dunfee, Frederick e Wood argumentam a favor da responsabilidade social das empresas. Para ela a empresa socialmente responsável considera, entre seus deveres, o de buscar e implementar soluções para os problemas sociais. Os argumentos a favor dessa postura seriam enquadrados em duas linhas básicas: ética e instrumental. Os argumentos éticos derivam dos princípios religiosos e das normas sociais prevalecentes e afirmam que as empresas e pessoas que nelas trabalham deveriam comportar-se de maneira socialmente responsável, por ser esta a forma de ação moralmente correta, mesmo que envolva despesas improdutivas para a companhia. Os argumentos instrumentais consideram que há uma relação positiva entre o comportamento socialmente responsável e o desempenho da empresa. Esta relação justifica-se pela ação proativa da organização, que busca oportunidades geradas por uma consciência maior sobre as questões culturais, ambientais e de gênero, antecipa-se à legislação, evitando regulações restritivas à ação empresarial pelo governo e diferencia seus produtos diante dos competidores menos responsáveis socialmente.

Para Donaire (1999) os debates entre adeptos e adversários da responsabilidade social refletem dimensões éticas e morais que excedem os limites da organização e acabam espelhando o comportamento e os valores da própria sociedade em que essas organizações estão inseridas.

O conceito de responsabilidade social vem conquistando um número crescente de organizações e empresas no Brasil e no mundo, assumindo um papel bem mais abrangente do que simplesmente a realização de projetos sociais (Revista Brasileira de Administração, 2001).

Para Makower (1994) a responsabilidade social implica em que a empresa tenha a visão de que tudo que ela faz gera uma variedade de impactos diretos e indiretos dentro e fora dela, atingindo desde os consumidores e empregados até a comunidade e o ambiente. Seus objetivos, missão e políticas, bem como as ações deles decorrentes, devem ser elaborados levando em conta esses impactos.

Anderson Jr., citado por Correa e Ferreira (2000), expõe que a responsabilidade social da empresa requer, além do atendimento às leis e do estabelecimento de padrões morais e éticos, uma atuação direta junto aos problemas sociais.

Segundo Donaire (1999) a responsabilidade social pode assumir diversas formas em conformidade com o interesse público. Entre essas formas se incluem ações como as de proteção ambiental, projetos filantrópicos e educacionais, planejamento da comunidade, equidade nas oportunidades de emprego e serviços sociais em geral.

Davidson, citado por Correa e Ferreira (2000), classifica a responsabilidade social das empresas a partir da execução de quatro tipos de atividades: atendimento à comunidade através de ações caritativas e doações financeiras; contribuição para os esforços humanísticos e com equidade no local de trabalho; atendimento ao meio ambiente e atendimento aos consumidores com preço justo e segurança.

No entanto, para Garay (2001), existem muitos termos relacionados ao investimento social sendo utilizados por empresários que não podem ser confundidos com a responsabilidade social. Um desses termos é filantropia, que representa um tipo de investimento social associado à caridade, ao paternalismo ou ao puro assistencialismo. Segundo Pontes (2003) a filantropia é caracterizada basicamente por formas externas de ação social da empresa, que têm como beneficiário principal a comunidade próxima, ou suas diversas formas de organização (conselhos comunitários, organizações não governamentais, associações comunitárias etc). A responsabilidade social foca a cadeia de negócios da empresa e engloba preocupações com um público maior (acionistas, funcionários, prestadores

de serviço, fornecedores, consumidores, comunidade, governo e meio-ambiente), cujas demandas e necessidades a empresa deve buscar entender e incorporar em suas ações. Assim, a responsabilidade social trata diretamente dos negócios da empresa e de como ela os conduz.

Outro termo freqüentemente utilizado, mas que aponta para um posicionamento diferente, é o de cidadania empresarial. De acordo com Logan, Roy e Regelbrugge (1997) esta pode ser entendida como uma relação de direitos e deveres entre empresas e seu âmbito de relações e como participação ativa das empresas na vida de suas cidades e comunidades, envolvendo-se nas decisões e ações relativas ao espaço público em que se inserem. Na realidade, o exercício das ações internas ou externas de responsabilidade social desenvolvido pela empresa acaba levando ao conceito de cidadania empresarial. Já Garay (2001) afirma que as empresas, ao agirem assim, adicionam às suas competências básicas um comportamento ético e político, por meio da participação, junto com o Estado, a sociedade civil organizada e os grupos de cidadãos, nas decisões e ações relativas à construção de formas para melhor enfrentar os problemas sociais que hoje atingem a todos.

Ashley (2002, p.6) define a responsabilidade social

“...como o compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo proativamente e coerentemente no que tange a seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela. A organização, nesse sentido, assume obrigações de caráter moral, além das estabelecidas em lei, mesmo que não diretamente vinculadas a suas atividades, mas que possam contribuir para o desenvolvimento sustentável dos povos. Assim, numa visão expandida, responsabilidade social é toda e qualquer ação que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade.”

Para Tissenbaum (2002) a responsabilidade social das empresas tem como objetivo a mudança, através de um comportamento cidadão, manifestado por meio de projetos sociais, que em geral se desenvolvem através do voluntariado, refletindo-se tanto na área externa, através de suas iniciativas, como entre os próprios funcionários no ambiente organizacional.

São muitos os motivos que levam uma empresa a se envolver com as questões sociais, desde razões religiosas ou humanitárias, necessidade de melhorar a imagem e adquirir a simpatia do consumidor até a decisão de estabelecer um diferencial dentro do mercado (RBA, 2001).

Em levantamento realizado pelo Instituto Ethos (2000) na pesquisa “Responsabilidade Social das Empresas-Percepção do Consumidor Brasileiro”, o comportamento social empresarial é bastante prestigiado. Para 43% dos entrevistados, colaborar com escolas, postos e entidades sociais da comunidade é uma atitude que estimula a compra de produtos da empresa, e faz com que ela seja recomendada aos amigos. Em 2001, a mesma pesquisa mostrou que essa é uma tendência, já que praticamente o mesmo percentual de consumidores respondentes (42%) considera que esse tipo de colaboração só aumenta o prestígio e as vendas das empresas que a praticam (Instituto Ethos, 2001).

Segundo Ashley (2002), o mundo empresarial vê, na responsabilidade social, uma nova estratégia para aumentar seu lucro e potencializar seu desenvolvimento.

No entanto, segundo Tachizawa (2002), cada vez mais as organizações percebem que de nada valerão suas estratégias de negócios para ampliar mercados, conquistar clientes e obter resultados favoráveis se não considerarem que tudo depende da boa execução dos processos que compõem sua cadeia produtiva, e que a realização desses processos está diretamente relacionada ao desempenho das pessoas da organização em um contexto de responsabilidade social e de correta postura em face das questões ambientais.

Segundo o autor, ainda, os novos tempos estarão a exigir novos modelos de gestão e, conseqüentemente, novas formas de gestão ambiental com maior responsabilidade social. Assim, a responsabilidade social assumida frente às preocupações ambientais pode ser um novo caminho para os empresários que pretendem diferenciar seu produto no mercado e transformar o compromisso social numa grande oportunidade de negócio.

1.2 Responsabilidades Ambientais

De acordo com Ashley (2002) a nova visão de que os negócios devem ser feitos de forma ética, obedecendo a rigorosos valores morais, de acordo com comportamentos cada vez mais universalmente aceitos como apropriados, está se tornando hegemônica nos ambientes organizacionais. A partir desse ponto de vista, as atitudes e atividades de uma organização precisam caracterizar-se por:

- a) preocupação com atitudes éticas e moralmente corretas que afetam todos os públicos envolvidos;
- b) promoção de valores e comportamentos morais que respeitem os padrões universais de direitos humanos e de cidadania e participação na sociedade;

- c) maior envolvimento nas comunidades em que se insere a organização, contribuindo para o desenvolvimento econômico e humano dos indivíduos ou até atuando diretamente na área social, em parceria com governos ou isoladamente;
- d) respeito ao ambiente e contribuição para a sua sustentabilidade em todo o mundo.

Segundo a autora, as atitudes e atividades mencionadas seriam características de um referencial para a responsabilidade social corporativa que responde a um novo e abrangente papel das empresas dentro da sociedade. Assim, o conceito de responsabilidade social tornou-se parte de um conceito mais amplo, o de desenvolvimento sustentável.

A crescente necessidade do ser humano de encontrar caminhos para viver em harmonia com a natureza, mantendo sua qualidade de vida, bem como a das futuras gerações, pode ser compreendida através da evolução do conceito de proteção ambiental, caracterizado, segundo Viterbo Jr. (1998) por quatro estágios distintos.

Sempre de acordo com o mesmo autor, o primeiro movimento na formação de uma consciência ecológica, no período pós-guerra, foi a preocupação sobre os recursos hídricos e o saneamento básico. Este estágio pode ser denominado de conscientização.

Somente nos anos 1970, com o aumento significativo das indústrias poluidoras do ar e da água e com contaminações acidentais da população, é que teve início a preocupação com os efeitos danosos da poluição. As chuvas ácidas, a gestão das bacias hidrográficas e dos mares, em particular na Europa, induziram a percepção de riscos globais para os problemas ambientais. Este estágio é denominado de controle da poluição. Foi nesta época que surgiram os primeiros organismos oficiais de controle ambiental. Já no final da década verificou-se que apenas com o controle da poluição os impactos ambientais não conseguiriam ser evitados.

Na década de 1980 inicia-se a fase de planejamento ambiental, partindo da idéia de que, com um planejamento adequado os impactos seriam minimizados. Esta década foi marcada por grandes desastres ecológicos e pela identificação da degradação da camada de ozônio. Os empresários ainda limitavam-se a reagir às mínimas exigências legais impostas pelos órgãos e leis ambientais. Começaram a surgir Organizações Não Governamentais (ONG's) e os Partidos Verdes, que levantaram a “bandeira ecológica” e demonstraram ao mundo que somente o planejamento ambiental também não era suficiente para prevenir os impactos ambientais danosos à humanidade.

A noção de desenvolvimento sustentável ficou conhecida a partir da reunião da Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento – Comissão Brundtland, da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em 1987, a qual resultou no relatório Nosso Futuro Comum, que define o desenvolvimento sustentável como algo que atende às

necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das novas gerações de atenderem às suas próprias necessidades. Constitui-se de um modelo de desenvolvimento que visa equilibrar a proteção ao ambiente com o desenvolvimento sócio – econômico.

Os anos 90 trouxeram a globalização da economia e, junto com ela, novos conceitos de gestão. Desde a explosão de Tchérnobil constatou-se que os impactos ambientais não são apenas locais, mas, também, mundiais, globalizando-se, desta forma, os conceitos relativos ao meio ambiente. Iniciou-se a fase do chamado gerenciamento ambiental, ou seja, da consideração da satisfação da parte interessada da sociedade como componente da gestão empresarial. A Conferência do Rio de Janeiro (ECO 92) trouxe o compromisso com o desenvolvimento sustentável, o tratado da Biodiversidade e o acordo para a eliminação dos clorofluorcarbonos (CFC's).

No Brasil, a Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUM) lançou os princípios de Atuação Responsável (Responsible Care) trazidos do Canadá. Os empresários começaram a firmar seu acordo com tais princípios e com as normas ambientais editadas na mesma década (Viterbo Jr., 1998).

A atitude voltada à preocupação com a preservação ambiental vem ganhando destaque significativo nessas últimas décadas no que diz respeito às ações sociais desenvolvidas pelas empresas. Tachizawa (2002) informa que, segundo pesquisa realizada pelo Centro de Estudos em Administração do Terceiro Setor da Universidade de São Paulo (USP), 19% das 273 empresas nacionais pesquisadas consideram o meio ambiente como área prioritária de sua atuação social. Segundo o mesmo autor, a preservação do meio ambiente converteu-se em um dos fatores de maior influência da década de 1990 e da primeira década de 2000, com grande rapidez de penetração no mercado.

Segundo Donaire (1996), cada vez mais a questão ambiental assume destaque significativo em nossa sociedade, com repercussões importantes no dia-a-dia das organizações e no ambiente dos negócios em que elas operam. Para o autor, a idéia de desenvolvimento sustentável tem trazido nova visão ao conceito de gestão ambiental das organizações, direcionando-as no sentido de maior responsabilidade na manutenção da estabilidade e da diversidade dos recursos naturais utilizados.

Para Ashley (2002, p.62),

“... as reflexões sobre a temática ambiental têm trazido grandes questionamentos ao papel da indústria na sociedade moderna, não só quanto à extração de insumos produtivos da natureza, mas também quanto

às conseqüências dos modelos de produção e consumo dominantes, baseados no aumento crescente da demanda por produtos”.

Segundo Donaire (1999), as empresas podem atuar, em relação ao meio ambiente, de duas formas diferentes: reativas ou proativas. As reativas limitam-se unicamente a atender às exigências legais referentes à limpeza do ar e da água, administração de resíduos e redução de poluentes. Já as empresas proativas operam baseadas em previsões de um planejamento em longo prazo, buscando meios de melhorar seu desempenho ambiental. Este desempenho é definido como o conjunto dos “... resultados mensuráveis do sistema de gestão ambiental ao controle de uma organização sobre seus aspectos ambientais, com base na sua política, seus objetivos e metas ambientais” (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1996, item 3.8).

Segundo Kinlaw (1997) empresas proativas aceitaram a responsabilidade ambiental como condição do prosseguimento de suas operações e de sua competitividade. Elas não estão praticando a gestão ambiental apenas por força de regulamentos e leis, mas caminham além daquilo que é exigido por lei.

Para Sanches (2000) empresas adotam posturas proativas em relação ao meio ambiente mediante a incorporação dos fatores ambientais nas suas metas, políticas e estratégias. A proteção ambiental passa a fazer parte de seus objetivos de negócios e o ambiente não é visto apenas como um adicional de custos, mas sim como uma possibilidade de lucros, transformando restrições e ameaças em oportunidades para a empresa.

Dentre essas oportunidades Donaire (1999, p.51) cita

“... a reciclagem de materiais que tem trazido uma grande economia de recursos para as empresas; o reaproveitamento de resíduos internamente ou sua venda para outras empresas através de Bolsas de Resíduos ou negociações bilaterais; o desenvolvimento de novos processos produtivos com a utilização de tecnologias mais limpas ao ambiente, que se transformam em vantagens competitivas e até mesmo possibilitam a venda de patentes; o desenvolvimento de novos produtos para um mercado cada vez maior de consumidores conscientizados com a questão ecológica...”.

Kinlaw (1997, p.XXII) também destacou alguns motivos para as empresas assumirem um desempenho ambiental responsável e, conseqüentemente, fortalecer sua posição competitiva no mercado. Estas agiriam

“... evitando os custos de multas, despoluição e processos judiciais; reduzindo a quantidade de material usado; reduzindo o nível de consumo

e os custos de energia; reduzindo os custos com o manuseio e descarte de resíduos; criando novas oportunidades de venda a novos clientes sensíveis à questão ambiental; mantendo nicho de mercado composto de clientes antigos que desejam produtos favoráveis ao meio ambiente; criando novos produtos e serviços para novas oportunidades de mercado; obtendo maior credibilidade em bancos e outras instituições financeiras; mantendo a elegibilidade para seguros menos dispendiosos e reduzindo os riscos de grandes desastres ambientais”.

Para Moreira (2001b, p.48)

“... a aceitação da responsabilidade ambiental por parte da empresa e a adoção de uma postura proativa passam obrigatoriamente por uma tomada de consciência do seu verdadeiro papel na sociedade. Uma empresa existe e se mantém viva enquanto estiver atendendo a uma demanda da sociedade. Se esta demanda cessar, a empresa simplesmente deixa de existir”.

Muitas políticas e práticas de responsabilidade ambiental relativas à gestão vêm sendo adotadas por empresas proativas, tornando-se importantes instrumentos gerenciais para a capacitação e criação de condições de competitividade para as mesmas (Tachizawa, 2002).

1.3 Gestão Ambiental como Instrumento de Responsabilidade Social

A gestão ambiental é a forma pela qual a empresa se mobiliza, interna e externamente, na conquista da qualidade ambiental desejada (Viterbo Jr. 1998).

Segundo Reis (1995) a gestão ambiental é uma estratégia que objetiva, entre outros fatores, identificar as ações mais adequadas ao atendimento das imposições legais aplicáveis às várias fases dos processos, zelando para que os parâmetros legais sejam permanentemente observados. Além disso, objetiva manter os procedimentos preventivos e proativos que contemplem os aspectos e efeitos ambientais das atividades, produtos e serviços, e os interesses e expectativas das partes interessadas.

Na última década, de acordo com Tachizawa (2002) a gestão ambiental e a responsabilidade social tornaram-se importantes instrumentos gerenciais para capacitação e criação de condições de competitividade para as organizações, qualquer que seja o segmento econômico.

Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional das Indústrias (CNI), pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em 1999, citada por Tachizawa (2002) revelou que as razões para adoção de práticas de gestão ambiental, por parte de várias empresas, têm incluído intenções que vão muito além do cumprimento das normas legais. Entre essas intenções estão compreendidas, por exemplo, as de aumentar a qualidade dos produtos e a competitividade das exportações, atender ao consumidor com preocupações ambientais, satisfazer às reivindicações da comunidade e à pressão de organizações não governamentais, estar em conformidade com a política social da empresa e melhorar a imagem desta perante a sociedade.

Pressões crescentes sobre as organizações industriais para que adotem medidas de proteção ao meio ambiente acabaram impulsionando a internacionalização de normas de gestão ambiental que vieram somar-se a outras formas internacionais de normalização de procedimentos empresariais.

A Organização Internacional para Normalização (ISO) é uma federação mundial fundada em 1946 em Genebra, Suíça, e representada por mais de 100 países do mundo inteiro. Através dos Comitês Técnicos (TCs) elabora normas que representem o consenso dos diferentes países para homogeneizar métodos, medidas, materiais e seu uso para o planejamento e a execução de tarefas agrupadas ao redor de temas específicos (Moreira, 2001).

A chamada ISO 14000 é uma série de normas internacionais voluntárias publicadas no Brasil pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que orientam as organizações à implementação de sistemas de gestão ambiental nas diversas atividades econômicas que possam afetar o meio ambiente, possibilitando a concessão de certificação destes sistemas.

Por sistema de gestão ambiental (SGA) entende-se a

“... parte do sistema de gestão global que inclui estrutura organizacional, atividades de planejamento, responsabilidades, práticas, procedimentos, processos e recursos para desenvolver, implementar, atingir, analisar criticamente e manter a política ambiental” (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1996, item 3.5).

A ISO 14001 é uma norma que especifica os requisitos para a implantação de um sistema de gestão ambiental, permitindo a uma organização formular uma política e objetivos que levem em conta os requisitos legais e as informações referentes aos impactos ambientais significativos (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1996).

A implantação de um SGA ocorre em cinco etapas que buscam um processo de melhoria contínua, cuja eficácia depende do comprometimento de todos os níveis e funções, principalmente da Alta Administração, procurando, sempre, uma melhor integração e relação com o meio ambiente, conforme apresentado na figura 1:

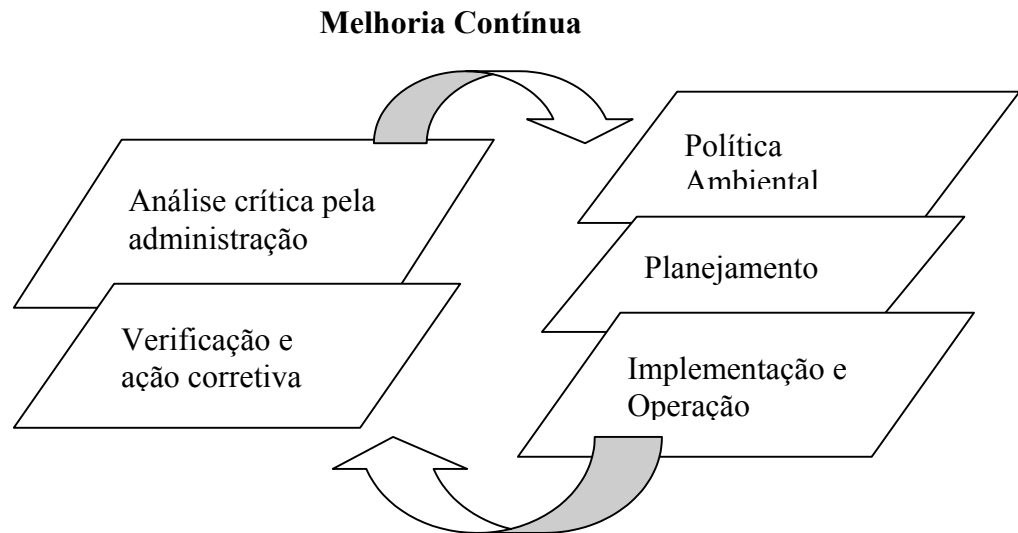


Figura 1: Modelo de sistema de gestão ambiental (Fonte: ABNT, NBR ISO 14001, 1996).

Resumidamente, os cinco princípios e elementos integrantes de um SGA, segundo especificações da ISO 14000, são:

- Conheça o que deve ser feito e assegure o comprometimento da empresa, definindo sua política de meio ambiente;
- Elabore o plano de ação para atender aos requisitos de sua política ambiental;
- Assegure condições para o cumprimento dos objetivos e metas ambientais, implementando as ferramentas de sustentação necessárias;
- Realize avaliações qualitativas e quantitativas, periodicamente, do desempenho ambiental na empresa;
- Revise e aperfeiçoe a política de meio ambiente, os objetivos e metas ambientais e as ações implementadas para assegurar a melhoria contínua do desempenho ambiental da empresa.

O sistema de gestão ambiental é uma estrutura organizacional que deve ser continuamente monitorada, revisada e que deve ser capaz de fornecer orientações efetivas às atividades ambientais da organização, em resposta às mudanças dos fatores externos e

internos. Assim, cada indivíduo na organização deve assumir responsabilidades pela melhoria ambiental (Leripio, 2000).

Além de benefícios econômicos, como redução de custos e incremento de receitas, a implementação de um sistema de gestão ambiental aumenta a competitividade e facilita o acesso aos mercados consumidores, em consonância com os princípios e objetivos do desenvolvimento sustentável (Castro, 1998).

Outros benefícios estratégicos são claramente visíveis nas empresas que implantaram um SGA. Para Moreira (2001), estes benefícios podem ser percebidos pela organização e incluir garantia de melhor desempenho ambiental; redução de desperdícios; prevenção de riscos; disseminação da responsabilidade sobre o problema ambiental para toda a empresa; homogeneização da forma de gerenciamento ambiental em toda a empresa; possibilidade de demonstrar consciência ambiental ao mercado nacional e internacional, garantindo competitividade; boa reputação junto aos órgãos ambientais, à comunidade e às Organizações Não-Governamentais (ONGs); possibilidade de reduzir custos de seguros; possibilidade de obter financiamentos a taxas reduzidas e, ainda, benefícios intangíveis, tais como melhoria do gerenciamento em função da cultura sistêmica, da padronização dos processos, treinamento e capacitação de pessoal, rastreabilidade de informações técnicas, etc.

No Brasil, a busca pelas certificações em conformidade com a ISO 14001 vem desenvolvendo-se de forma gradativa. Sua evolução atinge tantos os setores industriais quanto os de serviços, turismo e lazer, evidenciando, assim, sua importância irrestrita para o desenvolvimento sustentável do país (Meio Ambiente Industrial 2002).

Segundo informações apresentadas pela revista Meio Ambiente Industrial, em 2001 cerca de 350 empresas foram certificadas pela ISO 14001. Em 2002 este número já havia aumentado para 600, num crescimento de 71,5%.

Para muitas organizações a gestão ambiental vem sendo uma importante ferramenta gerencial para a capacitação e criação de condições de competitividade. Além disso, segundo Castro (1998) a certificação do sistema de gestão ambiental é um instrumento que a empresa utiliza para comprovar sua relação proativa com o meio ambiente.

A implantação de um sistema ambiental baseado na ISO 14000 exige um comprometimento efetivo da alta administração (gestor) para que as iniciativas e os esforços da organização rumo à proteção e às responsabilidades ambientais tenham sucesso. Segundo Sanches (2000) o papel da alta administração é fundamental, já que cabe a ela, especialmente, as tarefas de perceber e modificar a sensibilidade da organização quanto aos problemas ambientais, tanto internos quanto externos à empresa.

Assim, as concepções principais dos administradores sobre as funções e responsabilidades ambientais e sociais dos empreendimentos por eles conduzidos, constitui-se num elemento-chave para a compreensão da atuação dessas empresas e mesmo, se for o caso, para o redirecionamento dessas políticas e práticas.

Visando compreender os processos de formação, continuidade e mudanças daquelas concepções é que, no próximo capítulo, direcionaremos nossos estudos para a Teoria das Representações Sociais.

CAPÍTULO 2

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

De acordo com Sá (1995), o conceito de representações sociais foi apresentado pela primeira vez por Moscovici, em 1961, num estudo sobre as formas como a população parisiense vinha se apropriando das formulações teóricas da psicanálise e utilizando essas formulações, reinterpretadas, em suas práticas cotidianas.

O conceito de representações sociais não é fácil de ser compreendido. Até mesmo Moscovici, citado por Sá (1996, p.30) comenta que “se a realidade das representações sociais é fácil de captar, o conceito não o é”.

Segundo Jardim (1996), os diversos campos do conhecimento científico que adotam o conceito de representações sociais remetem-se, para compreendê-lo, ao conceito durkheimiano de representações coletivas. Moscovici, da mesma forma, buscou apoio nas idéias da sociologia de Durkheim, para construir sua teoria. Durkheim, considerado um dos fundadores da sociologia, procurou discutir a importância das representações dentro de uma coletividade e como elas influem nas decisões que os seres humanos tomam individualmente. “Durkheim partiu do insight de que o indivíduo como membro da sociedade não é totalmente livre para tomar suas próprias decisões morais, mas, num certo sentido, coagido a aceitar as orientações comuns à sociedade da qual faz parte” (Castro e Dias, 2001, p.96).

Para Durkheim, citado por Minayo (1995, p.90)

“... as representações coletivas traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos”.

De acordo com essa teoria, a consciência coletiva de que está dotada a vida cotidiana é constituída por representações coletivas. Nada ou quase nada escapa das configurações sociais, ou seja, as sociedades agem sobre seus indivíduos independentemente da vontade destes (Reigota, 1998).

A autonomia, exterioridade e coercitividade são características fundamentais das representações coletivas em relação ao comportamento e pensamento individuais. Dizendo de outra forma, Sá (1995, p.21) assinala que “os indivíduos que compõem a sociedade seriam

portadores e usuários das representações, mas estas não podiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto das representações individuais, das quais difeririam essencialmente”.

De acordo com a concepção de Durkheim, as representações individuais não podem ser ampliadas para a coletividade, mas sim o contrário. O indivíduo equivaleria à instância simples a partir da qual o complexo (a coletividade) não poderia ser deduzido. Assim, os fatos sociais só poderiam ser explicados a partir de outros fatos sociais e não das características individuais, somadas ou combinadas (Reigota, 1998).

As representações coletivas seriam produções sociais que se imporiam aos indivíduos como forças exteriores e que teriam o papel de garantir a harmonia social. Elas incluiriam, por exemplo, as religiões, os mitos e a ciência. “As representações, ou modos de pensar, atravessam a sociedade exteriormente aos indivíduos isolados e formam um complexo de idéias e motivações que se apresentam a eles já consolidados” (Reigota, 1998, p.68).

Sperber, citado por Oliveira e Werba (1994) considera as representações coletivas como duradouras, amplamente distribuídas, ligadas à cultura, transmitidas lentamente por gerações, como as tradições. Este conceito foi utilizado por Durkheim para estudar essencialmente sociedades primitivas.

Moscovici, citado por Sá (1995) diferencia três concepções teóricas a respeito da elaboração e dos papéis exercidos pelo pensamento social. De acordo com a primeira dessas concepções, chamada por ele de sociológica, os grupos e indivíduos estariam sob o controle de uma ideologia dominante produzida e imposta por sua classe social, o Estado, a Igreja ou a escola, sendo que o que eles pensam e dizem corresponde a tal ideologia. Para a segunda, psicológica, as mentes dos indivíduos simplesmente recebem informações e idéias de fora e processam as mesmas para transformá-las em julgamentos e opiniões pessoais.

De acordo com a terceira concepção, psicossociológica, os indivíduos não são apenas processadores de informações ou portadores de ideologias, mas também, pensadores ativos que, a partir dos inúmeros episódios cotidianos de interação social que vivenciam, produzem e comunicam suas concepções e soluções específicas para as questões que colocam a si mesmos, ou com as quais se deparam, em seus cotidianos (Sá, 1995).

Segundo Sá (1995), a primeira concepção é a que embasa a teoria das representações coletivas, de Durkheim. Já a teoria das representações sociais, elaborada por Moscovici, toma como ponto de partida a concepção psicossociológica.

A partir de Moscovici as representações recebem o adjetivo “sociais” e não mais “coletivas” e isto implica não apenas numa nova denominação, mas numa concepção teórica radicalmente diferenciada. As representações sociais, segundo Oliveira e Werba (1994) são

típicas de culturas modernas, espalhando-se rapidamente pelos grupos sociais e possuindo, por vezes, curto período de vida.

Farr (1995, p.44), interpretando Moscovici, ressalta que “as sociedades modernas são caracterizadas por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem, havendo poucas representações, nos dias de hoje, que são verdadeiramente coletivas”.

As representações são sociais porque são construídas socialmente, surgindo, portanto, pelas interações dos grupos sociais e também no interior de cada grupo. Segundo Moscovici, citado por Reigota (1998, p.69) “o caráter social das representações transparece na função específica que elas desempenham na sociedade, qual seja, a de contribuir para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais”.

Para Moscovici, citado por Sá (1995, p.31)

“...por representações sociais entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum”.

De acordo com Oliveira e Werba (1994), os frutos das representações sociais, ou seja, os conjuntos de conceitos, afirmações e explicações originadas nas interações cotidianas, podem ser considerados verdadeiras teorias do senso comum, que se formam nas diferentes ocasiões e lugares onde as pessoas se encontram, de maneira informal e se comunicam, expressando sua maneira de pensar. A partir destes processos tornam-se possíveis a construção e a compreensão de diferentes realidades sociais.

Oliveira e Werba (1994, p.105) definem as representações sociais como sendo “...teorias sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real. Por serem dinâmicas, levam os indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio, ações que, certamente, modificam os dois”. Para Jardim (1996) os saberes populares e o senso comum caracterizam-se como conhecimentos práticos, habilidades sociais e construções imaginárias, que são manejados pelas pessoas comuns e grupos sociais na vida cotidiana.

Ainda na mesma linha de pensamento, Jodelet, colaboradora de Moscovici, citada por Sá (1995, p.32) considera as representações sociais como sendo “... uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre

para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Ou seja, “... uma forma de interpretar nossa realidade cotidiana”.

Vários autores, como os citados, compreendem as representações sociais como imagens, ou seja, elaborações mentais construídas sobre a realidade.

Ora, se “as representações sociais equivalem a um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que, através delas compreendem e transformam sua realidade” (Reigota, 1998, p.70), torna-se fundamental entender o significado deste conceito - realidade - usado de maneira corriqueira nos mais diferentes contextos e áreas de atuação, mas cuja compreensão é extremamente complexa.

Para Duarte Jr. (1984), ao contrário do que possa parecer, a realidade não é algo dado. O homem, como ser ativo, a constrói e edifica. É possível a existência, então, não de um, mas de muitos mundos humanos. Entre esses, aquele que, via de regra, é considerado como essencialmente real corresponde ao terreno firme que pisamos em nosso dia-a-dia.

Duarte Jr. (1984) ressalta que a natureza e as forças físicas não são criadas pelo homem, mas as maneiras de percebê-las, interpretá-las e de estabelecer relações com elas, sim. Desta forma, para o ser humano, o real é o conhecimento que ele próprio, individual e coletivamente, elaborou sobre o mundo.

Para Berger e Luckmann (1985) o conhecimento do senso comum constitui a realidade cotidiana para o membro comum da sociedade. O senso comum, segundo Schutz, citado por Minayo (1995, p.95) “... envolve conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações. Esses conjuntos são construídos, são fatos interpretados, a partir do mundo do dia-a-dia”.

Luijpen (1974) ressalta que quem compreende que o mundo e a verdade sobre o mundo são radicalmente humanos, está preparado para conceber que não existe um mundo em si, mas muitos mundos humanos, de acordo com os pontos de vista do sujeito existente.

Não há, portanto, uma realidade, mas sim, realidades diferentes, presentes em diferentes contextos sociais. Diante desta complexidade, as representações sociais, ou seja, o modo de pensar, verbalizar e executar as concepções que o indivíduo ou grupo compartilham sobre o mundo que os cerca ajudarão a compreender e também a construir essas diferentes realidades.

De acordo com Gouveia (1993), o conceito de representação social pressupõe que o próprio processo representacional constrói o objeto de representação, ou seja, é produto e processo. Torna-se uma forma de compreender e dar significação à realidade da vida cotidiana ao mesmo tempo em que a constrói. As representações são dinâmicas, pois constituem campos estruturados pelo cotidiano e por conteúdos históricos. Além de produzir

conhecimentos práticos relacionam-se com o meio, direcionando e dando sentido às práticas sociais.

Jodelet, citada por Gouveia (1993) afirma que “o ato de representação é um ato de pensamento por meio do qual um sujeito se relaciona com um objeto... não existe nenhuma representação social que não seja de um objeto, ainda que seja mítico ou imaginário”.

Nem todas as formas de conhecimento produzidas e presentes nas sociedades modernas podem ser identificadas como representações sociais. Para Moscovici, citado por Sá (1995) nas sociedades contemporâneas coexistem duas classes distintas de universos de pensamento: os universos consensuais e os universos reificados. Os universos consensuais correspondem às atividades intelectuais da interação social cotidiana, a partir das quais são elaboradas as teorias do senso comum. Para a constituição desses universos, todos os indivíduos componentes de um grupo ou sociedade são tidos como portadores de direitos e capacidades semelhantes, podendo livremente elaborar e manifestar seus pensamentos. Já nos universos reificados são produzidos e circulam as ciências e o pensamento erudito em geral. Os grupos nos quais conhecimentos como estes são elaborados tendem a adotar formas de estruturação muito mais rígidas, dentro das quais os indivíduos adotam e desempenham papéis hierarquizados e devem assumir comportamentos que, além de diferentes dos executados pelos ocupantes dos demais níveis hierárquicos, devem ser adequados a cada tipo de situação.

Ambos, universos consensuais e reificados atuam simultaneamente para moldar nossa realidade. No entanto, o universo das representações sociais é o consensual, no qual a linguagem desempenha importante papel, facilitando associações de idéias, reconstruções de regras e valores, a partir dos quais o desconhecido passa, simbolicamente, a conhecido (Silva, 1992).

Guareschi (2002, p.96) define formas simbólicas como

“... o amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por pessoas e reconhecidos por elas como contendo um significado. Essas formas são principalmente as falas e expressões lingüísticas, faladas ou não, mas podem ser também formas não lingüísticas ou quase-lingüísticas, como uma imagem visual ou um construto que combine imagens e palavras”.

Os símbolos, presentes no processo de representação, para Jovchelovitch (1995, p.74) “... pressupõem a capacidade de evocar presença apesar da ausência, já que sua característica fundamental é que eles significam uma outra coisa. Nesse sentido, eles criam o objeto

representado, construindo uma nova realidade para a realidade que já está lá”. Ou seja, representar um objeto significa criá-lo simbolicamente, através de algum objeto material, que faz com que ele tenha um sentido para quem o representa, passando assim, aquele objeto, a fazer parte do mundo de quem o representou.

Segundo Jovchelovitch (1995, p.78) os símbolos são “... pedaços de realidade social mobilizados pela atividade criadora de sujeitos sociais para dar sentido e forma às circunstâncias nas quais eles se encontram”. Assim, são componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão, pelo senso comum, desta realidade, ou seja, são elementos fundamentais para as representações sociais.

Além dos símbolos, outro elemento possui papel fundamental no processo de representação: a comunicação. Para Jovchelovitch (1995) a comunicação é mediação entre um mundo de perspectivas diferentes e são as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais.

Minayo (1994, p.108) aponta que as representações sociais “... se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, ou seja, tornam-se padrões de comportamento que são transmitidos a sucessivas gerações. [...] Portanto podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada, porém, é a *linguagem*, tomada como uma forma de conhecimento e interação social”

Quanto à estrutura das representações sociais, Moscovici, citado por Sá (1996, p.31), estabelece que esta se configura ao longo de três dimensões: informação, atitude e campo de representação ou imagem. A informação “... se refere à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social”. O campo de representações “... remete à idéia de imagem, do modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições acerca de um aspecto preciso do objeto da representação”. Souza Filho (1995) considera o campo de representação como o modo de o sujeito hierarquizar e coordenar os significados e atitudes.

A atitude termina por focalizar

“... a orientação global em relação ao objeto da representação social [...] É a mais freqüente das três dimensões e, talvez, geneticamente a primeira. Por conseguinte, é razoável concluir que as pessoas se informam e representam alguma coisa somente depois de terem tomado uma posição e em função da posição tomada” (Moscovici, em Sá, 1996, p.31).

Um dos objetivos das representações sociais é tornar familiar o não familiar. O não familiar caracteriza-se por aquilo que é estranho e diferente para o indivíduo e que o mesmo

tende a rejeitar. São novas informações, sensações ou percepções que trazem desconforto para o mesmo. Nesta tentativa de compreensão do não familiar, dois processos básicos podem ser identificados: a ancoragem e a objetivação (Oliveira e Werba, 1994).

Para Oliveira e Werba (1994, p.109) “a ancoragem é o processo pelo qual procuramos classificar, encontrar um lugar, para encaixar o não familiar”. A ancoragem é um processo que, na maioria das vezes, implica em juízos de valor, pois ao ancorar classifica-se uma pessoa, idéia ou objeto, situando-a dentro de alguma categoria que corresponde a um modelo já conhecido.

Moscovici, citado por Sá (1996, p.46) complementa tal conceito afirmando que ancorar é “... classificar e denominar: coisas que não são classificadas nem denominadas são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” e, citado por Leme (1995, p.48) expressa que ancorar é “... trazer para categorias e imagens conhecidas o que ainda não está classificado e rotulado”.

O processo de ancoragem, portanto, consiste em classificar o desconhecido em categorias já existentes, fazendo com que o novo objeto da representação ganhe sentido. O que é novidade passa a ser parte integrante e enraizada no sistema de pensamento considerado oficial, ou em outras representações, proporcionando integração entre os indivíduos e o mundo social (Silva, 1992). Assim, tal processo torna-se fundamental na vida cotidiana por ajudar o indivíduo a compreender ou conceituar determinados fenômenos.

A objetivação, por sua vez, “... é o processo pelo qual procuramos tornar concreto, visível, uma realidade” (Oliveira e Werba, 1994, p.109), ou seja, transformar uma abstração em algo quase físico.

Berger e Luckmann (1985, p.54) afirmam que a objetivação é o processo pelo qual os produtos exteriorizados da atividade humana adquirem o caráter de objetividade, ou seja, ordena-se o mundo com conceitos que serão aprendidos como realidade e, ainda, que “a realidade da vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas”.

Para Leme (1995), como consequência do processo da objetivação o indivíduo é capaz de transformar noções, idéias e imagens em coisas concretas e materiais que constituem-se em elementos da realidade para o mesmo. Assim, é através da objetivação que o indivíduo pode tornar seu mundo uma realidade para ele próprio, clareando o que ainda é obscuro, diferente ou difícil de ser idealizado.

Duarte Jr. (1984) ressalta que as objetivações comuns da vida cotidiana são mantidas primordialmente pela significação lingüística, essencial para a compreensão da realidade.

Jodelet, citada por Sá (1995, p.32) aborda as representações sociais como “... modalidades de pensamento prático orientado para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal”, justificando a importância de seu estudo como forma de conhecer e, conseqüentemente, compreender o que leva um grupo de indivíduos a pensar e agir de determinada maneira e como se formam os pensamentos que levarão o grupo a adotar suas formas de ação, ou mesmo, visão de mundo.

Para Sá (1995, p.37) “uma realidade social, como entende a teoria das representações sociais, é criada apenas quando o novo ou não familiar vem a ser incorporado aos universos consensuais”. Neste sentido, destaca-se a importância da utilização das representações sociais para a compreensão das diferentes realidades, construídas socialmente.

A teoria das representações sociais, neste estudo, poderá nos ajudar a conhecer o modo como um determinado grupo de empresários, o das indústrias de curtumes da região Norte do Paraná, constrói o conhecimento de seu ambiente e de sua responsabilidade ambiental, pois, é com base nesse conjunto de saberes originados na vida cotidiana, que esses empresários agem sobre o meio em que vivem e atuam.

CAPÍTULO 3

CONTEXTO, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DO ESTUDO

3.1 Os Curtumes

Shreve e Brink Jr. (1997) consideram o couro como uma das mercadorias mais antigas existentes no mercado e afirmam que ele já foi denominado como o mais histórico entre os materiais úteis.

O Brasil possui cerca de 700 curtumes (indústrias de peles e couros) que empregam direta e indiretamente 48.000 trabalhadores, com um faturamento anual de U\$1.5 bilhões (Gorini e Siqueira, 1998).

Segundo dados obtidos da Proposta Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Indústria do Couro no Brasil (2000), no setor de curtume, a grande maioria das empresas é de pequeno e médio porte, com perfil familiar. A grande maioria dessas empresas foi constituída há mais de 30 anos, possuindo equipamentos antigos e processos semi-artesanais, com defasagem tecnológica devida à escassez de recursos. Como resultado, as empresas acabam perdendo produtividade e competitividade no mercado.

O Brasil possui um rebanho bovino de 96 milhões de cabeças, tendo condições de liderar o mercado mundial de couro. No entanto, abate apenas 8% do gado disponível num ano, enquanto a França e o Uruguai chegam a 44% e 17% respectivamente. O couro produzido tem sua qualidade reduzida pelas péssimas condições de trato a que é submetido o gado e que são responsáveis pela elevada mortandade de bezerros (cerca de 20% ao ano). Ocorrem elevadas infestações por carrapatos, bernes e escaravelhos (cerca de 60 a 70%) que marcam profundamente a epiderme (camada superficial da pele) bovina, com prejuízos enormes para o couro. Além disso, ocorrem arranhões por arame farpado e marcas de fogo são usualmente colocados sobre as partes mais preciosas da pele (Braile, 1993).

Braile (1993) indica o Brasil com uma produção de, aproximadamente, 200.000 toneladas de couro cru por ano, das quais 10% são exportadas principalmente para a Itália, Holanda e Alemanha, a um valor de 15 milhões de dólares. O restante é curtido e se transforma num produto caro em termos de concorrência internacional.

Para Gorini e Siqueira (1998), a baixa participação nas exportações está relacionada com o fato de que os países europeus e asiáticos utilizam o couro para confecção de artefatos

e não como matéria prima para curtumes, preferindo o couro já acabado, conforme dados apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Exportação Brasileira de Couros Bovinos por Tipo

(*) Dados de Janeiro a Dezembro.

Período*	Tipo (Nº Couros Exportados)	
	Couro Salgado	Couro Acabado
Ano 2000	119.887	1.701.763
Ano 2001	270.802	2.263.730
Total	390.689	3.965.493

Fonte: Guia Brasileiro do Couro, 2002.

Outro fator que inibe a importação deste produto por países como Itália, Portugal, China e Estados Unidos é que o couro cru salgado aumenta o grau de poluição dos resíduos gerados nos curtumes. Segundo Gorini e Siqueira (1998) os países importadores de couro estão mais exigentes quanto ao impacto da produção industrial deste segmento, deixando para os países exportadores a responsabilidade quanto ao meio ambiente.

Segundo Coiado (1999) a criação de gado se dá em todas as regiões do Brasil, destacando-se o Nordeste, Centro-Oeste e Sul. Na região Sul destaca-se a pecuária gaúcha com mais de 11 milhões de cabeças de gado, sendo 90% de corte, o que torna o Rio Grande do Sul o estado com o maior índice de exportação de couro.

O Paraná é o segundo estado da região Sul em número de estabelecimentos de curtimento, atingindo cerca de 9,10% do total da região (Guia Brasileiro do Couro, 2002), com destaque para a região Norte desse estado, na qual o presente estudo foi desenvolvido.

A principal matéria prima dos curtumes é a pele cuja origem pode ser bovina, eqüina, caprina, suína entre outras, sendo a pele bovina, segundo Anusz (1995) a de maior produção e utilização.

O processo de deterioração das peles inicia-se logo após o abate dos animais; por isso elas necessitam receber algum tratamento que as conserve para não perderem suas propriedades naturais. Para Class e Maia (1994) a conservação das peles tem a finalidade de interromper todas as causas que favorecem sua decomposição, de modo a conservá-las nas

melhores condições possíveis, até o início do processo de curtimento, quando irão transformar-se em material estável e imputrescível.

Existem basicamente dois processos de conservação: os que empregam sal, para uma conservação de longo prazo e os que não empregam sal, para uma conservação de curto prazo. As peles conservadas com sal recebem o nome de “salgadas” e as peles conservadas sem sal e as recém retiradas dos animais são chamadas de “verdes ou frescas”. Tal distinção é importante devido ao processo produtivo dos curtumes se tornar menos ou mais agressivo ao meio ambiente em função do tipo de pele conservada que usam como matéria-prima. Nos dois casos as peles recebem tratamento com bactericidas ou anti-sépticos, para inibir o ataque dos insetos e microorganismos (Archeti, 2001).

O curtimento das peles é um processo que, além de envolver elementos industriais, é considerado uma arte. Assim, não existe um processo industrial universal. Cada empresa utiliza os seus próprios processos, muitas vezes de acordo com as convicções pessoais dos seus responsáveis.

Um curtume completo envolve três etapas básicas durante o processamento: ribeira, curtimento e acabamento (Archeti, 2001). A figura 2 representa o fluxo geral da produção utilizado para couros de bovinos numa indústria de curtume que possui as etapas de ribeira e curtimento e cujo produto final é o couro curtido, chamado “Wet-blue”.

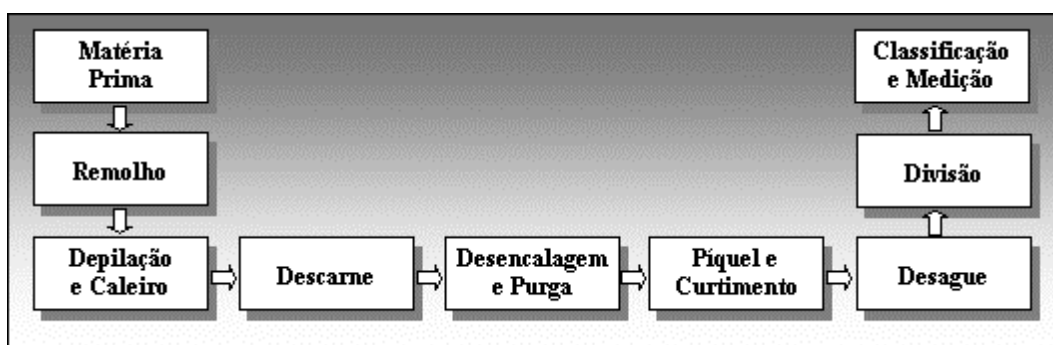


Figura 2 - Fluxo geral da produção para peles de bovinos. (Fonte: Estrela e Leite, 1999).

A etapa da ribeira compreende as operações que preparam a pele para o curtimento, através de limpeza e condicionamento e também assegurando a umidade necessária. As operações desta etapa podem ser resumidas em: remolho, depilação e caleiro, descarne e divisão. A etapa de curtimento consiste na transformação das peles em material estável e

imputrescível, fazendo com que elas deixem de ser peles para se tornarem couros, através das seguintes operações: descalcagem ou decalcinação, purga, píquel e curtimento (Archeti, 2001).

De maneira geral, baseando-se em Braile (1993) as etapas do processo produtivo de um curtume são as que seguem.

- Remolho: objetiva restaurar a água dos couros, ou seja, é o tratamento de peles salgadas ou secas com água fria a fim de reidratá-las, tornando-as iguais a como eram sobre o animal vivo.
- Depilação e Caleiro: é o tratamento de peles com cal suspensa em água, promovendo a retirada dos pelos e da epiderme e provocando inchamento e desenvoltura da pele crua. Também saponifica as gorduras, ou seja, converte em sabão as substâncias gordas.
- Descarne: é uma operação mecânica que tem por objetivo eliminar resíduos de gorduras ou impurezas ainda restantes no couro.
- Descalcinação e Purga: decalcinação é um processo químico de remoção da cal de peles. A purga é um processo de limpeza das peles, retirando restos de pelos que ficam no interior dos poros. Aumenta a lisura da pele e confere-lhe maior maciez.
- Píquel e Curtimento: píquel é um tratamento da pele feito a base de ácidos para evitar seu inchamento. O curtimento é o processo que visa transformar as peles em material estável e imputrescível, ou seja, o couro em sua forma final de utilização.
- Deságüe: é uma operação mecânica que visa retirar o excesso de água presente no couro.
- Divisão: é uma operação mecânica que consiste no corte do couro em duas camadas.
- Classificação e Medição: a classificação consiste na escolha dos couros em função dos defeitos apresentados, da espessura, do tamanho e em função do artigo definido para sua utilização. A medição é a etapa caracterizada pelo cálculo do tamanho e a codificação do artigo acabado.

A etapa de acabamento inclui todas as operações posteriores ao curtimento e tem como finalidade fornecer ao couro as características finais, requeridas para a confecção de artefatos. No final desta etapa o couro comercializado recebe os nomes de “Couro Crust ou Couro Semi-Acabado” e “Couro Acabado”.

3.2 Os Curtumes e o Ambiente

A busca de tecnologias cada vez mais limpas, do ponto de vista do meio ambiente, deve ser uma preocupação constante das empresas no desenvolvimento de produtos e processos em todos os segmentos industriais. Ressalta-se a importância da inserção das

preocupações ambientais nas indústrias de curtume devido ao processamento do couro apresentar grande potencial de agressão ao meio ambiente.

As indústrias curtidoras descarregam anualmente uma grande quantidade de efluentes líquidos com características poluentes e de elevado grau de degradação para o meio ambiente. Durante o processo produtivo, segundo Compassi (1995), cada tonelada de couro gera cerca de 600 Kg de resíduos.

Estes resíduos produzidos pelos curtumes podem ser encontrados na forma de efluentes líquidos, resíduos sólidos e emissões atmosféricas, sendo seus potenciais poluidores variáveis, de acordo com a sua quantidade e o seu grau de toxicidade.

Entende-se por efluente líquido “poluentes que se apresentam na forma líquida, por estar dissolvidos, em suspensão ou em forma de pequenas partículas na água” (Moreira, 2001, p.102). Por resíduo entende-se “o material que permanece depois da ocorrência de algum processo” (Art, 2001, p.462).

Conforme a norma NBR 10004, da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 1987, item 3.1) foram definidos como tal os resíduos nos estados sólidos e semi-sólidos que resultam da atividade industrial, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Incluem-se nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamentos de água, aqueles gerados em equipamentos de instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos de água, ou exijam para isso soluções técnicas economicamente inviáveis, em face da melhor tecnologia disponível.

De acordo com Moreira (2001a), a principal diferença entre ambos os termos é que, segundo a lei, os resíduos não podem ser lançados em corpos de água ou na rede de esgotos, enquanto que os efluentes líquidos sim, desde que tratados adequadamente antes de seu lançamento. Desta forma, o resíduo, por apresentar maior risco potencial ao meio ambiente e à saúde pública, deve ser mais rigidamente controlado.

Segundo Braile (1993) os despejos de curtumes contém grande quantidade de material putrescível (proteínas, sangue, fibras musculares) e de substâncias tóxicas ou potencialmente tóxicas (sais de cromo, sulfeto de sódio, cal livre, compostos arsenicais). Geram, com facilidade, gás sulfídrico que pode tornar as águas receptoras impróprias para fins de abastecimento público, usos industriais, agrícolas e recreacionais. Apresentam forte demanda química e bioquímica de oxigênio (DQO e DBO), podendo exaurir todo oxigênio dissolvido nos cursos de água receptores. A alcalinidade elevada também pode causar mortandades de peixes. Os sólidos sedimentáveis formam, ainda, bancos de lodo de aspecto desagradável e de

cheiro repugnante. Os pelos, os restos de peles e de fibras depositadas nas margens dos córregos atraem ratos e moscas.

De maneira geral, a poluição causada pelos curtumes está relacionada a uma grande geração de efluentes líquidos, resíduos sólidos e emissões atmosféricas, que podem provocar a contaminação do solo e das águas, além de gerar odores.

Para Estrela e Leite (1999), a geração de efluentes líquidos que contribuem para a poluição das águas varia de acordo com cada etapa da produção e de acordo com o processo industrial utilizado pelos curtumes. Basicamente, os efluentes líquidos são constituídos de cloreto de sódio, proveniente da operação de remolho, sangue e outras substâncias orgânicas; proteínas, cal e sulfeto da fase do caleiro e; sal e cromo das demais fases de operação.

Os resíduos sólidos gerados nos curtumes compreendem basicamente a carnaça (parte indesejada do couro retirada na etapa do descarte), sobras do couro; sobras do couro curtido, pó de lixadeira e serragem de rebaixamento e o lodo gerado no tratamento de efluentes líquidos.

Os poluentes atmosféricos gerados nos curtumes compreendem gases e vapores dos banhos, que saem dos tanques, especialmente quando estes são abertos após o curtimento (Estrela e Leite, 1999).

De acordo com Shreve e Brink (1997), como na maioria dos outros setores industriais, não existe tratamento padronizado para os despejos das indústrias de curtumes. O tratamento destes despejos geralmente é caro e, conseqüentemente, poucas empresas conseguem atender aos padrões rígidos de combate à poluição. Porém, o desafio da destinação dos milhões de toneladas de resíduos gerados anualmente nas diferentes atividades humanas, aliado à atuação das comunidades cada vez mais exigentes vem provocando uma significativa alteração no enfoque dado ao gerenciamento dos resíduos.

Segundo Straus e Menezes (s.d.), nos anos 70 as políticas de controle de resíduos buscaram estabelecer normas referentes à disposição adequada dos resíduos. Na década seguinte a ênfase passou a ser dada para as formas de pré-tratamento e de destruição dos resíduos. A tendência atual dos países industrializados é estabelecer critérios e incentivos através dos quais seja possível desencadear programas de prevenção e redução na fonte geradora, bem como programas de reciclagem de resíduos, ou seja, evitar a geração de resíduos.

Para Archeti (2001), nos curtumes, as ações de minimização de resíduos podem ser obtidas através do processo de produção, da seleção de equipamentos e adaptação de novas

tecnologias, da reutilização dos banhos descartados e do aproveitamento de resíduos sólidos e subprodutos.

Além disso, a implantação de um sistema de gestão ambiental nos moldes da ISO 14001 também pode representar uma ferramenta para desenvolver programas que minimizem estes resíduos, reduzindo os impactos adversos das atividades dos curtumes sobre o ambiente, e aprimorando seu desempenho ambiental.

Num mercado globalizado, competitivo e de consumidores exigentes, gerenciar os resíduos nas indústrias de curtumes pode significar garantir a sustentabilidade do processo de desenvolvimento do setor, ou seja, possibilitar o crescimento de sua produtividade, tornando-as mais competitivas e atuar com responsabilidade para garantir a melhoria da qualidade ambiental e de vida da população.

No entanto, não se sabe se as preocupações ambientais fazem parte do cotidiano dos empresários das indústrias de curtume. Por isso, torna-se importante, antes de mais nada, obter informações sobre as relações existentes entre as práticas adotadas por esses empresários e os parâmetros de uma gestão ambientalmente responsável.

Primeiramente, é preciso saber se os empresários estão cientes dos impactos negativos ao meio ambiente que sua empresa pode estar provocando, bem como suas respectivas consequências, ou se os impactos são ignorados devido aos seus efeitos somente se fizerem sentir a grandes distâncias do ponto de seu lançamento.

Neste contexto, as representações sociais que norteiam as práticas dos empresários das indústrias de curtume são elementos chave para a compreensão tanto de suas ações quanto de suas preocupações em relação ao ambiente e aos impactos produzidos nele, por essas indústrias.

As representações sociais, segundo Oliveira e Werba (1994, p.105) são “... teorias sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real”. Assim, conhecer as representações compartilhadas por um grupo de empresários sobre o ambiente e seu empreendimento ajudará a compreender seus comportamentos ou posturas adotadas com relação às questões ambientais.

Alguns estudos realizados sobre as representações sociais de determinados grupos sociais vêm demonstrando que as idéias ou conjuntos de saberes estabelecidos e expressos por este grupo possibilitam conhecer e compreender a realidade na qual o mesmo está inserido. Como ilustração, um estudo desenvolvido por Gomes (2002, p.6), demonstrou as relações existentes entre as representações sociais elaboradas e compartilhadas pelos gestores das micro e pequenas empresas do setor de confecções de Maringá e as estratégias competitivas

adotadas por eles. Através das manifestações do grupo entrevistado foi possível compreender o “... conjunto de ações dos empresários e os reflexos deste para a sobrevivência de seus empreendimentos”.

Segundo Ashley (2002) dois aspectos sobressaem-se na análise da responsabilidade social das empresas: o nível de comprometimento com a questão, no caso a questão ambiental, e o entendimento sobre ela. Saber o que representa a responsabilidade social para a empresa é primordial para sua prática.

Neste contexto, através do estudo das representações que os empresários das indústrias de curtume mantêm sobre o meio ambiente e a relação destas com as atividades desenvolvidas por sua empresa, será possível identificar se adotam algum posicionamento responsável frente aos impactos adversos ao meio ambiente e se isto ocorre, no seu cotidiano, de maneira proativa.

3.3 Objetivos da Pesquisa

Este trabalho teve, como objetivos, compreender as relações entre as representações sociais referentes ao meio ambiente, o empreendimento e a responsabilidade social, compartilhadas por empresários das indústrias de curtume da região Norte do Paraná e as respectivas políticas empresariais adotadas.

Especificamente pretendeu-se:

- Caracterizar, com base na revisão da literatura:
 - a) o conceito e a teoria das representações sociais;
 - b) os elementos relativos ao modelo de gestão ambientalmente responsável;
 - c) o processo de fabricação de indústrias de curtume e suas implicações em relação ao ambiente;
- Descrever as práticas, políticas e planos relativos à gestão ambiental adotados por empresários de curtumes da região Norte do Paraná.
- Avaliar as ações e práticas dos empresários com relação aos impactos ambientais adversos ao meio ambiente.
- Detectar as Representações Sociais que norteiam aquelas ações.

No quadro abaixo se delinea, para cada objetivo específico, um conjunto de resultados que se esperava atingir, ao final do estudo.

Quadro 1: Resultados a serem atingidos com a pesquisa

Objetivos Específicos	Resultados Esperados
Caracterizar, com base na revisão da literatura: a) o conceito e a teoria das representações sociais; b) os elementos relativos ao modelo de gestão ambientalmente responsável; c) o processo de fabricação de indústrias de curtume e suas implicações ao meio ambiente;	Apresentar os principais elementos que constituem as representações sociais; Apresentar os principais elementos que constituem a responsabilidade social sob um enfoque ambiental; Apresentar os aspectos característicos do processo de fabricação dos curtumes bem como os efeitos dos despejos e resíduos gerados sobre o meio ambiente.
Descrever as práticas, políticas e planos relativos à gestão ambiental adotados por empresários de curtumes das regiões Norte do Paraná.	Verificar se existem programas de responsabilidade social e, em caso positivo, como vêm sendo desenvolvidos nos curtumes.
Avaliar as ações/práticas dos empresários com relação aos impactos ambientais adversos ao meio ambiente.	Indicar, caso existam, os elementos que levam o empresário a agir diante das questões ambientais, identificando se essas ações estão vinculadas a uma verdadeira preocupação com a preservação ambiental ou se fazem parte unicamente de um contexto de garantia da competitividade do mercado.
Detectar as Representações Sociais que norteiam as respectivas ações/práticas dos empresários.	Descrever as Representações Sociais mantidas pelos empresários do setor e buscar compreender as inter-relações entre estas Representações e as ações dos mesmos.

Cooper e Schindler (1995) utilizam oito descrições diferentes para demarcar os tipos de pesquisa. Com base nessa classificação a pesquisa a ser realizada pode ser caracterizada das seguintes maneiras:

Quanto ao grau de definição a pesquisa pode ser caracterizada como exploratória, pois embora as questões referentes ao meio ambiente e a responsabilidade ambiental sejam temas cada vez mais debatidos, não se verificou a existência de estudos que abordem as representações sociais de empresários do setor do couro e a relação daquelas com um programa de gestão ambientalmente responsável. Pretende-se, portanto, obter novas percepções sobre o tema e, conseqüentemente, descobrir novas idéias.

Quanto ao método de coleta dos dados, a pesquisa é definida como um estudo observacional, diante da necessidade de caracterizar o empreendimento e as políticas empresariais adotadas, e, também, como um modelo de comunicação através da utilização de meios pessoais para coletar dados relevantes sobre as representações sociais dos empresários.

Quanto ao controle das variáveis a pesquisa é melhor definida como *ex post facto* pois não se pretende manipular variáveis referentes à responsabilidade ambiental e às políticas empresariais, mas sim, compreender as ações e convicções dos empresários.

Quanto ao objetivo do estudo, a pesquisa é caracterizada como causal, pois o estudo pretendeu compreender as relações entre as representações sociais referentes ao ambiente e a responsabilidade ambiental mantidos por empresários das indústrias de curtume e as respectivas políticas empresariais adotadas. Ou seja, tentou-se explicar as relações entre as variáveis.

Quanto à dimensão do tempo, o estudo é definido como transversal, pois o mesmo foi realizado em um período de tempo determinado.

Quanto a amplitude e profundidade esta pesquisa é melhor descrita, de acordo com a classificação proposta por Cooper e Schindler (1995), como um estudo de caso, pois enfatiza os detalhes e está focada numa completa análise contextual. Assim, é definida como um estudo em profundidade.

Quanto ao ambiente de estudo, num primeiro momento, foi utilizada a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias, impressas ou disponíveis na internet para a construção do embasamento teórico, fundamental para a análise dos dados coletados posteriormente através da pesquisa de campo. Para Sena (1998), a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Quanto à percepção dos sujeitos sobre o modo como a pesquisa foi conduzida, os mesmos não devem ter percebido quaisquer variações em suas rotinas do dia-a-dia, além daquelas produzidas pela realização das entrevistas. Para obtenção de resultados eficazes para

a análise pretendeu-se que os sujeitos comportassem-se com naturalidade dentro de seu ambiente organizacional.

Portanto, de maneira geral, o estudo é caracterizado como uma pesquisa exploratória, com levantamento de dados primários, na pesquisa de campo, e secundários, na pesquisa bibliográfica, causal, caracterizando-se na análise dos dados como uma pesquisa qualitativa.

O universo pesquisado foi composto por empresas de curtume sediadas na região Norte do Estado do Paraná, contempladas no Cadastro das Indústrias do Estado do Paraná, editado pela FIEP (Federação das Indústrias do Estado do Paraná, 2000). Das doze empresas selecionadas, oito fizeram parte do universo de pesquisa. Com relação aos demais curtumes, dois não atenderam a ligação ou estão fechados e dois não nos proporcionaram oportunidades de visita.

Foram escolhidas empresas na área de curtume por apresentarem alto potencial de poluição e agressão ao meio ambiente, causando grande impacto na comunidade a sua volta devido às atividades desenvolvidas.

A figura 3, a seguir, apresenta a localização das empresas que compuseram o universo pesquisado.

Figura 3: Localização das empresas pesquisadas

O processo de pesquisa, como um todo, foi desenvolvido utilizando-se basicamente três instrumentos para coletar informações: a pesquisa bibliográfica, a entrevista e a observação assistemática.

Na primeira etapa foram coletados dados bibliográficos ou de fontes secundárias. Trata-se de levantamento da bibliografia publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita (Lakatos e Marconi, 1992). Para Manzo (1971) a bibliografia pertinente oferece meios para definir e resolver não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, nas quais os problemas ainda não se cristalizaram

suficientemente. Neste momento procurou-se caracterizar a teoria das representações sociais, os aspectos referentes à ética e a responsabilidade social, sob um enfoque ambiental e compreender as relações entre a preservação ambiental e a qualidade de vida da população.

A segunda etapa foi caracterizada por uma pesquisa de campo, com a utilização de entrevistas abertas e semi-estruturadas, ou seja, nas quais a partir de uma relação inicial de perguntas outras poderão ser incluídas, de acordo com a necessidade e interesse. Para King (em Cassel e Symon, 1994) a entrevista, além de ser um método altamente flexível, por poder ser utilizada em quase todos os lugares, é capaz de produzir dados de grande profundidade. Os principais objetivos da entrevista, em nosso estudo, foram os de obter elementos que permitissem caracterizar as representações sociais dos empresários das empresas de curtume sobre o meio ambiente e identificar as práticas adotadas pelos mesmos em relação às questões ambientais.

Os dados e informações foram coletados a partir de oito entrevistas agendadas previamente com os empresários dos curtumes. As respostas foram gravadas integralmente, com a permissão dos entrevistados e as gravações foram transcritas. As respectivas transcrições encontram-se em anexo.

O roteiro básico para a entrevista foi composto pelos seguintes temas:

INFORMAÇÕES SOBRE A EMPRESA:

- 1) Histórico da empresa:
- 2) Desde quando está no mercado:
- 3) Produtos (Tipo / Quantidade produzida):
- 4) Destinação dos produtos (Local, Regional, Estadual, Nacional, Exportação):
- 5) Planos para o futuro:

INFORMAÇÕES SOBRE AS INFLUÊNCIAS OU OS IMPACTOS DA EMPRESA:

- 1) Impactos que a empresa produz sobre o ambiente:
- 2) Impactos que a empresa produz sobre a sociedade:
- 3) Ações executadas/desenvolvidas pela empresa sobre esses impactos:
- 4) Planos (Futuros) para alterar esses impactos:
- 5) Dificuldades existentes para desenvolver estes planos:

Concomitante à realização das entrevistas foi utilizado, como instrumento de apoio, a observação. Nesta etapa, ainda, lançou-se mão da técnica de observação assistemática,

caracterizada por Tomanik (1994, p.53), “... como sendo não planejada, não intencional e pouco registrada, embora eventualmente possa ter uma ou outra destas características invertidas”. Através deste recurso, algumas características das empresas, como os cuidados efetivamente adotados com os recursos ambientais, puderam ser percebidas e incluídas no processo de análise final das informações.

Para Sena (1998), a observação não consiste apenas em ver e ouvir, mas também, em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. Tanto a entrevista como a observação tiveram como objetivos identificar as implicações das representações sociais para as empresas quanto a sua atuação para com o meio ambiente, bem como analisar como a responsabilidade ambiental está sendo incorporada pelos empresários no dia-a-dia de seu trabalho.

As entrevistas e observações foram tratadas de forma qualitativa.

Com os dados coletados procurou-se, caracterizar os curtumes da região norte do Estado do Paraná e na seqüência levantar as representações dos empresários sobre o ambiente, a responsabilidade ambiental e seu empreendimento, indicando os elementos que norteiam as ações dos empresários em relação às questões ambientais.

Através dos conceitos e princípios sobre o meio ambiente e os empreendimentos expressos pelos empresários entrevistados, buscou-se compreender as relações dessas representações com os comportamentos manifestos pelos mesmos.

Além disso, procurou-se verificar se a incorporação de comportamentos ambientalmente responsáveis diante das questões ambientais está vinculada a um compromisso assumido por parte dos empresários, se fazem parte unicamente de um contexto de garantia da competitividade do mercado ou, ainda, se constituem uma simples reação às exigências legais e dos órgãos ambientais. Finalmente, buscou-se informações sobre os elementos que impedem ou facilitam a implementação de modelos de gestão ambientalmente eficazes.

Para Morval, citado por Kuhnen (2001) é preciso conhecer o que a população sente, pensa, e faz sobre os problemas ecológicos, a fim de modificar os comportamentos críticos e desenvolver uma responsabilidade ambientalmente responsável. Qualquer decisão ou comportamento tem conseqüências sobre o meio e sobre a vida em comunidade.

Neste sentido, no capítulo seguinte serão apresentadas as Representações Sociais mantidas pelos empresários do setor de curtumes com o objetivo de compreender as inter-relações entre estas representações e as ações dos mesmos.

CAPÍTULO 4

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS EMPRESÁRIOS DO SETOR DE CURTUMES DA REGIÃO NORTE DO PARANÁ

4.1 Caracterização dos Curtumes Pesquisados

Os oito curtumes que constituíram o universo desta pesquisa serão mencionados neste capítulo através de designações como CA, CB e assim sucessivamente.

O quadro 2, a seguir, apresenta as principais características desses curtumes, tal como relatadas pelos empresários dos mesmos durante a realização das entrevistas.

Quadro 2: Características dos curtumes da Região Norte do Paraná

Curtumes	Nº de Func. (1)	Volume da Produção (1) (em couros/dia)	Etapas de Produção	Matéria Prima	Produto	Utilização
CA	30	370	Recurtimento e Acabamento	Couro curtido (Wet Blue)	Couro Nobuck, Semi-cromo, Napas, Raspas	Calçados; bolsas; artefatos
CB	400	1.500	Fluxo geral até curtimento	Couro verde ou salgado	Wet Blue e acabado	Calçados; bolsas; artefatos; estofados
CC	200	2.200	Fluxo geral até curtimento	Couro verde ou salgado	Wet Blue	Calçados; mat. proteção
CD	10	100	Piquel e Curtimento vegetal	Couro salgado ou piquelado	Solas	Mat. selarias; artefatos
CE	200	4.500	Fluxo geral até curtimento	Couro verde ou salgado	Wet Brown; Wet Blue; Couro cromo e vegetal; Couro acabado	Calçados e artefatos
CF	60	500	Recurtimento e Acabamento	Wet blue	Acabado	Calçados; bolsas; artefatos
CG	45	600	Fluxo geral até curtimento	Couro verde ou salgado	Wet Blue, couro vegetalizado	Mat. proteção calçados; artefatos
CH	14	50	Fluxo geral até acabamento	Couro salgado	Sola, vaqueta, camurça, acabado	Calçados; mat. selaria

(1) Os números de funcionários e sobre a produção diária são aproximados e variáveis.

Desses curtumes, CA, CD, CF, CG e CH comercializam seus produtos para o mercado interno, caracterizado principalmente pelos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo uma parcela menor desses produtos destinados para Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso e interior do Rio de Janeiro.

Os curtumes CB, CC e CE destinam seus produtos tanto para o mercado interno como para o mercado externo, sendo que a exportação corresponde de 60% a 80% da produção dos mesmos. O mercado externo é composto basicamente por países da Europa, Ásia e pelos Estados Unidos.

Com exceção do curtume CE, todos os demais se caracterizam como empresas familiares, tendo origem histórica vinculada a uma família por pelo menos duas gerações e mantendo os filhos ou parentes na administração dos negócios.

O início das atividades dos curtumes administrados ainda pela primeira geração, ou fundadores, caracterizou-se por uma forma de ação baseada no forte envolvimento com o trabalho, de modo a consolidar o empreendimento e o crescimento do mesmo. Ou seja, o maior objetivo dos fundadores desses curtumes é fazer com que seu negócio prospere e permaneça no mercado. Nessa fase encontram-se os curtumes CA e CB.

Um dos maiores desafios dessa primeira geração de fundadores é como assegurar a continuidade da empresa, abrindo mão, muitas vezes, do poder em vida para preparar seu herdeiro.

“... A única coisa que me preocupa lá na frente é a sucessão, se meus filhos vão querer isto aqui. A preocupação porque você quer que a empresa fique para todo o sempre. Então você tem sua empresa quer que ela seja boa, que ela cresça, que ela seja saudável em todos os aspectos, que ela tenha um bom relacionamento, que ela continue mesmo que você deixe de existir” (responsável pelo CA).

Percebe-se que a situação de sucessão familiar não é tarefa simples e também não existe uma receita que resolva esta situação rapidamente, por envolver questões de caráter emocionais muitas vezes não resolvidas no âmbito familiar.

Os representantes da segunda geração de empresários, já atuantes nos curtumes CC, CD, CF, CG e CH, afirmaram enfrentar inúmeras dificuldades com concorrentes, fornecedores, clientes, matéria-prima etc, o que exige deles muita atenção para acompanhar todas as variações do mercado como relatam os próprios empresários.

“A principal dificuldade que vejo é a questão da matéria-prima... se você recebe o couro com furos, com algum defeito, problemas de riscos, de carrapato, de berne... isto impacta terrivelmente na qualidade do couro. É uma coisa que não se consegue mudar... O pecuarista não tem ganho nenhum se ele

tratar melhor o boi e este que é o problema. Ele vende por peso, então não se preocupa se a cerca dele tiver arame farpado... ; isto tem feito com que o preço no mercado nacional tenha caído um pouco... Existe uma demanda maior que a oferta porque tem quem compre. O aspecto qualitativo é um desafio e o Brasil está perdendo mercado mundial em função da qualidade do couro” (responsável pelo CC).

“... A gente trabalha junto com nosso cliente e estamos construindo uma relação assim com nossos fornecedores.... vi muitos curtumes sucumbirem porque não se deram conta dessa mudança. Mais do que maquinário e equipamentos foi a mudança do comportamento das relações cliente fornecedor” (responsável pelo CF).

Segundo os depoimentos dos representantes da segunda geração de empresários dos curtumes, existem dificuldades externas, que fogem ao controle dos administradores ou de seus sócios. Outras dificuldades, de caráter mais local, podem ser superadas com mais facilidade, mas dependem, para isto da presença de alguns fatores. Basicamente, bons valores pessoais e morais, além de conhecimento acadêmico e experiência profissional são apontados como determinantes nestes processos. A presença de fatores como esses, se não garantem o sucesso, ao menos reduzirão as chances de fracasso.

Para o empresário do curtume G “... nada se constrói e se fortalece se não for em bases sólidas, éticas e de respeito”.

Já para o empresário do curtume F

“... formado em Direito, eu que faço a parte financeira, faço a compra, faço a venda, e sou químico do meu curtume. Acho que é impossível dirigir um negócio desse sem ter conhecimento, mesmo que não tão profundo..., mas se não tiver noção de todos esse elementos eu acho difícil,..., quase que impossível a coordenação das ações”.

Um fator a se notar é que os representantes da primeira geração de empresários dos curtumes não apresentam grandes preocupações com o aumento do volume de capital, pois a maior contribuição e foco estão centrados na capacidade de trabalhar, vislumbrar e gerar

oportunidades de negócios, como relatado por alguns empresários pertencentes à segunda geração ao se referirem aos fundadores dos curtumes.

“... meu sogro começou a trabalhar com curtume há aproximadamente 40 anos. ... começou com sola e fazia vaqueta... ficou durante muito tempo sem mexer com sola até que bateu a saudade e vislumbrou que era um bom negócio, instinto de empresário...” (responsável pelo CD).

“... era uma serraria aqui e meu pai trabalhou até 65. Aí, aqui nessa estrada jogavam couro fora, os abatedouros... Então, meu pai viu e falou,... *a matéria-prima deve servir para alguma coisa*. Começou visitar curtume; tinha um amigo italiano que veio para São Paulo e tinha um curtume,... já trabalhava com couro. Aí ele foi lá e gostou da idéia. Começou o curtume em 70” (responsável pelo CH).

Já os representantes da segunda geração dos curtumes visitados apresentam preocupações com o aumento do volume de capital, ou seja, com o retorno de seus investimentos. Pode-se perceber que com exceção de dois empresários de curtume visitados, todos os demais demonstraram interesse no investimento em novas tecnologias para garantir a qualidade de seus produtos e, conseqüentemente, o sucesso de seus negócios.

“Com certeza, a indústria de curtume... se renova gradativamente. Então, equipamentos muito antigos não dá uma qualidade boa do couro, você não tem rendimento. A indústria curtumeira... tem principalmente máquinas importadas que aproveitam melhor o couro, dão melhor resultado, melhor qualidade, então a empresa está atenta a este segmento...” (responsável pelo CC).

“... o produto que dá bom resultado do estofamento, infelizmente tem que vir de fora. E a gente tem que partir para isso para que nosso produto seja competitivo no mercado, com qualidade” (responsável pelo CB).

“Isso sempre é contínuo... Existe a preocupação em aprimorar nosso produto para nos mantermos no mercado e oferecer um produto melhor que traga alguma vantagem para o cliente...” (responsável pelo CD).

Para um dos empresários entrevistados “mais importante do que investimento em tecnologia principalmente no que se refere a equipamento, é a dedicação e atenção às mudanças de mercado” devido às exigências dos clientes e versatilidade do próprio mercado. Por isso, “... só o investimento, o gasto alto com tecnologia não garante a sobrevivência” (responsável pelo CF).

O empresário do CH afirmou não estar preocupado ou disposto em investir em novas tecnologias, por apresentar planos de mudanças de negócios, devido à grande responsabilidade exigida pela atividade e pela competitividade existente no setor. Este posicionamento mostra que, em algumas situações, o acirramento da competição entre essas empresas pode fazer com que elas revejam sua dimensão, seus produtos e processos operacionais, a ponto de mudar sua área de atuação.

4.2 Programas e Planos de Responsabilidade Social dos Curtumes

Segundo Tachizawa (2002) programas de responsabilidade social devem expressar o compromisso da empresa com a adoção de valores, conduta e procedimentos que induzam e estimulem o contínuo aperfeiçoamento dos processos empresariais, para que também resultem em preservação e melhoria da qualidade de vida da sociedade do ponto de vista ético, social e ambiental.

Dos curtumes visitados, CA, CB, CC, CE e CG desenvolvem ou tem planos de desenvolver algum tipo de programa de responsabilidade social. É relevante lembrar que, conforme apresentado no Capítulo 1 deste trabalho, a responsabilidade social pode assumir diferentes formas em conformidade com o interesse público.

Os empresários de todos esses curtumes adotam programas de minimização dos resíduos gerados pelas atividades de seus empreendimentos, visando reduzir os impactos ao meio ambiente e atender os parâmetros legais exigidos pelos organismos fiscalizadores.

“Há 3000m daqui (referindo-se a sua casa) eu plantei 8000 árvores, estou dando de presente pra cidade um bosque aqui.... vai ficar pra cidade, são 2,5 alqueires, é pouco, mas são 70.000m² de mata...” (responsável pelo CA).

“Estamos reutilizando esta água, quer dizer, o impacto ambiental está sendo menor. Estamos utilizando a água do rio no nosso sistema produtivo em parte: uns 30 a 40% da água...” (responsável pelo CB).

“No rebaixamento ele (o curtume) já está gerando um resíduo que é o resíduo sólido, o pó do couro. Este resíduo nosso reaproveitamos” (responsável pelo CC).

“A reciclagem do cromo surgiu internamente economizando a quantidade de cromo e de sal, num circuito fechado. O processo de caleiro funciona num circuito fechado reduzindo a quantidade de matéria orgânica” (responsável pelo CE).

“... muita água é utilizada só pra processo de resfriamento dos equipamentos, do secador a vácuo,..., prensa hidráulica, toda essa água nós retornamos na nossa caixa de água e reutilizamos...” (responsável pelo CG).

Além de já desenvolver os programas relatados acima os empresários desses curtumes apresentam planos para investir no desenvolvimento de outros programas que possibilitem melhorar ainda mais o desempenho ambiental do seu negócio.

“Eu fiz um VTE (Estudo de Viabilidade técnica e Econômica) pra mim... que é pra mim montar uma outra indústria que é pra utilizar nossos resíduos do couro...” (responsável pelo CA).

“... temos um investimento programado em torno de R\$300 mil, sempre procurando melhorar nosso despejo” (responsável pelo CB).

“Também expandir um pouco esta área (rebaixamento) que, embora seja uma área que diverge da área do Wet Blue, tem muito a ver com o couro porque é resíduo” (responsável pelo CC).

“... instalar equipamentos com menor consumo de energia e água” (responsável pelo CE).

Outros programas de responsabilidade social, além dos direcionados à proteção ambiental, puderam ser identificados nos curtumes CA e CE. Os empresários desses curtumes apresentaram programas que visam um maior envolvimento com a comunidade interna e

externa em que os curtumes estão inseridos. Ambos relataram várias participações de suas empresas na sociedade.

“A empresa participa da sociedade através de patrocínios, desenvolvimentos de projetos, abertura de visitas para escolas, caminhadas ecológicas, etc” (responsável pelo CE).

É importante ressaltar que, embora os empresários desses curtumes desenvolvam ou tem planos para desenvolver programas que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade, dos empregados, familiares e ambiente que estão inseridos, o comprometimento com estes programas e até mesmo os motivos que levam estes empresários a adotarem estes programas variam e podem estar relacionados com as representações destes empresários sobre os impactos que seus empreendimentos produzem tanto para o ambiente como para a sociedade.

4.3 Representações dos Empresários Sobre os Impactos de seus Empreendimentos

Segundo Moscovici, citado por Sá (1995) as representações sociais podem ser entendidas como um conjunto de conceitos, afirmações e explicações que devem ser consideradas verdadeiras teorias do senso comum, através das quais se procede à interpretação e mesmo a construção das realidades sociais.

Na medida em que as preocupações com o ambiente constituem o foco central deste trabalho, os depoimentos obtidos foram classificados em dois grupos principais: um, composto pelos depoimentos dos empresários que não consideram que a atividade do seu curtume produza impactos significativos sobre o ambiente e o segundo, no qual foram enquadrados os depoimentos dos empresários que consideram significativos os impactos de suas atividades sobre o ambiente.

4.3.1 Grupo dos empresários que não consideram significativos os impactos produzidos por seus empreendimentos

Para este grupo de entrevistados, formado pelos responsáveis pelos curtumes CD, CF e CH, os fatos de seus empreendimentos serem de pequeno porte (10, 60 e 14 funcionários) e apresentarem produção relativamente baixa (100, 500 e 50 couros/dia, respectivamente)

fazem com que não haja impactos, gerados pelas atividades de suas empresas, que possam ser considerados como problemáticos.

Um dos empresários relata que

“... trabalhamos com sistema quase a seco. O consumo de água é muito baixo e a gente faz reciclagem dos efluentes de tal forma que o resíduo mesmo é pequeno... o impacto é nenhum, não temos problema de resíduos, nem de cheiro, tanto é que estamos instalados aqui na beira da rodovia em um lugar residencial” (responsável pelo CD).

Outro empresário que também acredita que sua empresa não gera impactos significativos sobre o ambiente afirma: “... temos um sistema... seguramos a gordura e depois o lodo pesado... Isso aí tem porque... vamos dizer quando veio o IAP... aí nós começamos a tratar...” (responsável pelo CH).

Em seu relato, este empresário faz referência ao sistema de tratamento utilizado no seu empreendimento, que basicamente retém a gordura, o lodo e outros resíduos pesados, mas permite que demais resíduos líquidos sejam lançados nas águas do rio. Ou seja, um sistema simples de tratamento que somente foi providenciado devido às exigências do órgão ambiental fiscalizador.

O outro empresário também relata que não há qualquer resíduo gerado hoje por sua empresa que possa ser considerado como um problema ambiental.

“O nosso resíduo é todo destinado, nós não temos nenhum despejo,... Então, do ponto de vista do meio ambiente, nós não temos nenhuma preocupação com relação a gerar ônus” (responsável pelo CF).

Conforme relatado pelo empresário do curtume CF, os resíduos produzidos pela atividade do seu empreendimento são destinados para outras indústrias de aglomerado de couro e indústrias de amianto para serem utilizados em substituição à celulose. Ou seja, o único resíduo considerado significativo pelo mesmo é o pó de rebaixadeira e este já é reaproveitado por outras indústrias. Todos os outros resíduos, portanto, sequer são considerados como tal.

A partir das entrevistas, é possível perceber que estes empresários associam os impactos negativos basicamente aos resíduos gerados por suas empresas. Além disso, eles consideram que, devido à produção relativamente pequena de seus empreendimentos, mesmo aqueles impactos não sejam consideráveis. Eles não consideram que outros efeitos negativos possam estar sendo originados, por exemplo, pelo consumo de água que ocorre durante todo o processo produtivo.

O porte e a produção dos empreendimentos, por outro lado, também não podem ser aceitos como justificativas inquestionáveis para posicionamentos semelhantes aos apresentados por eles, já que os responsáveis pelos curtumes CA e CG (de porte e volume de produção comparáveis aos seus) apresentam concepções bastante diferenciadas.

Da mesma forma que (não) percebem os impactos negativos produzidos por seus empreendimentos, os três entrevistados classificados neste grupo consideram como não significativos os possíveis impactos positivos de suas atividades. Estes empresários consideram pequeno o número de funcionários empregados, em comparação com outras empresas da mesma região. Além disso, caracterizam seus funcionários como mão de obra pouco qualificada. Acreditam, ainda, que os impactos positivos poderão ser significativos quando sua produção aumentar, ampliando, conseqüentemente, os postos de trabalho.

O impacto positivo das empresas sobre a sociedade é percebido, por estes empresários apenas como a quantidade de postos de trabalho gerados pelas mesmas. Qualquer outro tipo possível de influência social não é considerado por eles.

Seus maiores objetivos são os de ampliar a produção conforme as necessidades dos clientes que já conquistaram, visando garantir maior estabilidade nessa relação, porém nada que seja muito ambicioso, conforme relatado por um dos entrevistados:

“... Utilização do nosso produto básico dando continuidade de processo sem alterar o produto, cortar pra fazer cinto, coleira e alguns outros artefatos. Esse plano já é suficientemente grande pra nós” (responsável pelo CD).

Percebe-se, portanto, que não há interesse por parte desses empresários, na conquista de novos mercados ou clientes potenciais, mas sim, na manutenção de um mercado já explorado e conhecido.

“Nós não somos um curtume de acabados e de altas tecnologias, então nós procuramos junto com o nosso cliente adequar as necessidades do dia-a-dia.

Não tenho nenhum plano de mudança de buscar o mercado...” (responsável pelo CF).

Ao expressar seus planos para o futuro nenhum dos empresários deste grupo demonstrou qualquer preocupação com ações em prol do meio ambiente ou da sociedade. Um deles, no entanto, apresentou grande preocupação com o cumprimento de seus princípios éticos para conseguir bons resultados e a sobrevivência de seu negócio:

“a hora em que trabalhar certo não for mais possível aí sim nós vamos tomar uma decisão séria. Porque eu fui criado pra ser sério, eu não vou transgredir para fazer meu negócio sobreviver. ... e se a gente tiver que abrir mão de princípios antiéticos então eu prefiro mudar de ramo” (responsável pelo CF).

Durante as visitas realizadas a estes curtumes pode-se observar que os curtumes CD e CF apresentam-se limpos e organizados. Como não foi possível conhecer o local de realização do processo produtivo, praticamente nenhum aspecto pode ser identificado, com exceção de alguns tambores de tintas mal acondicionados no curtume F. O mesmo não ocorre com o curtume H, no qual pode-se observar vários aspectos indicativos de formas pouco cuidadosas de ação sobre o ambiente, como por exemplo, a falta de organização e higiene no local de trabalho, odor desagradável, causado pela emissão dos gases provenientes do processo produtivo e dos efluentes com matéria orgânica e inorgânica lançados no rio que passa pela indústria.

Embora o curtume H apresente maior quantidade de impactos percebidos durante a visita, todos estes curtumes provavelmente produzem impactos significativos sobre o ambiente. Basta lembrar as etapas do processamento de couros, apresentadas na Figura 2. Todas aquelas etapas produzem impactos ambientais e necessitam de ações que possibilitem a minimização dos resíduos gerados pelas mesmas. No entanto, as ações relatadas pelos empresários limitam-se a enfocar um único tipo de resíduos, em detrimento dos demais.

Ao que parece, estes empresários não percebem todos os efeitos negativos que suas atividades podem acarretar ao ambiente onde estão situadas e desconhecem, também, todos os resíduos que podem ser gerados durante seu processo produtivo.

Em seus relatos, os empresários dos curtumes CD e CF, por exemplo, associaram os impactos negativos ao “... tanino, que é um componente vegetal...” e ao “... pó de rebaixadeira...”, respectivamente, que são resíduos sólidos. O empresário do curtume CH

associou o impacto de sua empresa à “gordura” que é considerada um efluente líquido. No entanto, existem muitos outros resíduos sólidos e efluentes líquidos provenientes das etapas de produção de cada um desses curtumes, que não foram mencionados. Além disso, nenhum empresário fez menção às emissões atmosféricas que são produzidas nos seus curtumes, causando impactos como odores, materiais particulados, gases e vapores de solventes.

Assim, estes entrevistados demonstraram saber que existem impactos sendo produzidos por suas empresas, no entanto não os consideram importantes ou significativos em relação ao ambiente, ou seja, demonstraram não perceber, sobretudo, os problemas e efeitos danosos que podem ser causados por esses impactos. Não percebendo tais impactos como significativos não agem de forma a procurar minimizá-los.

É importante ressaltar também que, nas respostas desses empresários sobre os impactos que suas empresas produzem no ambiente, pode-se perceber a atribuição de um sentido negativo à palavra impacto, chegando a haver evidências de um certo desconforto e embaraço dos mesmos, ao mencioná-la nas entrevistas. O responsável pelo curtume H relatou que “quando eu vejo a palavra impacto... eu tenho como sinônimo de estorvo”. A preocupação dos empresários em relatar a não existência de impactos pode ser um comportamento adotado pelos mesmos devido à conotação negativa que a palavra impacto assume, para os mesmos.

4.3.2 Grupo dos empresários que consideram significativos os impactos de suas atividades

Um segundo grupo de entrevistados, composto pelos empresários dos curtumes CA, CB, CC, CE e CG caracterizou-se por perceber e por considerar significativos os impactos e os efeitos de seus empreendimentos sobre o ambiente. Dentro desse grupo, no entanto, pode-se observar dois posicionamentos distintos frente aos impactos ambientais dos empreendimentos.

Um primeiro sub-grupo, no qual foram incluídos os responsáveis pelos curtumes CB e CC, abrangeu aqueles entrevistados que, mesmo reconhecendo a influência negativa de suas atividades, agem de maneira reativa, ou seja, simplesmente atuam de forma a atender as exigências mínimas dos órgãos reguladores.

“... Tem produto químico, tudo isso, mas não chega a ser tão impactante quanto o resíduo líquido. Porém hoje ele está sendo bem tratado. Atendendo o IAP... É

uma preocupação, sem dúvida nenhuma, e também uma necessidade, senão a empresa, de tempos em tempos é vistoriada e se não tiver de acordo pode ser interditada” (responsável pelo CC).

“A lei já existe, mas não se está cumprindo. Então, já visualizando isso nós já estamos reutilizando nosso próprio despejo... Isso, atendendo sempre os reclamos da sociedade e do IAP...” (responsável pelo CB).

Nestes relatos, os empresários demonstram preocupar-se em estar de acordo com as exigências do órgão ambiental que, através da legislação e das políticas de fiscalização, determina padrões técnicos e operacionais sobre o processo produtivo das indústrias podendo aplicar multas e sanções nos casos de inadequação das mesmas.

No caso dos curtumes, as leis sobre tratamento de resíduos líquidos e sólidos apresentam consequências para o próprio processo de produção, porque as normas enfocam medidas não apenas para o fim da linha de produção, mas atingem também a planta interna. A partir das exigências legais, tanto federais, quanto estaduais, os curtumes encontram limites, padrões e procedimentos a serem adotados, para que sua atividade cause o menor impacto possível (Archeti, 2001), sendo que a ênfase recai sobre a redução dos resíduos e a reciclagem.

Assim, os entrevistados deste sub-grupo afirmaram ser obrigados a desenvolver e implementar soluções para que seus índices de poluição estejam em conformidade com a lei atendendo, principalmente, a imposições do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) que é o organismo fiscalizador do Estado do Paraná.

“Já tem estação de tratamento. Hoje o órgão ambiental do Paraná, o IAP, ele não autoriza você movimentar um curtume, nem frigorífico se você não tiver um tratamento de água funcionando, e isso aí nós já temos” (responsável pelo CC).

“... Quanto ao meio ambiente eu diria pra você que somos um dos poucos curtumes da região que nosso tratamento está chegando nos parâmetros do IAP” (responsável pelo CB).

Ao ser questionado sobre o motivo que o leva a adequar-se aos padrões legais, um dos entrevistados demonstra claramente sua preocupação com a competitividade, “... porque é um filão de mercado, é um produto que é mercadologicamente bem visto no mercado” (responsável pelo CC), além de associar as ações ambientais a altos custos que nem sempre apresentam o retorno financeiro esperado.

O empresário do curtume CB também comenta os altos investimentos necessários para a adequação aos parâmetros legais, além de mostrar-se preocupado com as exigências da própria sociedade.

Embora outros motivos sejam citados, ambos demonstram claramente um posicionamento reativo, inclusive em seus planos futuros.

“Como gestão futura, pra ontem, estamos procurando melhorar este tratamento ainda mais para atingir os parâmetros do IAP” (responsável pelo CB).

“Atendendo o IAP... é uma preocupação, sem dúvida nenhuma, e também uma necessidade senão a empresa, de tempos em tempos é vistoriada e se não tiver de acordo pode ser interditada” (responsável pelo CC).

A expressão “pra ontem” utilizada pelo empresário do curtume CB como complementação, mas também como contraposição à “gestão futura” demonstra a preocupação em reagir rapidamente às imposições legais para que não haja prejuízos para o desenvolvimento de suas atividades. A solução dos problemas ambientais é vista como obrigação, já que só existe a partir do surgimento de leis restritivas.

As ações relatadas pelos empresários deste sub-grupo e observadas em visita às empresas, na prática, mostram um comportamento voltado a interesses econômicos, ou seja, com o retorno dos investimentos que a empresa faz em benefício ao meio ambiente.

“... quanto ao investimento tem que estudar, ver o retorno. As dificuldades econômicas e também ver se esta despesa vai trazer retorno. A gente conhece curtumes que investem, investem em tratamento de efluente e não traz resultados satisfatórios” (responsável pelo CB).

“... trabalhamos no aspecto de manter a empresa, rentabilidade...” (responsável pelo CC).

Esses dois empresários consideram os impactos que suas empresas produzem sobre a sociedade como sendo fortes, seja em função da geração de empregos, seja por sua influência comercial, já que geram oportunidades para agentes externos, como fornecedores e clientes.

Estes empresários atribuem conotações tanto positivas quanto negativas à palavra impacto: percebem os efeitos danosos que podem ser produzidos por suas atividades, ao mesmo tempo em que consideram os efeitos benéficos à sociedade gerados por sua atividade industrial.

Um segundo sub-grupo foi constituído a partir dos depoimentos dos empresários dos curtumes CA, CE e CG. Tal como os do sub-grupo anterior, estes também percebem os impactos adversos que as atividades de suas empresas produzem sobre o ambiente.

“Tem, existe o impacto, pelo seguinte: se você for analisar a disponibilidade de água no planeta é muito pequena...” (responsável pelo CG).

“O principal são os resíduos. Toda indústria produz, até mesmo em nossas residências. A empresa tem como controlar e minimizar o máximo possível” (responsável pelo CE).

No entanto, o que diferencia este sub-grupo do anterior é que, além de reconhecer os efeitos danosos que podem ser produzidos por seus empreendimentos, estes empresários agem sobre eles de maneira proativa, ou seja, não apenas atendendo os aspectos exigidos por lei, mas também percebendo que suas ações podem trazer muitos benefícios para a melhoria das condições ambientais. Essas ações convergem para uma atitude de preservação, considerada como necessária à sua própria sobrevivência.

“Hoje nós temos que economizar o máximo possível de água, fazendo processos alternativos e compactos. Então se diminui a quantidade de água que você utiliza no processo” (responsável pelo CG).

São vários os motivos que levam estes empresários a agirem de maneira proativa.

“A empresa considera importante. Primeiramente por ser uma opção da empresa, pois não há pressão por parte dos clientes. Também gera

tranquilidade com o trabalho desenvolvido. Melhora o relacionamento com a comunidade que passa a ser um cliente seu. O órgão ambiental passa a ser visto como parceiro e não como alguém que vai barrar algo... Os bancos já começam a preocupar-se com ações ambientais, cada vez mais selecionam o que está no mercado” (responsável pelo CE).

“Você vê que grandes empresas se depositam em cima de um grande ideal, de gerar empregos, de se manter uma fundação, de fazer alguma coisa em preocupação com o meio ambiente e este tipo de logomarca da empresa na minha ótica é o que vai criar um grande diferencial competitivo no futuro de uma empresa...” (responsável pelo CG).

Atender as expectativas dos clientes, estabelecer bons relacionamentos com fornecedores, aumento da produtividade, boa imagem da empresa perante a sociedade e ganho de competitividade são motivos comuns que levam esses empresários a agir de maneira proativa.

Dois desses curtumes possuem áreas de reflorestamento criadas por iniciativa de seus próprios empresários e graças à preocupação dos mesmos com a preservação ambiental.

“... eu gosto, o sonho da minha vida é ter uma área de um sítio e ter uma floresta virgem. Aonde eu vou que tem mata virgem eu até paro pra olhar. Coisa pessoal, a gente gosta...” (responsável pelo CA).

Além de expressar uma preocupação maior com os aspectos gerados pelos seus empreendimentos sobre o ambiente, as ações relatadas pelos empresários deste grupo e observadas em visita às empresas, na prática, mostram um comportamento ambientalmente mais adequado, em comparação com o adotado pelos entrevistados classificados no primeiro subgrupo. Adotando posturas proativas, estes empresários trabalham em prol da minimização dos resíduos, evitando que sejam geradas, nas diversas etapas do processo produtivo, muitas implicações ambientais danosas.

Os empresários dos curtumes CA, CE e CG também demonstram interesse no investimento em tecnologias mais limpas, no treinamento dos colaboradores, na melhoria dos processos produtivos e na busca de novas alternativas para reduzir os impactos de suas atividades sobre o ambiente.

“Eu fiz um estudo de VTE pra mim, pra meu uso, levei quase um ano pesquisando, que é pra montar uma outra indústria pra utilizar nossos resíduos do couro...” (responsável pelo CA).

“Hoje nós tentamos economizar o máximo possível de água, fazendo processos alternativos e compactos. Então se diminui a quantidade de água que você utiliza no processo” (responsável pelo CG).

“A empresa possui estação de tratamento... A empresa também busca sempre novos produtos que agredam menos o meio ambiente. Também é feita avaliação junto aos fornecedores... existem critérios pré-estabelecidos a serem atingidos tanto na qualidade com na questão ambiental. A reciclagem do cromo... faz com que aumente a produtividade, a qualidade do produto, reduzindo os desperdícios e os impactos ao meio ambiente...” (responsável pelo CE).

As ações desses empresários destacam-se das dos empresários do primeiro sub-grupo pela importância atribuída às ações e mecanismos preventivos, nos quais o controle ambiental passa a ser integrado às práticas e processos produtivos, deixando de ser uma atividade de controle da poluição e passando a ser uma função da produção. De acordo com um dos empresários, “é importante que antes de ocorrer os acidentes é preciso ter mecanismos para agir preventivamente. A empresa preocupa-se mais com o risco potencial do que poderá acontecer” (responsável pelo CE).

Ao expressarem seus planos futuros os empresários desses curtumes demonstram interesse na melhoria contínua de suas atividades, visando progredir e destacar-se no mercado competitivo. Além disso, nos seus planos futuros existem objetivos e metas voltados às questões ambientais e sociais.

“Formar um time de qualidade ambiental, instalar equipamentos com menor consumo de energia e água, promover um envolvimento maior com a comunidade, cumprir os objetivos e metas estabelecidas na política da empresa, investir em novas tecnologias” (responsável pelo CE).

Com relação aos impactos que suas empresas produzem sobre a sociedade, os empresários classificados nesse sub-grupo apresentam posicionamentos similares aos dos empresários do primeiro sub-grupo. Consideram como sendo forte sua influência na geração de empregos e de oportunidades para seus fornecedores e clientes, ou seja, consideram também a existência de impactos positivos. Além disso, dois desses entrevistados consideram que ser bem visto pela comunidade, buscar uma maior integração com a mesma e agir em prol a seus colaboradores, também são impactos positivos.

“Tudo bem, eu posso, tenho mais condições, eu vou a Londrina, mas meus funcionários não têm aonde ir... Você também tem benefícios, eu me sinto às vezes muito contente em estar ajudando porque vem o retorno sabe, você sai nas ruas, as pessoas te olham com cara boa, aumenta a auto-estima sua...” (responsável pelo CA).

“O curtume é uma empresa bem vista pela comunidade... Busca-se a integração junto à sociedade. Afinal, os próprios funcionários fazem parte da sociedade... Há muita preocupação com os clientes internos que são todos os funcionários da empresa” (responsável pelo CE).

Da mesma forma que os do primeiro subgrupo, esses entrevistados não atribuíram apenas uma conotação negativa a palavra impacto e aos seus próprios empreendimentos. No entanto, o sentido positivo não foi derivado de perceberem apenas os efeitos benéficos que suas empresas produzem para a sociedade. Eles consideram os próprios empreendimentos como benéficos ao ambiente, por possibilitarem o aproveitamento do couro do boi, que os frigoríficos não utilizam.

“O curtume faz um benefício em relação ao subproduto do boi que é o couro que o frigorífico comercializa, ele retira e a gente trabalha e trata ela” (responsável pelo CG).

No processo de interação com esses empresários as respostas e posturas dos mesmos como, por exemplo, convidar para conhecer a indústria, mostrar seus produtos e processos, denotaram a existência de um sentimento de orgulho e admiração pelo seu empreendimento, pela maneira que trabalham e desenvolvem seus produtos.

As conclusões derivadas dos dados obtidos das entrevistas e as inter-relações existentes entre as Representações Sociais compartilhadas pelos empresários entrevistados e as ações adotadas pelos mesmos são finalizadas no capítulo seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, realizado em oito curtumes localizados na região Norte do Estado do Paraná, teve como finalidade compreender as relações entre as representações sociais referentes ao ambiente, o empreendimento e a responsabilidade social compartilhadas pelos seus empresários e as políticas, relativas aos mesmos temas, adotadas pelos mesmos.

Em virtude das especificidades da população estudada, as conclusões dessa pesquisa não podem ser generalizadas para um universo maior de empresários de curtumes do estado ou País.

Os primeiros objetivos desta pesquisa foram os de caracterizar o conceito e a teoria das representações sociais, os elementos relativos ao modelo de gestão ambientalmente responsável, os processos de produção industrial dos curtumes e suas implicações ao meio ambiente.

Todos estes conteúdos foram desenvolvidos com base na revisão da literatura disponível e que se encontra referenciada no decorrer dos três primeiros capítulos deste trabalho.

Os objetivos seguintes da pesquisa foram os de descrever as práticas, políticas e planos relativos à gestão ambiental adotados pelos empresários dos curtumes da região Norte do Paraná. Neste caso observou-se que, dos oito curtumes visitados, cinco demonstraram ter desenvolvido ou estar desenvolvendo algum tipo de programa de responsabilidade social.

Estes cinco curtumes fazem parte do grupo de entrevistados composto pelos empresários dos curtumes que percebem e consideram significativos os impactos e os efeitos de seus empreendimentos sobre o ambiente. Neste grupo, o sub-grupo dos empresários que agem de maneira proativa adota programas mais abrangentes que os do sub-grupo que agem de maneira reativa, ou seja, aqueles, independentes do retorno imediato do capital, investem em ações de minimização de resíduos, além de investir em programas voltados a satisfação dos funcionários e qualidade de vida da sociedade.

O grupo de empresários que não percebem os impactos de seus empreendimentos como significativos ao ambiente não apresentaram evidências de estarem desenvolvendo algum tipo de programa de responsabilidade social.

É importante ressaltar que desses cinco curtumes, quatro caracterizam-se como empresas familiares, sendo que dois são administrados pelos seus fundadores e os outros dois pela segunda geração de empresários.

A responsabilidade social pode assumir diversas formas, em conformidade com o interesse público e segundo Ashley (2002), pode ser entendida como toda e qualquer ação que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade. Os curtumes vêm desenvolvendo esses programas de diferentes formas, envolvendo-se com programas comunitários, desenvolvendo tecnologias mais limpas ou investindo nos colaboradores internos.

Percebe-se também que o envolvimento com a filantropia empresarial (ou seja, a execução de doações caritativas), é comumente confundido com ações de responsabilidade social, por estes empresários. Ações como doações financeiras a instituições filantrópicas ou a hospitais da região são percebidas como ações de responsabilidade social, embora não estejam diretamente associadas aos negócios da empresa nem visem a melhora do seu desempenho.

O último objetivo do trabalho foi detectar as representações sociais dos empresários, relativas aos impactos ambientais e sociais produzidos por seus empreendimentos. Com relação a este item, foram identificados dois grupos de empresários: o dos que não percebem a existência de impactos significativos produzidos por suas atividades sobre o ambiente e a sociedade e o dos que percebem que seus empreendimentos produzem impactos sócio-ambientais, significativos, tanto adversos quanto positivos.

Com relação ao segundo grupo de empresários constatou-se que todos desenvolvem alguma forma de ação deliberada, visando a melhora das condições ambientais. No entanto, as razões que levam os empresários a programar e a executar essas ações são diferentes. Basicamente dois desses empresários agem de forma reativa, ou seja, impulsionados por leis e regulamentos vigentes e cobrados pelo órgão ambiental atuante no estado. Um desses curtumes é administrado pelo seu fundador e o outro administrado pela segunda geração de empresários.

Os outros três empresários classificados no mesmo grupo, agem de maneira proativa, ou seja, desenvolvem atividades que estão além daquelas exigidas de forma compulsória. Assim, há um caráter voluntário nas ações empreendidas por esses empresários os quais buscam a melhoria contínua do desempenho de seus empreendimentos. Embora essas ações sejam realizadas de maneira voluntária e contribuam para a proteção ambiental e a melhoria da qualidade de vida da população como um todo, percebe-se que o engajamento ético com a preservação ambiental e com a sobrevivência das futuras gerações está longe de poder ser considerado o principal motivo desse comportamento proativo. Desses curtumes, um é

administrado pelo fundador, outro pela segunda geração de empresários e outro se caracteriza como uma empresa multinacional.

Todos estes três entrevistados deixaram transparecer em seus depoimentos que a garantia da competitividade num mercado globalizado e de concorrência acirrada acaba sendo o grande impulsionador para a tomada de decisões e a adoção de estratégias ambientalmente responsáveis. Associadas à garantia da competitividade, como motivadores para estas condutas, encontram-se também as exigências cada vez maiores dos clientes e a conquista da aceitação e credibilidade de novos mercados. Segundo Tachizawa (2002) os novos tempos caracterizam-se justamente por uma postura rígida dos clientes, voltada à expectativa de interagir com organizações que sejam éticas, com boa imagem institucional no mercado e que atuem de forma ecologicamente responsável.

A partir dessas considerações é possível perceber a existência de diferentes grupos e sub-grupos de empresários os quais apresentam vários conjuntos de representações. Portanto, não existe um posicionamento homogêneo desse grupo de empresários. Um modelo organizacional, de gestão ambiental ou responsabilidade social, longe de ser um produto ou objeto pronto a ser usado, é fruto da articulação entre as dimensões técnicas, psicossociais e econômicas, caracterizada por constantes construções e reconstruções.

Como contribuição a futuros trabalhos e pesquisas recomenda-se que sejam desenvolvidos mais estudos sobre as representações sociais de empresários em indústrias de curtume em diversas regiões do estado do Paraná e do País para que possam ser identificadas as diferentes percepções e manifestações deste grupo sobre um mesmo objeto, o que possibilita a construção de diferentes realidades. Poderiam ser investigadas questões como: “os empresários, de fato, não percebem os impactos que suas atividades produzem sobre o ambiente ou simplesmente negam a existência dos mesmos?”; “o que precisaria ser feito para que esses empresários percebam os impactos adversos produzidos pelos seus empreendimentos?”; e “ações de responsabilidade social e ambiental devem ser assumidas por esses empresários ou se constituir como papel do Estado?”.

Pode-se afirmar que este trabalho atingiu seus objetivos iniciais apresentando a importância e necessidade de assumir comportamentos ambientalmente responsáveis nas indústrias de curtumes pelo seu alto potencial de poluição. Agir proativamente, visando não apenas a garantia da competitividade, mas também o desenvolvimento sustentável de sua região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUSZ, L. **A arte de curtir**. Estância Velha: ABQTIC, 1995.

ARCHETI, E. A. M. E. **Gestão ambiental e oportunidades de minimização de resíduos industriais em curtumes na cidade de Franca-SP**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Urbana. São Carlos: UFSC, 2001.

ART, H. W. **Dicionário de ecologia e ciências ambientais**. 2.ed. São Paulo: UNESP/Companhia Melhoramentos, 2001.

ASHLEY, P. A. (coord.). **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10004: Resíduos sólidos**. Rio de Janeiro, 1987. Item 3.1.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14001: Sistema de gestão ambiental: especificação e diretrizes para o uso**. Rio de Janeiro, 1996. Itens 3.5 e 3.8.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14001: Sistema de gestão ambiental: especificação e diretrizes para o uso**. Rio de Janeiro, 1996.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOWER, H. R. **Responsabilidades sociais dos homens de negócio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1957.

BRAILE, P. M. **Manual de tratamento de águas residuárias industriais**. São Paulo: CETESB, 1993.

CASSEL, C.; SYMON, G. **Qualitative methods in organizational research**. UK: Sage Publications, 1994.

CASTRO, A. M. de; DIAS, E. F. **Introdução ao pensamento sociológico**. Rio de Janeiro: Eldorado, 2001.

CASTRO, N. de. **A questão ambiental e as empresas**. Brasília: SEBRAE/DF, 1998.

CEPIS. **Informe técnico sobre minimización de residuos en una curtiembre**. Lima: Centro Panamericano de Ingeniería Sanitaria y Ciencias Del Ambiente, 1996.

CHIAVENATO, I. **Administração-teoria, processo e prática**. 3.ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

CLASS, I. C.; MAIA, R. A. M. **Manual básico de resíduos industriais de curtume**. Porto Alegre: SENAI/RS, 1994.

- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P.S. **Business research methods**. Irwin McGraw-Hill, 1995.
- COIADO, M. F. L. Caracterização e disposição final dos resíduos sólidos gerados em curtume: (estudo de caso). Rio de Janeiro: ABES, 1999.
- COMPASSI, M. K. Setor coureiro-calçadista: desmistificando as questões ambientais. **Revista Setor Couro**, São Leopoldo, nº 62, p.05-12, 1995.
- CORREA, S. C. H.; FERREIRA, A. L. Responsabilidade social: aspectos menos visíveis de um caso de sucesso. **ENANPAD 2000**, Florianópolis-SC, 2000.
- DONAIRE, D. A internalização da gestão ambiental na empresa. **Revista de Administração**. São Paulo, v.31, n.1, jan./mar./1996. p. 44-51.
- DONAIRE, D. **Gestão ambiental na empresa**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- DUARTE JR., J. F. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ESTRELA G. Q; LEITE, M. S. A. **Gestão sob a ótica dos custos**. Programa de Pós Graduação em Engenharia da Produção. Paraíba: UFPB, 1999.
- FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In GUARESCHI, P. A. e JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ. Cadastro das Indústrias do Estado do Paraná. Curitiba: Editora Brasileira de Guias Especiais, 2000.
- GARAY, Â. B. B. S. Programa de voluntariado empresarial: modismo ou elemento estratégico para as organizações? **Revista de Administração**, v.36, n.3, jul./set. 2001. p. 6-14.
- GOMES, G. C. **Representações sociais e estratégias competitivas: um estudo através das micro e pequenas empresas do setor de confecções de Maringá**. Dissertação de Mestrado em Administração. Maringá: UEM, 2002.
- GOMIERO, F. Responsabilidade Social: uma questão de sobrevivência. **Revista Brasileira de Administração (RBA)**, Ano XI, n.35, dez./2001, p.20.
- GORINI, A. P. F.; SIQUEIRA, S. H. G. **Informativo do Ministério da Indústria, Comércio e Tecnologia**. Brasília: Complexo Coureiro-Calçadista, 1998.
- GOUVEIA, T. M. de V. **Repensando alguns conceitos – sujeito, representação social e identidade coletiva**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Pernambuco: UFPE, 1993.
- GUARESCHI, P. A. Ideologia. In STREY, M. N. e Outros. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GUIA BRASILEIRO DO COURO. Estância Velha: ABQTIC, 2002.

INSTITUTO ETHOS. **Responsabilidade social das empresas: percepção do consumidor brasileiro.** São Paulo: ETHOS, 2000.

INSTITUTO ETHOS. **Responsabilidade social das empresas: percepção do consumidor brasileiro.** São Paulo: ETHOS, 2001.

JARDIM, J. M. Informação e representações sociais. **Transinformação.** Campinas n. 1, vol. 8, jan./abr, 1996.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In GUARESCHI, P. A. e JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995.

KINLAW, D. C. **Empresa competitiva e ecológica: desempenho sustentado na era ambiental.** São Paulo: Makron Books, 1997.

KUHNEN, A. **Representações sociais e meio ambiente: estudo das transformações, apropriações e modos de vida na Lagoa da Conceição-Florianópolis/SC.** Tese de Doutorado em Ciências Humanas. Florianópolis: UFSC, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEME, M. A. V. da S. O impacto da teoria das representações sociais. In SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

LERIPIO, A.A. **Gestão da qualidade ambiental.** Monografia em Engenharia de Produção. Florianópolis: UFSC, 2000.

LOGAN, D.; ROY, D.; REGELBRUGGE, L. **Global corporate citizenship: rationale and strategies.** Washington: The Hitachi Foundation, 1997.

LUIJPEN, W. **Introdução à fenomenologia existencial.** São Paulo: EPU-EDUSP, 1974.

MAKOWER, J. **Busines for Social Responsibility.** Beyond the Botton Line – Putting Social Responsibility to Work for Your Business and the World. New York: Simon & Schuster, 1994.

MANZO, Abelardo J. **Manual para la preparación de monografías: una guía para apresentar informes y tesis.** Buenos Aires: Humanitas, 1971.

MARQUES, S. M. Maximizando o valor da empresa através da ética e da responsabilidade social. **Revista Brasileira de Administração (RBA).** Ano XI, n.35, dez./2001, p. 26-31.

MEIO AMBIENTE INDUSTRIAL. A evolução das certificações ISO 14001 no Brasil. **Revista Meio Ambiente Industrial.** São Paulo: Tocalino Ltda. Ano VII, ed.38, n.37, jul/ago 2002, p. 48-50.

MINAYO, M. C. de S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In GUARESCHI, P. A. e JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Proposta Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Indústria do Couro no Brasil**. Buenos Aires: Mercosur, 2000.

MONTANA, P. J.; CHARNOV, B. H. **Administração**. São Paulo: Saraiva, 2000.

MOREIRA, M. S. O desafio da gestão ambiental. **Banas Ambiental**, São Paulo, p. 23-25, fev. 2001. a

MOREIRA, M. S. **Estratégia e implantação do sistema de gestão ambiental: modelo ISO 14000**. Belo Horizonte: DG, 2001. b

MOURA, L. A. A. de. **Qualidade e gestão ambiental**. 3.ed. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2002.

OLIVEIRA, F. de; WERBA, G. C. Representações sociais. **Temas de psicologia social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PONTES, E. Sem ética, não há responsabilidade social. **Jornal Página 20**. Acre, 25/05/2003.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

REIS, M. J. L. **ISO 14000: gerenciamento ambiental, um novo desafio para a sua competitividade**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1995.

REVISTA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO. Responsabilidade social: o compromisso das empresas com a sociedade. Brasília/DF. Ano XI, n.35, dez./2001, p. 54-59.

SÁ, C. P. de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SÁ, C. P. de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANCHES, C. S. Gestão ambiental próativa. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**. São Paulo, v.40, n.1, jan./mar./2000. p.76-87.

SENA, R. M. B. **Introdução à metodologia científica**. Mandaguari: Fundação Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Mandaguari, 1998.

SHREVE, R. N.; BRINK JR., J. A. **Indústrias de processos químicos**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

SILVA, M. M. da. **Suicídio-trama da comunicação**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. PUC: São Paulo, 1992.

SOUZA FILHO, E. A. de. Análise de representações sociais. In SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

STRAUS, E. L.; MENEZES, L. V. T. **Minimização de resíduos**. São Paulo: CETESB, s.d.

TACHIZAWA, T. **Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa: estratégias de negócios focadas na realidade brasileira**. São Paulo: Atlas, 2002.

TISSENBAUM, A. Quem é o responsável? **Problemas brasileiros**. Jul./ago./2002. p.36-39.

TOMANIK, E. A. **O olhar no espelho: conversas sobre a pesquisa em ciências sociais**. Maringá: EDUEM, 1994.

VERGARA, S. C.; BRANCO, P. D. Empresa humanizada: a organização necessária e possível. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v.41, n.2, abr./jun. 2001, p.20-30.

VITERBO Jr., Ê. **Sistema integrado de gestão ambiental: como implementar um sistema de gestão que atenda à norma ISO 14001, a partir de um sistema baseado na norma ISO 9000**. São Paulo: Aquariana, 1998.

ANEXO

ENTREVISTA - CURTUME “A”

Histórico da Empresa?

NEM SEMPRE O Sr. TRABALHOU NA ÁREA DE CURTUMES?

Não. No curtume iniciei em 87. Montei uma empresa com um parente meu em Jaú, no interior de São Paulo. A gente montou uma pequena acabadora de couro para atender Jaú, São Paulo, ficamos sócios durante dois, três anos; aí me desliguei da sociedade por motivos...familiares, não deu certo a sociedade. Aí eu continuei na ativa como empregado numa Indústria em Americana, fiquei mais uns três anos, aí em 92 resolvi voltar para Rolândia, que eu sou nascido aqui. Saí para estudar, fazer Engenharia fora e nunca mais voltei. Faz...Fiquei 16 anos fora. Aí voltei pra cá para montar minha indústria.

SEMPRE TEVE VONTADE DE RETORNAR?

Sempre tive vontade. Eu disse... “um dia eu volto”...e voltei. Montei um negócio pequeno na época. Juntei todos meus cacarecos, vendi a casa que tinha, vendi as coisas...pra começar uma atividade própria. Acho que já tinha experiência suficiente para começar um negócio, já tinha algum conhecimento do negócio, ...

E FOI A ROLANCOUROS QUE O Sr. INICIOU?

Aqui nesse endereço. A XX é, ela fez 10 anos em 12 de janeiro agora, que iniciou a produção; a montagem, a construção da empresa foi em setembro, outubro, novembro de 92. As atividades mesmo de iniciar o processo, começar a produzir couro foi no dia 12 de janeiro de 93. Fez 10 anos agora...quatro dias atrás.

Estamos aí. Crescemos bem, a empresa cresceu.

PARA CONHECER UM POUCO MELHOR DA SUA EMPRESA, QUE TIPO DE PRODUTO VOCÊS PRODUZEM?

Então...nós pegamos o couro já curtido, que é o estágio nosso inicial, e... compro de outros curtumes, matéria-prima. Aqui em Rolândia tem o curtume XY que é um fornecedor meu. Se bem que eu tenho comprado do Brasil todo...olha...acho que não teve Estado brasileiro que nós já não compramos mercadorias. Ah, chega de todo lugar. É que a gente tem contato com todos os curtumes do Brasil então a gente sempre compra uma quantidade aqui, alguém oferece, é o processo... é o segredo do negócio, de qualquer negócio viu, é a compra, viu. Não é a venda. A venda é o mercado que dita seu preço de venda. Ele é competitivo, tem muitos curtumes...então você tem que ganhar na compra. Comprou um pouco mais barato, você tem um lucro melhor...comprou um pouco mais caro vai ter um lucro menor ... Então, a gente tem que ter esse contato diário. Eu passo às vezes hora aqui no telefone comprando... não é comprando, testando, vendo, pra comprar o melhor possível, porque senão na hora de vender não tem jeito.

O QUE É MATÉRIA-PRIMA PARA O SR.?

Matéria-prima é. Não só o couro mas...outros produtos que envolvem também, mas normalmente é o couro ... é uma parcela maior do meu custo é couro. Então você tem que fazer isso aí senão o lucro não vem, o lucro é muito baixo. O mercado está competitivo demais, tem muito curtume, tem muita fábrica de caçado também que é nosso foco maior. Se bem que eu vendo também pra bolsas, cintos...

QUAL SEU TIPO DE PRODUTO?

Bom, eu só pego couro wet blue, faço o recurtimento, faço o acabamento. Faço napas,...Enfim, qualquer tipo que você vê no pé de alguém há possibilidade de ter sido produzido aqui. A unidade de venda é m², a gente revende para as indústrias caçadistas e de artefato que é o cinto, a bolsa e a carteira também. E não ataco o mercado de vestuários. Não há interesse da minha parte em entrar neste mercado. Porque ele já requer um equipamento um pouco mais específico, o couro é muito fino, requer muito mais cuidado, então ou você é especializado numa coisa ou em outra, não adianta a gente querer ser especializado em muitas que acaba não se especializando em nenhuma. Nosso foco é o calçado, principalmente hoje estou atacando a linha do calçado...Porque você pode atacar o mercado do calçado social, calçado feminino, muda alguma coisa na produção: a espessura, o toque, um monte de fatores e tem um mercado que é pouco explorado que é o mercado surfwear, da moda surfista. Dentro do mercado do calçado masculino tem este nicho. Não chega a ser esportivo nem o social, é o surfwear. Este é o mercado bom de trabalhar porque tem grandes empresas ... no mercado e a gente sem querer vai entrar nisso aí entra em uma, entra em outra, as empresas estão crescendo muito porque este mercado está sendo alavancado, então empresas que eu já vendo bem já vendo a 10 anos. A empresa comprava uma quantidadezinha, tipo assim 1000m por mês, hoje a mesma empresa compra 10000, ela cresceu neste período, neste mercado, e a gente cresceu junto. Eu tenho 4 ou 5 empresas que vendo que eu negocio com elas. Um mercado fantástico. Então cerca de 60% da minha venda hoje está direcionada para este mercado. Feiras em São Paulo...Dentro do mercado nacional eu trabalho com vários estados, mas basicamente São Paulo que é o grande nicho nosso, mas no RS tenho clientes, em SC, aqui na região nossa, mas pouco bem pouco, dentro do Estado de São Paulo chega a 70, 80%. Nós produzimos em média 20 a 30 mil m² mês. Se você pegar que o couro tem 4m² em média daria +- 6000 a 8000 couros mês. Não exparto, até pode ser lá na frente...o mercado externo quer o couro (ligação). A exportação claro que há interesse até está favorável hoje pelo dólar. Só que acontece o seguinte...como eu produzo um produto acabado o mercado externo o que ele quer? Quer que o Brasil tire o couro do boi, faça o curtimento, fique com a poluição toda aqui, que é onde gera a grande poluição do couro, depois leva o couro pra lá e eles fazem o acabamento lá. Eles tem máquinas mais modernas, máquinas para altíssimo desempenho pra qualidade do couro, eles fazem milagres com o couro, o couro entra cheio de defeitos e vira couro de 1ª. Eu poderia comprar uma máquina desta mas custa muito caro. Investimento alto teria que importar máquina deste tipo. Então vou fazer o produto acabado, pra jogar lá fora este produto acabado ele não vai conseguir competir. A exportação fica um pouco mais complicada.

Chega a ser um plano para o futuro?

Chega sim, claro! Pretendo chegar neste ponto, mas cresceu muito a empresa nestes 10 anos, saiu de um patamar e veio crescendo e agora está chegando a hora de organizar a empresa. Eu não pretendo fazer nenhum investimento significativo ao longo de 2003. Eu quero tentar dar uma reestruturada no lay out, na organização da empresa, algum equipamento que tenha que melhorar. Quero acertar a coisa. Definir bem meus clientes, os produtos que vou fazer, este é o ano de fazer ajuste pra repensar...sempre com o pé no chão porque planos a gente tem muitos mirabolantes, o ano passado por ex. a gente tem uma área aqui de 8000m², área do terreno, o prédio tem +- 2100m de construção e a gente comprou o fundo aqui nosso, dá mais 120 mil metros. Então eu fiquei com 128 mil, até fizemos um reflorestamento nesta parte debaixo aqui, metade, uns 2 alqueires e pouco, fizemos um reflorestamento pra deixar aí, até porque fica dentro da cidade fica bonito, e a parte de cima hoje está a área desocupada, mas é

projeto nosso de implantar mais prédio no fundo, iniciar o processo do produto do couro semi-acabado, visando exportar, equipamentos mais modernos, mas é um investimento alto. Então tem que ir por partes. 1º foi comprada a área, agora quero dar uma organizada no que está aqui. A partir do ano que vem quero ver se construo um prédio lá no fundo e iniciar esta nova fase.

Então esta parte da indústria pra baixo eu reflorestei, metade da área, e esta parte está disponível pra gente ampliar, só que eu não vou usar toda ela, eu vou usar talvez mais um pedaço só.

O reflorestamento foi uma iniciativa sua? Por que?

Foi. Bom...1º motivo eu gosto, o sonho da minha vida é ter uma área de um sítio e ter uma floresta virgem. Onde eu vou que tem mata virgem eu até paro pra olhar. Coisa pessoal, a gente gosta. 2º...o fundo da indústria eu não...o que vou fazer com esta parte? Lotear eu não vou, vender eu não vou eu não tenho interesse. Estou muito dentro da cidade, então eu acho que é um presente que a gente pode dar pra cidade. No futuro teremos um reflorestamento no meio da cidade, a cidade está vindo viu? Se você acompanhar a 200m daqui já tem bairro, tem casa aqui perto. Então isso aqui foi uma coisa que eu fiz, não vou divulgar, não vou deixar derrubar enquanto eu estiver vivo. A não ser que eu precise de dinheiro e tenha que vender pra me salvar financeiramente, mas senão. Na metade da área, a outra metade está reservada pra gente realmente, hoje ela está arrendada, pra manter limpa, o vizinho está plantando soja nela também. Então nem cobro nada dele só manter limpa pode usar a área até o dia que eu precisar da área. Tinha uma área aqui aproveitei fiz um campinho de futebol para os funcionários, tem espaço a gente começa a inventar.

Impactos sobre o Ambiente? / Sociedade?

O que eu posso lhe dizer é, não sei o que você se refere a palavra ambiente. Se é ambiente no sentido ecológico ou ambiente no sentido comunidade, espaço. Na comunidade, na cidade é claro que a gente tem influência porque é uma cidade pequena e qualquer empresa gera muito emprego, x funcionários, gera emprego, mas a gente não tem como escapar da comunidade e é nossa obrigação também, pra você ter uma idéia aqui em Rolândia está tendo um torneio sul-americano de futebol mirim e infanto juvenil, tem uns 30 ônibus na cidade tem gente até do Paraguai, São Paulo, vários estado estão aí, então a meninada está dormindo em escolas e o pessoal ligou pra gente da coordenação pedindo doação pra poder alimentar esta meninada na última semana, então a gente faz uma doação. Aí vem o pessoal da APAE, auxilia o pessoal da APAE, sempre de forma financeira, dinheiro do bolso pra ajudar. Tem uma fundação (hospital), o pessoal estava quase falido, a própria cidade resolveu erguer este hospital. Até que encabeçou isto daí foi nosso colega do couro que é o mmmm que é dono do Curtume XY. O mmmm é o presidente desta fundação e fez um trabalho enorme dentro da cidade, a gente ajudou muito e com isso o hospital foi todo reformado, se instalou uma UTI, tudo com recursos praticamente da cidade, das pessoas. Como empresa a gente tem esta obrigação, você não tem como escapar, então a gente ganha, a gente cresce,...mas a gente tem este compromisso com a comunidade, com a sociedade, você acaba sendo envolvido porque uma cidade ela vai apelar pra quem? Pras cabeças pensantes da cidade, ainda bem que tem gente que toma iniciativa pra certas coisas e a gente vai ajudar, é uma obrigação da gente, que a gente vive este é nosso espaço. Estou instalado aqui, é aqui que eu vivo, aqui que minha família vive, meus filhos vivem, a gente quer o bem estar da gente, claro a cidade estando numa condição de bem estar boa a gente também vai estar. Se a cidade estiver ruim a gente...Imagina se um hospital deste fecha? Tudo bem, eu posso, tenho mais condições, eu

vou a Londrina, mas meus funcionários não têm aonde ir. Então você tem uma certa obrigação de construir (?) algumas coisas em prol de você também. Você também tem benefícios, eu me sinto às vezes muito contente em estar ajudando porque vem o retorno sabe, você sai nas ruas as pessoas te olham com cara boa, (?) auto estima sua, e vou dizer uma coisa bem...cada um acredita no que quer, né, mas acho que tudo que você faz pra alguém sempre vem em dobro pra gente. Eu tenho esta sensação porque nós neste tempo de empresa aqui, tudo sempre deu muito certo, e nós nunca viramos as costas pra ajudar, pra o que precisar. Sempre deu certo e a gente tem este espírito de ajudar e volta. Não é uma preocupação premente de alguma ação, coisa, mas você acaba se envolvendo e cada um faz sua parte. Cada cabeça uma sentença. Aí é uma questão pessoal, não é uma questão de gestão, eu acho importante. Eu acho que eu recebo sempre em triplo, em quádruplo o que tenho feito. (...sempre receba todos na sua empresa...). Isto é importante para a empresa, manter na comunidade uma imagem de empresa boa. A empresa na minha opinião tem que ser bem vista do ponto de vista de crédito, ou seja, se ela dever tem que pagar, então pra ela ter o crédito, uma boa imagem do ponto de vista financeiro que é importante para a empresa, pra vida dela. Tem que ter uma boa imagem junto aos fornecedores, pagar direitinho as contas, junto aos clientes, tem que ser bem atendidos nos sentido de quantidade, qualidade e preço. Faço mercadoria que se eu mandar pra um cliente ele me devolve, se mandar pra outro ele elogia, então você tem que conhecer um pouco de cada cliente pra você chegar na qualidade ideal pra ele. ...nesse sentido e no sentido que eu estou falando de boa empresa.

Planos?

Não, eu não planejo nada assim. Você faz da tua empresa tua casa, tua vida, teu jeito de ser, eu não posso forçar o que eu não sou, não consigo, deixar de falar o que eu penso ou enganar, usar demagogia., isto é uma coisa de cada um, você faz da empresa a sua imagem, eu não estou planejando nada de melhorar, e também não estou preocupado em ter uma melhora ou piora, o dia que eu tiver esta preocupação e começar a agir desta forma em função desta preocupação (fazendo um monte de baianada, de coisa errada no meio, não vale a pena). Provavelmente eu vou me atropelar lá na frente.

Dificuldades?

Não, nenhuma. Em gestão de empresa também não. Você tem uma coisa sua, né, a única coisa que me preocupa lá na frente é a sucessão, se meus filhos vão querer isto aqui. A preocupação porque você quer que a coisa fique para todo o sempre. Eu acho que uma empresa tem um pouco disto também, é como se fosse um filho da gente, de uma outra forma. Então você tem sua empresa você quer que ela seja boa, que ela cresça, que ela seja saudável em todos os aspectos, que ela tenha um bom relacionamento, você quer que ela continue mesmo que você deixe de existir. Agora se tudo começar a dar errado, dar pra traz, você vai perder a empresa, mas seria uma frustração muito grande perder a empresa. Você joga todos seus anos de vida em função da empresa, passo mais tempo na empresa do que com minha família.

Falou que não plantou árvore na frente da casa que construiu. Os vizinhos perguntaram: E a ecologia?

Ecologia? Há 3000 m daqui eu plantei 8000 árvores, estou dando de presente pra cidade um bosque aqui. Vem falar de ecologia. Eu não vou vender esta área, espero nunca precisar vender, vai ficar pra cidade, são 2,5 alqueires, é pouco, mas são 70.000m² de mata (?). Abandonei a área, plantei um monte de árvores, Ipê, Eucalipto, ...um monte de coisa. Foram

8000 mudas. Fora o que está nascendo no meio. Vai brotando, vai mudando a vegetação natural da região, vão uns 50 anos pra ficar bonito, mas um dia fica. Eu não vou ver, mas... Gera um impacto positivo pra empresa, uma empresa preocupada com ecologia, com o meio ambiente, Não está agredindo o meio ambiente, porque o couro, quando as pessoas falam em couro, curtume em poluidor, não sei o que...

Então, no ano passado estes dois formandos, alunos de Administração aqui da Faculdade de Rolândia tinham que fazer um trabalho de Estudo de Viabilidade Técnica e Econômica da implantação de algum tipo de indústria. ... me procurou e perguntou você não tem nenhuma idéia de alguma coisa aí, no ramo de couro, fazer um trabalho para desenvolver alguma indústria de calçado, tinham que fazer um trabalho supervisionado, um estágio. Eu fiz um estudo de VTE pra mim, pra meu uso, levei quase um ano pesquisando, que é pra mim montar uma outra indústria que é pra utilizar nossos resíduos do couro sólido e existe um processo que recicla isto aí e transforma em sola de sapato.

ENTREVISTA - CURTUME “B”

Histórico da Empresa?

O destino do nosso produto seria o mercado interno e exportação. A nossa produção de 1500 couros dia, 20 a 30 % é mercado interno, então, conseqüentemente, 80 a 70 % são exportação. Nossa venda é por metro quadrado. Se você considerar que cada couro tem 4 metros e meio para 1500 couros dia se transformará em 6750 m² por dia, há 22 dias, nós produzimos 148.000 m² por mês. Esta produção é de couro semi-acabado, que não sofrem acabamento, não foi pintado, não foi envernizado.

Tem cliente que pede semi-acabado e o acabado, pronto para confeccionar calçado. Quando falo semi-acabado o importador ou mercado interno acabam da maneira que quiserem, ou então já pedem o acabado. E estamos entrando no estofamento para automóveis, avião e móveis também. Isso não seria plano futuro, mas um plano de imediato, pois o mercado está pedindo couro de estofamento. O nosso forte é bolsa ou acessórios, mas o único objetivo nosso é entrar em couro para estofado. Já é uma ação atual.

Planos Futuros?

Não, não. Eu diria que o futuro é hoje. Seria entrar no estofamento. Agora, plano futuro, talvez, aumentar a produção. Não se sabe como vai se comportar o mercado desse estofamento que é um plano futuro para ontem. Muito bem, se o estofamento der certo, com certeza vai aumentar a produção. O foco é aumentar a produção.

Impactos sobre a Sociedade e o Ambiente?

Impactos sobre a sociedade...Acredito que pode ser forte para nós. Somos 300, quase 400 funcionários. Acho que o impacto economicamente é forte ainda mais na conjuntura atual, falta de emprego, essa problemática nacional.

Agora quanto ao meio ambiente eu diria pra você que somos um dos poucos curtumes da região que nosso tratamento está chegando nos parâmetros do IAP. Está quase chegando lá. Temos um tratamento e uma preocupação nossa.

Por que?

A própria sociedade exige. Eu diria...Sociedade e os órgãos governamentais. O preço fixo do nosso tratamento é em torno de R\$40.000,00 por mês, entre mão de obra, produtos químicos, energia... Como gestão futura, pra ontem, estamos procurando melhorar este tratamento ainda mais para atingir os parâmetros do IAP. Aí vai ter um investimento em torno de R\$200.000,00 a R\$300.000,00 em curto prazo. Estamos desenvolvendo... Tem firma especializada que estão nos assessorando, firmas do Rio Grande do Sul, e tem uma firma Italiana, também, que estão propondo os equipamentos, mas a Italiana está inviável. Estamos procurando melhorar para atingirmos os parâmetros dos órgãos governamentais, os parâmetros dos despejos de efluentes.

O que já temos implantado em nosso curtume é que após o despejo do nosso efluente, é lógico, tem um tratamento e é despejado no corpo receptor, que é no ribeirão Barra Nova. Estamos reutilizando esta água, quer dizer, o impacto ambiental está sendo menor. Estamos utilizando a água do rio no nosso sistema produtivo em parte; uns 30 a 40% da água que consumo estou reutilizando daquele riozinho.

Como surgiu esta idéia de reutilizar a água?

Sempre evitar menos poluição possível, já visualizando que, mais cedo ou mais tarde, esta própria água do rio que nós utilizamos vai ser cobrada. A lei já existe, mas não se está cumprindo. Então, já visualizando isso nós já estamos reutilizando nosso próprio despejo, ou seja, com o tratamento já misturado com a água do rio. Não é só o efluente despejado. Isto, atendendo sempre os reclamos da sociedade e do IAP, e também, economicamente.

Dentro da sociedade, aquele fator econômico, também. Você nota os custos indiretos, também, ... se você considerar que cada família tem...(qual a média nacional?), vamos por 2, já são 800 pessoas. E, lógico, os impactos dentro da cidade, fornecedores, o comércio de Apucarana, impostos (que não são poucos). E do meio ambiente gastamos em torno de 30 a 40 mil mensais, temos um investimento programado em torno de 300 mil reais, sempre procurando melhorar nosso despejo.

Há dificuldades para implantar as ações?

Diariamente são feitos estes planos. Agora, quanto ao investimento tem que estudar, ver o retorno. As dificuldades são econômicas e também ver se esta despesa vai trazer algum retorno. A gente conhece alguns curtumes que investem, investem em tratamento de efluente e não traz resultados satisfatórios. Depois fica um elefante branco lá, né? Em curto prazo, mas sempre sabendo o que faz para evitar depois ter um elefante branco.

Outros objetivos na implantação deste couro para estofamento seria a construção de um prédio de 5000 m², porque? Novas máquinas. Temos máquinas italianas, mas o espaço está sendo pequeno. Mais impacto sobre a sociedade, pois a firma de Apucarana que está fazendo isto e os fornecedores, eu diria para você, 70% também são daqui. Acho que isto também é bom para a sociedade de Apucarana. As máquinas são italianas porque a tecnologia italiana é o top destas máquinas para acabamento de couro. Máquinas nacionais nós temos, prestigiamos também, e as grandes firmas são de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Estância Velha, São Leopoldo. Mas, máquinas dirigidas para estofamento de couro, acabamento...se a gente está entrando nisso tem que ser o top e infelizmente são máquinas italianas.

Há preocupação da empresa com a busca de novas tecnologias?

Com certeza, sempre, sempre. Novas tecnologias e, lógico, também tem produtos importados, produto químico auxiliar. Existem, sim, as multinacionais no Brasil como..., mas o produto que dá um bom resultado do estofamento, infelizmente tem que vir de fora. E a gente tem que partir para isso para que nosso produto seja competitivo no mercado, com qualidade.

Por que é importante fazer um produto com qualidade?

O estofamento é uma linha sofisticada que tem muito pouco no mercado. Uma BMW não vai colocar qualquer estofamento, então tem que ser um couro muito bom livre de defeitos e que a pessoa ao utiliza-lo sinta aquela maciez e não comece sair tinta nas costas da pessoa. Mesmo aqui no Brasil, uma Ford, uma Renault, e estofamento para indústria de móveis também...tem que ser uma coisa de 1ª linha. É onde a gente procura se adequar ao mercado.

O mercado interno seria no centro coureiro do país que seria: Novo Hamburgo, um pouco Jaú, Franca, forte, centro calçadista, depois um pouco em Belo Horizonte, e um pouco no Rio de

Janeiro. Isso seria couro para fábrica de sapato. Nosso mercado externo o forte é acessórios, ou seja, bolsa, vestuário, cinto, etc e estamos entrando no estofamento. E estamos com o objetivo de pegar também uma fração no mercado interno nessas indústrias de móveis de estofamentos e também na indústria automobilística. Isto é um trabalho de divulgação, eles têm que sentir a qualidade do nosso couro. Um mercado que existe e que está em franca ascensão. Promissor! Haja vista o investimento forte.

A indústria de calçados tem mercado interno mas o objetivo é exportação para, basicamente, Estados Unidos e depois, em segundo plano, Itália, Espanha, Portugal, Ásia (Coréia do Sul, China, Hong Kong), pega o nosso couro, industrializa e manda para os Estados Unidos que é o grande mercado consumidor, sem dúvida.

Futuro?

O futuro é imediato. Agora, o tratamento de efluentes sempre tem novas técnicas, novas tecnologias e a gente sempre procura estar a par para procurar soltar efluente dentro dos parâmetros exigidos pelos órgãos governamentais. E, lógico, um pouco também de consciência ecológica: procurar despejar a água dentro dos parâmetros normais de potabilidade. Eu acredito que diminui muito a carga poluidora.

ENTREVISTA – CURTUME “C”

Histórico da empresa:

O curtume iniciou suas atividades por volta de 1986. Começou a curtir couro na faixa de 87, 88. Faz parte de uma família que já tinha um outro curtume antes disso aqui mesmo. Foi montada esta unidade e a partir daí começou a trabalhar com couro, na época exclusivamente com couro wet blue. Hoje trabalhamos com couro acabado e semi-acabado também. Então, ela variou. E tem uma outra unidade também que ela já faz a parte de caçados que é na área de segurança. Tem uma unidade grande que trabalha com artigos de segurança pessoal, produtos de proteção individual, botas, capacete, luva, proteção auriculares... Uma outra unidade que embora seja da família é totalmente separada.

Qual o produto?

Hoje trabalhamos com couro wet blue, também com um pouco de couro semi-acabado e acabado, sub produto do couro: raspas, sebo e subproduto destinado para gelatina (aparas) e ... Nosso cliente final compra matéria prima nossa e vai transformar isso em gelatina, em cola e também artigos destinados para “dog toy”, uma espécie de ração para cachorro. Tem também uma unidade que é destinada à recuperação do resíduo do couro, do pó da rebaixadeira do couro onde nós aglomeramos e fazemos sola e palmilha para calçados de couro regenerado. Ela recupera tudo que iria ser jogado no meio ambiente, retira tudo e transforma em aglomerado de couro. É dentro do próprio curtume. Nós consideramos uma unidade separada, cada unidade produtiva é uma unidade separada embora esteja sobre a mesma direção. Cada unidade responde por um faturamento, um resultado, ... Aqui dentro temos a unidade do wet blue (couro), a parte de sebo (de graxaria), de sub produtos para dog toys e gelatina e a parte de raspas que é um subproduto do couro também: pode fazer caçados, luvas para trabalho, algum artefato, mas o principal é destinado para material de proteção. Quase que não compensa fazer destinado para esse mercado mais sofisticado que demanda área maior,...

O abate é feito pelos nossos fornecedores que são os frigoríficos e os salgadores. A matéria prima pegamos da região como do Brasil todo, dependendo da oferta, disponibilidade... O frigorífico vende o couro verde ou em sangue (couro fresco) como o couro salgado que pega de uma região mais longe porque ele está conservado (Mato Grosso, São Paulo, Nordeste, Centro Oeste). Já o couro verde tem um tempo menor por estar em estado de decomposição, é uma matéria ainda orgânica. Hoje estamos trabalhando na faixa de uns 2000 a 2200 couros por dia. Já trabalhamos mais, tinha uma época que tinha uma capacidade de quase 4000 couros dia. É um pouco de ponto de equilíbrio também. Muita produção demanda mais recurso financeiro, mais mão de obra, mais máquina, então, um pouco de ponto de equilíbrio, até porque a matéria prima da região não é tão boa que faz você ter um volume menor de produção. Deve ter na faixa de uns 200 funcionários. Varia de curtume para curtume, dependendo da linha de produção você demanda mais pessoas ou não. E da automação de curtumes também, embora este curtume foi projetado de uma forma de níveis onde a produção de cima acaba e já vai para baixo e não precisa ter gente para movimentar, enquanto em curtumes planos dependem de movimentação mecânica, que facilita um pouco.

Destino dos produtos?

Podemos dividir entre mercado interno e externo, onde estamos hoje com uns 60% exportação e 40% mercado interno. Isto muda um pouco conforme o mercado caminha. Em exportação chegamos até 80% e vice versa também, conforme o mercado lá fora caminha a gente tem

mercado para os dois lados. O principal mercado nosso interno hoje é a região sul que é a região do Vale dos Sinos, da grande Porto Alegre, Novo Hamburgo, ali é onde tem o pólo calçadista maior do Brasil. Tem a região de Franca que é uma grande produtora de calçado também só que não é o nosso forte. Já fomos mais, hoje praticamente depois de uns quatro anos pra cá nós estamos atuando muito pouco dentro de Franca e muito forte no mercado do Sul, um mercado mais interessante por questões mercadológicas mesmo e de produção, etc... Atendemos também a região de Minas. É difícil você generalizar, porque já tem os pólos que compram (Franca, Jaú, Birigui,...) calçado masculino e região Sul, calçado feminino. O mercado externo para o couro nós temos clientes na Europa, na Ásia, nos Estados Unidos, alguma coisa na América do Sul. Mais na Europa, na região da Itália e na Ásia (China, Taiwan, Coreia). Um dos grandes compradores mundiais hoje é a Itália. Tanto semi-acabado como acabado como também o wet blue, que assim eles podem acabar. É por causa do efeito do cromo que dá este aspecto azulado no couro. Deixa de ser uma matéria orgânica para se tornar uma matéria inorgânica, passa a conservar o couro num tempo determinado. Desta parte você pode fazer o couro acabado ou o semi-acabado, a cor que deseje, o acabamento,...

Planos para o futuro?

A intenção é manter parcerias com os clientes que a gente tem, tentar, também, fazer a cadeia produtiva completa, desde o couro até o calçado, tanto é que a empresa tem hoje isso, embora seja em unidades separadas: produzir o couro, acabar (tem mais valor agregado). Claro que a intenção da empresa é firmar parcerias no aspecto de produzir mercadorias com maior valor agregado que é justamente o couro acabado ou até mesmo o calçado. No caso do calçado já temos uma Unidade embora seja separada. Também expandir um pouco esta área que, embora seja uma área que diverge da área do wet blue, tem muito haver com o couro porque é o resíduo, que é algo que acho que no futuro vai ser bastante cobrado de uma indústria que, de certa forma, é bastante poluente, a carga poluente dela é pesada embora nós já fizemos investimento bastante alto na área de tratamento de efluentes. Tem um ribeirão aqui no fundo que a água sai totalmente limpa. Cogita-se que no futuro a própria indústria que produz um sapato de couro ou um calçado de couro vai precisar de uma destinação para este produto. Um sapato de couro nunca acaba. A parte de cima dele, o couro não se deteriora mais, depois de curtido. Nós estamos reciclando a parte do resíduo de couro, para nós é um ponto positivo dentro do aspecto ambiental, pelo menos. Na realidade, um grande empecilho, um grande problema para quem produz couro semi-acabado é justamente os resíduos do wet blue porque ele tem uma certa espessura e tem que fazer um processo de rebaixamento do couro que é você tentar adequar a espessura do couro. Então ele tem uma espessura que não é tão regular e na máquina de rebaixamento ela tira o excesso até chegar numa espessura desejada. Esse pozinho é o que resta e você não faz nada. Então tem curtumes que está estocando aquilo, vai prensando e estocando. Já estão tentando fazer alguma coisa com tijolos...ninguém sabe se o cromo pode ser usado (?) ... metal pesado, mas também tem a questão de custo porque pra você fazer depósito em lixões, estas coisas, você paga uma grana razoavelmente alta. Dá uma destinação destas que é você reciclar isso aí e fazer sola, palmilhas para você colocar calçados, acaba substituindo isto geograficamente e você não concentra. Você está utilizando o produto novamente.

Impactos sobre o ambiente?

De certa forma sim, embora os impactos que estão tendo agora são os resíduos líquidos que hoje não está acontecendo mais porque há um tratamento de efluentes. Já tem esta estação de tratamento. Hoje o órgão ambiental do Paraná (IAP) ele não autoriza você movimentar um

(curtente?) curtume nem frigorífico se você não estiver um tratamento de água funcionando, e isso aí nós já temos. Então a parte líquida, o resíduo líquido e também o resíduo sólido são tratados nesta estação de tratamento. E a questão dos sólidos neste caso específico, não necessariamente o curtume precisa ter uma estação de tratamento para você ter esta questão do rebaixamento. Por exemplo, um curtume pode não fazer o wet blue então ele não tem o resíduo líquido, ele só compra o wet blue e faz o acabamento. No rebaixamento ele já está gerando um resíduo que é o resíduo sólido, o pó do couro. Este resíduo nosso reaproveitamos. É uma matéria prima para fazer um outro produto que é chamado...

Por que?

Primeiro porque é um filão de mercado, é um produto que é mercadologicamente bem visto no mercado e outro lado é essa questão do ambiente, também, você estar tirando problemas de dentro da sua empresa. E a questão mercadológica: outras palmilhas são de couro e materiais sintéticos, de papelão, laminado, que começa a gastar, é couro reconstituído; então para alguns clientes é importante porque o calçados deles pode-se dizer é genuinamente de couro embora de couro reconstituído, que é positivo também. O couro também por ser uma matéria de origem animal tem uma boa transpiração, tem esta finalidade também, absorve suor e tudo mais. Para nosso cliente final em determinados casos é um marketing positivo para ele. O preço é bem inferior do que você comprar o couro mesmo.

Não solta resíduos, como fumaça, ... tem produtos químico, tudo isso, mas não chega a ser tão impactante quanto o resíduo líquido. Porém hoje ele está sendo bem tratado. Atendendo o IAP... É uma preocupação, sem dúvida nenhuma, e também uma necessidade senão a empresa, de tempos em tempos é vistoriada e se não tiver de acordo pode ser interditada. Hoje o ambiente é uma coisa que pega bastante, é custoso não sei se tem um retorno financeiro, mas você acaba tendo que cobrir o custo para poder trabalhar e tal, e daqui a pouco está tudo poluído aí também, a gente depende financeiramente disto e a gente tem que preservar.

Impactos sobre a sociedade?

O grupo hoje é um dos maiores da cidade, juntando tudo é uma das indústrias que mais emprega aqui na cidade, tem um impacto grande no aspecto empregatício. Se você for contar a família na média de 4 ou 5 a gente está atendendo (? mil pessoas) indiretamente fora indiretamente as outras atividades que gira em torno de fornecedores, de clientes, tem um impacto bastante expressivo aqui pra essa região. A questão do aspecto de emprego, mão de obra; comercialmente falando não posso lhe dizer porque a cidade na região não é um pólo produtor nem de caçados e nem de estofamentos, que é outro nicho de mercado: estofamento para carro e para mobília também. Aqui não é uma região produtora que consuma matéria-prima.

Ações sobre os impactos?

A gente tem o compromisso aqui, sabe que tem um monte de gente que depende da empresa, trabalhamos no aspecto de manter a empresa, rentabilidade,...a diretoria com certeza tem essa visão com estas pessoas que dependem daqui, não só de mão de obra mas também de fornecedores, então tem esse lado...

Planos futuros?

Não, nestes aspectos não que a gente tenha alguma coisa muito radical que vá mudar a missão da empresa e o objetivo, não tem nada tão específico. Mas, é lógico que a gente vai sempre estar trabalhando para melhor, para a questão qualitativa de melhorar... a questão ambiental... é uma preocupação sem dúvida tanto é que foi investido bastante neste lugar, o que tiver de tecnologias mais novas a empresa é interessada em adquirir desde que também haja um custo benefício, quer dizer, tenha um retorno também disso, porque você vai investir em meio ambiente é importante numa forma racional que você possa aproveitar, ou seja, pegando o exemplo da "" foi criada a empresa, investido, mais quando foi fundada a empresa e com isso foi evoluindo com máquinas, equipamentos porque ao mesmo tempo que você ajuda o ambiente você também está tendo uma matéria prima, um material melhor, você é melhor visto no mercado, com qualidade superior aos seus concorrentes, aquilo que te falei, é um custo que tem um benefício, você investe, gasta dinheiro, lógico, mas também vê a conta da recuperação, que também é uma preocupação da empresa. Hoje tudo que se faz na empresa tem que dar resultado. Não adianta você simplesmente investir por investir. Você ter, principalmente um artigo com qualidade, que tenha durabilidade (nosso material foi testado no Inmetro, que também tem normas que tem que ser obedecidas), ao mesmo tempo em que você ajuda o meio ambiente você também está objetivando resultado. Investir por investir, vai chegar um momento que não vai mais investir porque não tem recurso.

Busca de novas tecnologias?

Com certeza, a indústria de curtume é uma indústria que ela se renova gradativamente. Então equipamentos que se tornam muito antigos não dá uma qualidade boa do couro, você não tem rendimento, embora isso impacte um pouco na mão de obra, substitui um pouco a mão de obra que faz um serviço repetitivo, não quer dizer que você botando uma máquina aqui você vai substituir todos os funcionários, vai alocar eles para fazer funções que realmente dêem resultado. A indústria curtumeira é uma indústria que se renova, tem principalmente máquinas importadas italianas (investem muito neste lado) máquinas que aproveitam melhor o couro, dão melhor resultado, melhor qualidade, então também a empresa está atenta a este segmento, melhoria. É lógico que todo o investimento via de encontro ao mercado, conforme o mercado vai solicitando a empresa tem que acompanhar.

Há dificuldades?

A principal dificuldade que eu vejo é a questão de matéria prima. Este é um ponto que é bastante pesado, do ponto de vista de você conseguir resultado porque a matéria prima não é uma coisa que você tem domínio, ou seja, ela envolve n fatores (qualidade, financeiro, fornecedores, distância, etc) porque a partir do momento que este material está dentro da sua empresa, você consegue controlar seu funcionário, fazer as coisas do jeito que você quer, só não existe nada que consiga transformar sua matéria prima, por ex. pegar um couro que você recebeu de uma certa forma e transformar em outra pra melhor. Ou seja, se você recebe o couro com furos, com algum defeito, problemas de riscos, de carrapato, de berne...isto impacta terrivelmente na questão da qualidade do couro. É uma coisa que você não consegue mudar. O pecuarista não tem ganho nenhum se ele tratar melhor o boi, este que é o problema, ele vende por peso, então ele não se preocupa se a cerca dele tiver arame farpado,... Tem alguns programas para remunerar melhor aquele pecuarista, mas é um pouco difícil porque uma hora ele entrega num frigorífico, outra hora em outro e assim vai. Então a questão da matéria prima, no passar dos anos, tem caído demais a qualidade do couro, isto tem feito com

que o preço no mercado nacional tenha caído um pouco. O curtume compra a matéria prima do jeito que está. Existe uma demanda maior do que a oferta porque tem quem compre. Este é o grande problema hoje da indústria curtumeira. É você pagar uma matéria prima cara e depois na hora de vender não tem condição de mudar. É fornecedor também, não existe mais fidelidade tão grande de quem fornece a matéria prima. O aspecto qualitativo é um desafio, e o Brasil hoje está perdendo mercado mundial em função da qualidade do couro. Ele vai ser o futuro maior produtor e fornecedor de couro. Hoje dever estar entre o 2º e 3º maior rebanho do mundo. Tendo rebanho e matança, tem couro.

ENTREVISTA - CURTUME “D”

Histórico da empresa

Pra conhecer o Curtume D vou contar um pouco do que antecedeu que foi o meu sogro que começou a trabalhar com curtume há aproximadamente 40 anos em Londrina e depois abriu outra empresa em Guarapuava. Retornou a Londrina, construiu uma nova unidade e nesse momento deixou de fazer sola e passou a fazer só vaqueta. Antes ele fazia sola começou com sola e fazia vaqueta em Guarapuava também. Vaqueta é o couro curtido...Pra sapato e ficou durante muito tempo sem mexer com sola até que bateu a saudade ou vislumbrou que era um bom negócio, instinto de empresário, que a sola ainda ia dar algum retorno e montou esta outra unidade aqui em Ibiporã só com o intuito de fazer o curtimento vegetal chamado de sola. Nessa época eu desenvolvía minha atividade técnica de agrônomo e fui convidado pra vir gerenciar aqui o Curtume D a quatro anos. Na verdade começamos a atividade aqui em 97, cinco anos, e o que a gente faz aqui é só trabalhar com curtimento vegetal.

Destinação dos produtos

É um curtume pequeno, nós produzimos 100 couros dia cerca de 2200 couros por mês. E o nosso maior mercado é selaria e artefatos cintos acessórios. Vendemos pouco pra indústria de calçados e o destino principal é palmilhas e não solado que envolve uma característica que a gente não está bem preparado.

Tem alguns aqui na região Maringá, Curitiba, 20 a 25% da nossa produção. Uma parte vai pra Sta Catarina e Rio Grande do Sul, uma parte pra São Paulo, Minas e Goiás. E um pouquinho ainda pro Mato Grosso. A maioria são clientes pequenos. A gente não tem nenhum grande consumidor de sola.

Qual a matéria prima e de onde vem?

Nós trabalhamos de duas formas, como a gente não tem instalação pra fazer calero e não temos a ribeira nós temos que partir do couro já piquelado. Ele já está semiprocessado. Então se a gente comprar couro salgado eu pago pra algum curtume da região fazer a primeira parte. Outra possibilidade é já comprar ele niquelado. Nesse caso eu já estou comprando de algum curtume aqui da região que faça a primeira etapa. Não vem necessariamente da região a matéria prima, vem de longe: Mato Grosso, Goiás, Minas, Rio de Janeiro, Espírito Santo. Muitas vezes a gente nem sabe de onde que vem. Como a gente compra da mão de salgadeiras a origem nem sempre é sabida.

Quais planos para o futuro?

A gente tem vontade de ampliar o mercado em São Paulo pela proximidade e pelo potencial que ainda não fizemos contato com nenhum representante. Na verdade tem uma quantidade de selarias interessante em São Paulo, nossos clientes são bem distribuídos.

Sua empresa produz impactos sobre o ambiente?

Não!!! Nós trabalhamos com sistema quase que a seco. O consumo de água é muito baixo e a gente faz uma reciclagem dos efluentes de tal forma que o resíduo mesmo é pequeno. E esse resíduo é basicamente de tanino que é um componente vegetal originado de casca de ...? Isso

é totalmente biodegradável. Então o impacto é nenhum, não temos problema de resíduos nem de cheiro, tanto é que estamos instalados aqui na beira da rodovia em um lugar residencial.

E sobre a sociedade?

Acho que o impacto é pequeno social. Temos só 10 empregados e temos a intenção de ampliar a produção e produzir alguns artefatos, daí abre uma porção de vagas e amplia a oferta de postos de trabalho e pode ser que o impacto na sociedade seja um pouco maior.

Planos futuros para alterar impactos?

Utilização do nosso produto básico dando continuidade do processo sem alterar o produto, cortar pra fazer cinto, coleira e alguns outros artefatos. Esse plano já é o suficientemente grande pra nós.

Existem dificuldades?

Ah sim, sem duvida nenhuma, principalmente de conhecimento de mercado, porque não é esta área que a gente tem trabalhado, pra nós será um mercado novo, uma atividade nova por isso que estamos caminhando bem devagar. Temos a intenção! Acho que é viável o projeto, mas não podemos perder o foco principal que é o curtume. Uma estrutura muito pequena que a gente deve caminhar devagar.

Há preocupação com a busca de tecnologias?

Isso sempre é contínuo. Toda hora nós estamos tentando novos produtos ou novas matérias-primas e também novos métodos. Alguns dão certo, a maioria não. Existe a preocupação em aprimorar nosso produto para nos mantermos no mercado pra oferecer um produto melhor que traga alguma vantagem pro cliente em relação ao que tem no mercado. Isso não é muito simples porque é um artigo tradicional, uma matéria prima pra selaria, por exemplo, mas existe a preocupação de melhorar nosso produto.

ENTREVISTA - CURTUME “E”

Histórico da Empresa:

A empresa existe desde 1996. A matriz situa-se no México. A produção corresponde a cerca de 4500 couro/dia. A empresa exporta para 21 países. A exportação corresponde a 80% da produção, principalmente para Itália, Espanha, Portugal, e Oriente (China). 20% da produção vão para o mercado interno para indústrias de vestuários e caçados, principalmente para Franca e Rio Grande do Sul. A matéria prima tem origem das regiões Centro oeste e norte, principalmente. Falta muita matéria prima devido a grande disputa pela mesma.

O produto da empresa corresponde ao curtimento vegetal ou ao curtimento de cromo, ou seja, a empresa realiza até a etapa de curtimento, originando o Wet brown (vegetal) e o Wet blue (cromo).

A empresa possui cerca de 200 funcionários.

Planos?

Pensa-se em ampliar a produção e produzir o couro acabado. E também, com relação a parte ambiental, reciclar o efluente final para que o mesmo possa retornar para a produção, porque reduzirá o consumo de um recurso natural limitado que é a água, além disso reduzirá a tarifação, pois paga-se pelo uso, tanto pelo volume como pela carga orgânica.

Impactos sobre o ambiente?

O principal são os resíduos. Toda indústria produz, até mesmo em nossas residências. A empresa tem como controlar e minimizar o máximo possível. Por isso a empresa é certificada.

Por que?

A empresa considera importante. Primeiramente por ser uma opção da empresa, pois não há pressão por parte dos clientes. Também gera tranquilidade com o trabalho desenvolvido. Melhora o relacionamento com a comunidade que passa a ser um cliente seu. O órgão ambiental passa a ser visto como parceiro e não como alguém que vai barrar algo e, também, numa visão de futuro, preocupação com o ambiente. Os bancos já começam a preocupar-se com ações ambientais, cada vez mais selecionam quem está no mercado.

Impactos sobre a sociedade?

O curtume é uma empresa bem vista pela comunidade. Há geração de empregos e faz com que ocorra giro de recursos. A empresa realiza o Planejamento Estratégico Empresarial e através do mesmo tem ações que demonstram sua preocupação com o desenvolvimento social. Busca-se a integração junta á sociedade. Afinal, os próprios funcionários fazem parte da sociedade. Todo trabalho reflete na rotatividade da empresa. Faz-se a medição do absenteísmo e o que leva a uma equipe bem preparada para realizar suas atividades. Há muita preocupação com os clientes internos que são todos os funcionários da empresa. Todo funcionário antes de começar a trabalhar passa por treinamento admissional. A empresa também participa na sociedade através de patrocínios, desenvolvimento de projetos, abertura de visitas para escolas, caminhadas ecológicas, etc. Para este ano estamos alterando a programação e desenvolvendo visitas não só com escolas, mas também com os familiares dos

funcionários para conhecerem a empresa. Muitas vezes quando se pensa em curtume cria-se uma barreira. Através destas visitas esta barreira é quebrada.

Ações?

A empresa possui estação de tratamento que a própria legislação exige. É importante, no entanto, que antes de ocorrer os acidentes é preciso ter mecanismos para agir preventivamente.

A empresa preocupa-se mais com o risco potencial do que poderá acontecer. Então os próprios operadores são responsáveis pelo controle das máquinas, através de um check list. Estão envolvidos e são responsáveis pelo desempenho do processo. Faz parte do programa de gestão da empresa. A empresa também busca sempre novos produtos que agredam menos o meio ambiente. Também é feita avaliação junto aos fornecedores para selecionar, ter padrão do produto e do processo. Existem certos critérios pré-estabelecidos a serem atingidos tanto na qualidade como na questão ambiental.

A reciclagem do cromo (surgiu internamente) economizando a quantidade de cromo e de sal, num circuito fechado. O processo de caleiro funciona num circuito fechado reduzindo a quantidade de matéria orgânica. Faz com que aumente a produtividade, a qualidade do produto, reduzindo os desperdícios e os impactos ao meio ambiente.

Realizamos treinamento admissional para ingressar dentro da cultura da empresa; treinamento para levantar as necessidades de cada função (interna e externa), treinamento ao alterar um processo e para melhorar um processo de trabalho. Fazemos o levantamento da legislação pertinente e atendemos a mesma. Tudo isto é avaliado e verificado através de auditorias internas e externas.

Planos Futuros?

Formar um Time de Qualidade Ambiental, instalar equipamentos com menor consumo de energia e água, promover um envolvimento maior com a comunidade, cumprir os objetivos e metas estabelecidas na política da empresa, investir em novas tecnologias.

Muitas idéias surgem do próprio funcionário. A participação é estimulada, pois melhora o trabalho dele e a produtividade além de gerar satisfação do nosso cliente interno. O funcionário tendo retorno, a empresa tem também. Ocorrem reuniões mensais com todos os encarregados para saber como está o andamento das atividades.

Muitas empresas relutam em novas ações devido ao comodismo. Toda empresa tem que estar comprometida com o processo, por ex. a coleta seletiva que foi desenvolvida. Não adianta ter estrutura se não tiver funcionários adequados, treinados e conscientizados.

Dificuldades?

Não existem muitas dificuldades, só trabalho. No início, na preparação inicial de um programa, os conceitos de aspectos e impactos, por exemplo, é mais difícil. Depois, o processo acontece naturalmente. Acredito que a base do sistema é a Política da empresa, o seu compromisso. Utilizamos brainstorming para estimular o envolvimento e comprometimento de todos. Há grande preocupação com o envolvimento dos funcionários para que haja comprometimento e responsabilidade pelos resultados.

ENTREVISTA - CURTUME “F”

Histórico da Empresa?

A curtidora F completou 40 anos em novembro último (2002) com esta razão social, inscrição do cnpj e receita estadual. Ela é sucessora de uma outra indústria que se chamava curtume x no originalmente foi criada por meu avô e depois vendeu, depois de 10, 15 anos voltou às mãos do meu pai. Na verdade meu pai não sucedeu meu avô. Meu avô criou o negócio, vendeu e depois de quinze anos meu pai comprou e agora estou sucedendo meu pai. Talvez dos que resistem um dos mais antigos do Paraná. É uma empresa que não chega a ser familiar porque sou só eu. Temos cerca de 60 funcionários, atuamos só de blue a acabado. Até 1990 era um curtume integrado que fazia também a parte de ribeira e desde 90, 92 nós deixamos de fazer ribeira por uma questão de opção, pela localização geográfica no perímetro urbano e por ser aqui a nascente do Lago XX que é um lago de lazer da cidade. Então nós paramos de fazer ribeira para resolver o problema hídrico e atmosférico. Então nós só acabamos. Desde então aumentamos um pouco a capacidade de acabamento nos especializamos nisso. Nosso foco sempre foi o mercado interno. Eventualmente fazemos algumas incursões de exportações para tentar ver se a gente tinha vocação, capacidade de venda no mercado, sempre foi uma coisa muito esporádica ou circunstancial. Paraná hoje deve ter 20% da venda, nós temos uma atuação bastante pulverizada em regiões bastante diversas, 80% vai para fora do estado até porque o Paraná não tem vocação calçadista e nem vocação para produção de acessórios, se bem que nosso grande mercado é calçadista. O wet blue é nossa matéria prima e nosso produto final é o couro acabado para a indústria de calçado e alguma coisa para manufatura de acessórios, bolsas, cintos... Geralmente calçados masculinos. A gente procura não atuar em pólos de calçados sempre em fábricas antigas e tradicionais esparramadas que já fugiram dos grandes centros calçadistas, justamente por questões de competitividade melhorada com relação a sindicatos e concorrência... A matéria prima vem de outros curtumes, raramente a gente compra couro salgado e manda beneficiar em outros curtumes da região. A produção é de 2000m² por dia, isto vai dar mais ou menos 400 a 500 couros dia.

Impactos sobre o ambiente?

Não entendo, como assim? Eu sou bem arroz e feijão... Pode ser econômico, social, coisa assim?

Sobre a sociedade?

Olhe uma cidade do tamanho de Londrina que não tem atenção nem vocação às indústrias acho que não. Tinham 200, 300 empresas, hospital aqui têm 1000 e poucos funcionários, então, do ponto de vista da geração de emprego acho que é muito pequena. Do ponto de vista social tem a parte de qualidade de absorver uma mão de obra que em Londrina não tem muito posto de trabalho que é a mão de obra desqualificada. Com pouca qualificação. Acho importante apesar de não ser um grande gerador de empregos, o pouco de emprego que gera é exatamente uma faixa de trabalhador que não tem o mínimo de possibilidade que é o desqualificado. Nosso pessoal aqui, mais da metade do quadro tem mais de 20 anos de casa. Alguns casos 30 anos, 25 anos.

E sobre o meio ambiente?

Não temos nenhum resíduo gerado hoje que seja problema. O único resíduo que a gente tem como nosso que é o pó de rebaixadeira é todo destinado para a indústria de aglomerado de

couro e agora mais recentemente parte disto está sendo destinado para indústria de amianto como substituição de celulose. O pó de rebaixamento é o resíduo sólido até porque... para um curtume como o nosso que é de acabado que agora deixou de existir porque tem destinação para reaproveitamento. O nosso caso está resolvido, é um consumo pequeno dentro de todo resíduo que se gera no Brasil. O nosso resíduo é todo destinado, nós não temos nenhum despejo, curiosidade técnica de fazer analogias a outros materiais...como custo não tem nenhum hoje, visto que chega a ser um problema para os curtumes, mas outros curtumes também desenvolvem trabalhos semelhantes. Então do ponto de vista do meio ambiente nós não temos nenhuma preocupação com relação a gerar um ônus.

Outras Ações?

Não, estas coisas mais recentes como responsabilidade social, coisa assim? Não, a participação na comunidade é mais pessoal, né. Meu pai foi presidente da associação comercial por duas gestões, eu sou o presidente atual, participei de conselho municipal, tudo...a minha contribuição que adquiri aqui com dezessete anos de trabalho sempre foi tentar transmitir e lutar por coisas comuns a todos em busca de melhorias. Acho que isso não é uma repercussão direta da empresa, isso é um comportamento de família. Às vezes sacrifica a gente, toma tempo da família, do trabalho, mas acho que a recompensa é grande e o aprendizado é muito grande também, e a possibilidade de conviver com pessoas de outro setor da economia que permite a gente abrir um pouco horizontes, não ficar restrito ao meio couro. Este acho que é um problema de grande parte dos curtumes, como é um mercado muito complexo, muito nervoso e muito particular, os companheiros dos curtumes ficam muito fechados só neste universo dos curtumes. Isso às vezes pode ser um obstáculo para se enxergar inclusive para se enxergar as repercussões de impacto externo do nosso negócio. Então a contrapartida minha em colaborar com a comunidade nestas participações eu recebo dela também elementos, subsídios pra poder dar eficiência no negócio. Trabalhar doze meses no ano, nunca tive que parar uma semana por oscilações de mercado, por ociosidade, sempre tivemos oportunidades e tem trabalhado sempre direito. Indústria parada é custo, não paramos nunca. O pessoal brinca comigo por que a gente não para. É bom porque a gente busca isso e consegue. É um objetivo alcançado.

Busca de novas tecnologias?

Olha, tecnologia com relação a equipamentos acho que menos que alguns investimentos. Com o mercado, este setor passou por transformações muito severas nos últimos anos, tenho um pouco de receio de imobilizado e acho que mais importante do que investimento em tecnologia principalmente no que se refere a equipamento é a dedicação, não investimento, dedicação e atenção às mudanças de mercado. Alguns ciclos do couro ficam bem claros, as empresas definiram suas atuações em função de momentos e é muito versátil o mercado, este novo fenômeno que me preocupa que foi o couro para estofamento. Me preocupa a saúde desses curtumes porque eu não tenho tanta segurança, tanta certeza que este mercado seja tão perene quanto pareça ser e que justifique um investimento tão maciço. Então a nossa dedicação maior é essa versatilidade ... alguns tipos de oportunidade muito mais por conhecimento né, conhecer cada canto, cada limitação do nosso negócio e fazer com que nós temos o melhor possível. Esse é o objetivo que a gente tem. O pessoal faz investimento muito pesado e por várias ocasiões eu vi não dá tempo de resgatar isso, recuperar este investimento, comprometendo inclusive a ação de financeira. Todos os grandes curtumes do Brasil não duraram por mais de 15, 20 anos. Esse pode ser um bom trabalho pra vocês...Eu tenho talvez uma visão muito caipira da coisa. Seria atrevimento meu tentar diagnosticar as causas, mas

uma série delas é eu que sofro. Formado em Direito, eu que faço a parte financeira, faço a compra, faço a venda, e sou químico do meu curtume. Acho que é impossível dirigir um negócio desse sem ter conhecimento, mesmo que não tão profundo tão superficial quanto eu tenho, não sou conhecedor profundo dos detalhes do negócio, mas se não tiver noção de todos esses elementos eu acho difícil, acho impossível, quase que impossível, a coordenação das ações. Mesmo que tenha e coloque nas funções profissionais capacitados nunca vai ter estabilidade no mundo, é incrível. A história mostrou isso. Deve ter razões técnicas que você deve diagnosticar com mais precisão do que eu, mas de fato isto que aconteceu. Todos os grandes curtumes do Brasil faliram. E o que é incrível, os grandes continuam falindo. Dependem de financiamento, de... passaram a ser grandes captadores de capital e de financiamento e não gestores de um negócio. Algumas pessoas gostam de fazer couro e esquecem de ganhar dinheiro. O negócio é ganhar dinheiro, o negócio é lucro. As pessoas gostam de achar que o negócio é fazer couro. Fazer couro é o meio não é o fim. As pessoas esquecem disso às vezes. E aí entram investimentos às vezes sem critérios, às vezes levados por vaidade de produzir um melhor artigo e nem sempre o mercado remunera a altura do custo. Sem nenhuma formação acadêmica, isto foi formação sanguínea de árabe (risos) e como o mercado é muito pequeno existe uma disputa de vaidade muito grande... Nos sindicatos, no centro nacional, nas feiras a disputa por status é uma coisa quase que doentia. Não sei a origem disto. Talvez a origem disto é ...a maioria dos curtumes é originário de pessoas muito simples, que ganham dinheiro até um determinado tamanho que o negócio atinge e envaidece por falta de estrutura, talvez emocional ou de formação e perdem ...de ganhar e passam a só fazer couro. Aí o resultado disso é o comportamento do mercado na compra de matéria-prima. Os curtumes brigam pela matéria-prima e esquecem de brigar pelo resultado. Eles não admitem perder o abate, o fornecedor porque a demanda é maior que a oferta. Cerca de 40, 45 milhões de couro por ano e a oferta é de 30, 35 milhões de cabeças por ano. O Brasil tem o 2º maior rebanho do mundo, perde pra Índia que o rebanho é maior do que o americano só que a taxa de abate continua a ser baixa então o abate americano é maior que o nosso, porque o gado morre mais cedo lá. Aqui no Brasil nosso abate deve estar em 16 a 18% do total do nosso rebanho por ano e o restante está em crescimento, são matrizes. Ainda é fruto, resultado de uma pecuária extensiva sem a aplicação das tecnologias que existem disponíveis... daqui a 5 anos o Brasil passa a ter o maior abate mundial....Inevitavelmente esta oferta vai aumentar. Um rebanho moderno morre com 2,5 anos (intensiva) e extensiva com 4 anos. (...).

Planos para o futuro?

Tenho...comprar uma casa...Olha, pra mim o caminho a gente faz a cada passo. Não traço um caminho... eu vou fazendo com que dá. Se o negócio for bom melhor continuar a ser bom (?) do que torná-lo bom novamente. Um negócio bom é um negócio que dê resultados, sem ter que usar de mecanismos que me façam infringir a legislação, passou a ser também uma coisa que preocupa o usineiro, abrir mão de comportamentos ou tomar comportamentos do ponto de vista ético, legal, moral, que eu não usaria, em vez disso eu prefiro mudar de ramo, ...a infração, o descumprimento da legislação ela é quase uma condição de sobrevivência. Isto é uma coisa que me preocupa. A hora em que trabalhar certo não for mais possível aí sim nós vamos tomar uma decisão séria. Porque eu fui criado pra ser sério, eu não vou transgredir para fazer meu negócio sobreviver. Isto porque nossos negócios fora do setor prosperaram e se a gente tiver que abrir mão de princípios antiéticos então eu prefiro mudar de ramo. Tenho sofrido muito com esta concorrência, ...concorrência quase marginal. Mas, ainda existem no mercado clientes que contemplam a seriedade, né.

Há dificuldades?

As normais do negócio né? Não, não tem, ou então me acostumei com isto que passaram a ser rotina. Talvez quem é de fora do setor se assuste com os problemas, que deixam de ser problemas e passam a ser rotinas. Nada que... A não ser esta situação de... a dificuldade é esta, desta concorrência irresponsável.

A gente trabalha neste mercado de calçado, temos uma atuação sadia, uma rentabilidade ainda satisfatória, a gente não vislumbra buscar outros mercados. Nós estamos firmes neste, que muitos curtumes terem abandonado este segmento pra ir para outro nós achamos que qualquer segmento, qualquer nicho que você busque ao longo do tempo ele tem seus momentos de dificuldade e de euforia. Pra não fugir desse nos momentos difíceis nós a gente tenta se especializar cada vez mais, conhecer cada vez mais as necessidades desse segmento, dos nossos clientes, então nossa relação é muito perene. Nossos clientes são clientes que compram de jan. a jan., nós acompanhamos as oscilações de mercado, a gente trabalha junto com o nosso cliente. E estamos construindo uma relação assim com os nossos fornecedores. Estamos tentando fazer uma relação estável pra frente e pra traz. Nós não somos curtume de acabados e de altas tecnologias, então nós procuramos junto com o nosso cliente adequar as necessidades do dia a dia. Não tenho nenhum plano de mudança de buscar o mercado, por exemplo, de estofamento, que é a moda agora ou vestuário. Isto faz parte da rotina do curtume, ser um pouco mais atencioso, menos duro na relação com o cliente. Eu vi muitos curtumes sucumbirem porque não se deram conta desta mudança. Então apesar de eu ser um cara muito novinho, mas em 20 anos foram fases com mudanças muito rápidas. Mais do maquinário e equipamento foi a mudança do comportamento das relações cliente fornecedor. E aí que eu digo que só o investimento, o gasto alto com tecnologia não garante a sobrevivência.

ENTREVISTA – CURTUME “G”

Histórico da empresa?

O curtume G começou suas atividades em 1975, processando a sobra de couro que tinha no Norte do Paraná proveniente de matadouros de pequeno porte que faziam o abate pra consumo isoladamente na cidade. Posteriormente começaram a se concretizar aqui no Paraná frigoríficos que faziam a comercialização dessa carne dos animais abatidos em São Paulo e outros centros. Dentro desse pensamento o curtume G foi inserido aqui no Norte do Paraná para utilizar esses couros desses matadouros menores que ele tinha um produto que era chamado sola, que era utilizado tanto para sapato como para botina. É uma empresa de característica familiar desde 1975, e no princípio a atividade dela era totalmente artesanal, processava o couro com maior lentidão, um processo de um couro chegava a demorar até 14 dias, pra fazer a parte da calagem, a parte do processamento da raspa e também da sola, então esta empresa veio numa continuidade tentando fazer artigos que tivessem um maior leque de clientela e comesse a ter uma rentabilidade um pouco melhor do que a raspa. Então nesta continuidade de raspa o curtume G passou a fazer, tem o couro para oferecer que é o couro wet blue, o couro curtido, não pode ser utilizado naquela forma para fazer confecção de botas, calçados nem afins, mas ele é a matéria-prima pra se fazer a vaqueta que é o nome comercial que se dá a uma pele de couro pra utilização na cadeia toda de produtos de couro. Hoje o wet blue nós não produzimos mais, nós terceirizamos este start up, e dentro deste pensamento a gente foi focando alguns produtos que eram interessantes pra serem comercializados, já tivemos o xx que era um couro simplesmente queimado com uma escova que dava aquele efeito daquelas botas amarelas texanas, daí depois, nós tivemos o nobook que é tipo um xx melhor, daí depois já se começou a aproveitar raspas que é a parte da divisão horizontal duma pele, você tem o couro na horizontal e passa como se fosse uma serra fita, mais horizontal e você racha o couro no meio, tirando a parte debaixo que é a raspa e a parte de cima que é a vaqueta. Daí esta raspa a gente começou a processar ela, fazer artigos dos quais muito se pareciam com couro, comercializava como raspas e às vezes até fala que é couro, e a raspa também teve seu momento muito bom de comercialização e depois foram se fazendo as semi-anilinas, os semicromos, continuamos fazendo e fazemos couro vegetalizados que são couros mais transparentes possíveis, que seriam artigos com este tipo de coloração, (mostrando o couro) aqui você vê o fundo do couro, se você comprar um artigo com este couro aqui pode ter certeza que é couro. Agora se ele for sintético ou não você não sabe a diferença. Este artigo aqui você dentro de uma bolsa, até nós que temos experiência podemos errar. Então dentro deste pensamento o curtume G está no mercado desde 1975, empresa familiar. Hoje nós produzimos vaqueta asa que é utilizada na produção de material de segurança, pra fazer luvas, botas, nós produzimos raspas pra fazer caçados de segurança, botinas, coturnos, e produzimos raspas pra fazer botinas comerciais, produzimos raspas também em cores branca, vermelha, bambu, verde, azul e marrom pra fazer assessórios, bolsas, capas de cinzeiro, cintos, produzimos também napas mestiço pra acabamento de calçados femininos, ela é uma napa de couro bovino vacuum, mas nós fazemos um trabalho nela com gravação que ela se assemelha a napa mestiço caprina, o couro de cabra é chamado mestiço, então fazemos em diversas cores pra atender o mercado de calçado feminino e fazemos um couro que é chamado de xx que é um couro batido por doze horas dentro dum xx por bolas de borracha pra tornar o couro com um toque caído e bem macio, calçados, bolsas, acessórios, capas para celular, estofamento de carros, estofamentos de residências, até boné. A destinação dos produtos a gente tem a comercialização desses produtos tanto Arapongas, que é nossa localidade, nós temos o Paraná, São Paulo capital e interior, R.J., Espírito Santo e Belo Horizonte. A nossa clientela hoje está dividida entre mercado masculino (couro mais duro) e feminino (couro

mais macio e leve). Vários estados e vários perfis de clientes, pequenos e maiores. Temos clientes, vamos supor que é o caso da Samello que a gente fornece produtos pra eles que é um cliente potencial, a nível de Brasil, um dos maiores nosso em relação a calçado moda, nós fornecemos para xx que é a maior fábrica de calçados do Brasil, nós fornecemos também aquele fundo de quintal, que está ele lá juntamente com sua família desenvolvendo sua subsistência para se tornar uma empresa, comércio ou qualquer atividade. Hoje nós produzimos na faixa de couros acabados 16, 17 mil metros couro mês, isso daí, vamos supor se for pra fazer botina em média um metro de couro consegue fazer de 5 a 5,5 pares de botina. Então, se você fizer uma conta...nós fabricaríamos 99 mil pares de botina por mês que é a produção nossa de couro.

Planos futuros?

Nós estamos preocupados agora em traçar um objetivo para a empresa, não ser só aquela visão comercial, o curtume G vai fazer couro para ter resultado econômico, isto é importante, mas tem que ter um objetivo muito mais amplo do que só isto, resultados financeiros porque pra você que tem uma empresa pra (edificar) por muito tempo você tem que ter uma situação de condição de mercado consumidor mas você tem que ter alguma coisa que supere isto tudo p/ que esta empresa no mercado por muito mais tempo. Você vê que grandes empresas se depositam em cima de um grande ideal, de gerar empregos, de se manter uma fundação, de fazer alguma coisa em preocupação com o meio ambiente e este tipo de logomarca da empresa na minha ótica é o que vai criar um grande diferencial no futuro de uma empresa totalmente comercial com aquele pensamento econômico das empresas que vão sobreviver. Quando todo mundo compra um produto do Boticário, sabe que é uma fundação e que parte do dinheiro que ele tem preserva a natureza mantém uma série de coisas, então é gostoso você comprar do Boticário, é fino, não é dos melhores produtos que se tem, mas você vai comprar um produto, porque não comprar do Boticário? Hoje nós temos na faixa de 40 a 45 funcionários, na parte produtiva, então esse foco acho que seria interessante, você trabalhar alguma coisa positiva que você realmente pensa que aquilo é correto, ex. o curtume G faz um couro com uma poluição mínima em relação ao estado do Paraná ou o curtume G desenvolve um projeto de reutilização de água nos processos químicos,...este tipo de coisa. Por isso é importante comprar do curtume G. Mas o curtume G faz a matéria-prima do calçado. Nossa matéria-prima vem, a grande maioria dos estados de Minas e do Pará.

Impacto sobre o ambiente?

Tem, existe o impacto, pelo seguinte: hoje, se você for analisar a disponibilidade de água no planeta é muito pequena, 3% e hoje nós temos aqui uma grande bacia hidrográfica na região norte do Paraná, cercada por rios de todos os lados e a gente tem que comprar água pra tomar, eu te pergunto, que tamanho tem a ineficiência que são dos nossos governantes que tem estrutura terceirizada e cedida à administração no caso a Sanepar do Paraná que não consegue produzir uma água que a gente possa beber com segurança. Então é porque a água é tão difícil de ser tratada que ela não chegar a ser possível que a reutilização dela para originar uma água pura, que centenas e milhares de dinheiro (?) vem sendo purificado por si só pela natureza ou esses que lá estão são muito incompetentes pra se tratar dessa questão. Esta é uma pergunta que até hoje eu não tive resposta. Então como é um produto escasso, água pura, em toda e qualquer coisa que você utiliza água você está deteriorando, causando um impacto ambiental com relação à natureza. Mas por uma outra ótica de curtidor se você não fizer seu trabalho na pele do animal bovino, como equino, caprino, ovino, se fosse a utilização da pele, o beneficiamento dela, se você já fez o cálculo de quantas milhões de toneladas você adquire

por dia de couro que você teria que arrumar uma finalidade para se dar fim nestes depósitos orgânicos, então feliz foi a história que, usar couro tem há milhões de anos, aquele que utilizou, partiu do couro como meio de utilização pra proteger seus pés, pra se acobertar, este tipo de coisa, porque senão todo o animal que você consumiria, a carne dele você teria que ter um depósito de um produto altamente degradável para poder depositar, porque não teria consumo pro couro. Então, é muito mais louvável você utilizar a água para processar um couro do que o tanto que você gasta de água pra se lavar um carro, se lavar ruas, este tipo de coisa, entendeu? A gente tem um outro tipo de água reutilizada, retrabalhada para esta finalidade única. O curtume faz um benefício em relação ao subproduto do boi que é o couro que o frigorífico comercializa, ele retira e a gente trabalha e trata ela.

Ações?

Hoje nós tentamos economizar o máximo possível de água, fazendo processos alternativos e compactos. Então se diminui a quantidade de água que você utiliza no processo. Outra coisa, muita água é utilizada só pra processo de resfriamento dos equipamentos, do secador a vácuo,..., prensa hidráulica, toda essa água nós retornamos na nossa caixa de água e reutilizamos essa água. Alguns banhos, alguns processos mecânicos, tipo assim, você termina um processo de couro numa temperatura de 60°, você teria que resfriar esse processo, então a gente faz com que esse processo termine no final do expediente para que aquele couro seja somente descarregado apenas no outro dia pra não ser necessária a utilização de água, ter mais água pura sendo jogada fora. São essas pequenas ações que você consegue tudo isso, mas chega num determinado ponto que você não consegue tirar mais, aquele é o mínimo necessário pra que você consiga fazer um couro com qualidade.

E os impactos sobre a sociedade?

Toda e qualquer indústria principalmente que for localizada numa cidade onde o pólo industrial é pequeno ela tem uma expressão muito grande social e a nível tributário devido a toda aquela macro fórmula de participação dos municípios, a questão do ICMS, todos os impostos dentro da cadeia tributária retornam ao município. Então tudo aquilo que você fatura, vende, gera de ICMS, gera de INSS quando você paga seu servidor, o salário dele, o oceano de contribuição pro município é muito grande. Altamente social minha atividade porque você vê 40 funcionários você pagando o salário deles já são 40 famílias, na média brasileira com 4 pessoas, são 160 pessoas, se você for analisar que toda atividade tem um serviço indireto +- de 10% ela pode ir pra 200 pessoas. Agora se você for ter uma população economicamente ativa do município de xx que são 100 mil habitantes, eu acredito em torno de 15 mil trabalhadores empregados, e é essa que é a grande receita que ajuda a movimentar máquinas do tesouro nacional. Eu participo nisso aí com quase 3%. Tenho uma representatividade! Quanto todas essas atividades isoladas contribuem para que toda essa tesourização do estado ocorra?

Planos futuros?

Temos sim. Acontece que hoje nós vivemos um momento que, eu praticamente, já estou no mercado há quase 20 anos, então nestes últimos 8 anos nós tivemos a estabilização econômica e aí era fácil você traçar planos e metas, mas dentro desta estabilização econômica ocorreram oportunidades pra empresas que tiveram um perfil ... ou não. Imagina só você pedir uma concordata de iniciação de 100% que era antes o Fernando Henrique, com uma correção de apenas 12% ao ano. Excelente negócio. Tiveram empresas que tiveram esta postura, ou seja,

felizmente ou infelizmente o curture G não pensa assim. Então a gente conserva determinados paradigmas que a gente considera importante para viver com a cabeça tranqüila e viver bem, não só a questão econômica, então se você tiver que despende de um bem, de um capital pra que a empresa cubra suas necessidades, pague suas contas eu acho que este é o caminho. Agora se você partir de fóruns administrativos onde você entra com consultorias tributárias, sonegação fiscal, retardamento de pagamento ou ...você tem como retardar o pagamento tributário seu e esse tipo de ação nós não participamos desse pensamento. Porque tudo depende da forma como você visualiza o mercado. Aí você está sendo altamente profissional pagando tudo certinho.(...).

O governo necessitando de dinheiro criou mecanismos pra que (empresas) má fê pegaram daquele dinheiro pra fazer capital de giro e agora estão sendo beneficiadas com aquele dinheiro, e eu que paguei direitinho mês a mês não tive benefício nenhum com isso.

A curto e médio prazo a gente já vai ter uma idéia bem clara com relação a isto (a missão da empresa).

Há dificuldades?

Existe, quando você fala de coisas que são meio utópicas é difícil você arrumar parceiros que comunguem com aquele mesmo pensamento, mas você com base e dados concretos de determinadas coisas você tem uma fundamentação teórica, um conhecimento muito grande de que isto é possível. Mas, você não pode mergulhar muito nesse sonho porque você deixa de cuidar daquela atividade principal que é o resultado com relação ao couro justamente com a questão de um pensamento único de todos aqueles que trabalham, “nosso trabalho”, mais uma economia de água, que nosso trabalho se utilize o subproduto do couro que se não fosse... diminui a poluição desse nosso subproduto e nós estamos tentamos fazer um artigo próximo do que se considera ecologicamente correto, com menor utilização de recursos naturais possível. Importante, porque todo mundo vai começar a economizar água, então você veja quanto vai representar mil litros de água por dia a mais no planeta. Todo mundo começa a (disseminar), vai jogar bola em clubes diferentes, outro vai num bar, e fala: hoje lá na firma tivemos uma atividade a qual falou sobre a quantidade de água, você sabia que existem 3% de água potável no mundo?

Nada se constrói e se fortalece se não for em bases sólidas, éticas e de respeito.

Busca de novas tecnologias?

Exato, é um jeito com que a gente tem de condição pra fazer o melhor produto possível. Nós não somos quem está fazendo couro, quem está vendendo couro, nós estamos colocando aqui uma situação que nós somos fiscais da fábrica de calçado que vai montar o modelo lá fora e vai colocar na loja. Mas, até você conseguir chegar nisso... Tem uma série de coisas importantes, uma coisa interessantíssima é o grupo de pessoas que você trabalha, pessoas que são dependentes químicos, que são alcoólatras, que tem uma má formação familiar, tem pessoas que vão me crucificar por isso que vou te falar, mas pessoas que condizem com problemas graves, difíceis de serem reparados, como que você vai conseguir contratar um cara desses pra pagar R\$500,00 por mês e que você chegue cedo para ele fazer...cada dia com uma idéia nova pra ele poder processar o couro, então você não vai conseguir. Então contrate pessoas com perfil que chegue com a cabeça livre com vontade de progresso, desenvolvimento e acate toda sugestão, muitos poucos problemas paralelos lhe aflijam durante o dia e a noite que você vai ganhar dinheiro pra ajudar esse pessoal, mas se você fizer o inverso, quiser virar uma grande família e colocar bons e ruins no mesmo barco este barco pra chegar no mesmo lugar, este barco vai ficar rodando e girando em círculo.

ENTREVISTA – CURTUME “H”

Histórico da empresa?

Era uma serraria aqui e se trabalhou até 65, daí a madeira ficou difícil. Aí aqui nesta estrada jogavam couro fora, os abatedouros de Maringá jogavam o couro fora, de vez em quando nós achávamos um monte de couro aí. Então meu pai viu falou, não...joga fora a matéria-prima deve servir para alguma coisa. Aí começou a visitar os curtumes, tinha um amigo que era inclusive italiano porque meu pai era italiano que veio pra São Paulo que tinha um curtume e já trabalhava com couro lá. Aí ele foi lá gostou da idéia...vou montar um curtume. Começou o curtume, começou a trabalhar em 70. Aí começou devagar com um monte de dificuldades na época, e ficou. Estamos aí trabalhando sempre mais ou menos...é, no início era só sola, a gente fazia sola seca, a sola pro calçado, né, porque hoje pro calçado eu acho que 99% é sintético. Mas naquela época não, era couro. Então no início era sola depois foi pra vaqueta e hoje a gente faz a sola um pouco ainda, mas pra seleiro, artigos de selaria, faz a vaqueta, a camurça, enfim, faz até o acabado. Pegamos o couro salgado até o acabado. A matéria prima é o couro salgado, nós trabalhamos mais com couro de matadouro, o couro tem duas origens o frigorífico e o matadouro, nós trabalhamos mais com matadouro.

Fornecedores: a região e Minas.

Produto? Até o acabado. Tudo destinado pra calçado de trabalho, não é de segurança, é esse calçado masculino que o pessoal usa na lavoura,...

Clientes? São fábricas aqui na região. Todas na região. Maior parte é botina ou então nós destinamos o couro pra fazer a selaria, que é a sola que é pra seleiro, pra fazer arreio, e um pouco a gente faz, no caso o couro de búfalo, pra fazer gaxeta, pra fazer retentores, pra fazer aí a parte industrial. O destino é Paraná e São Paulo também. Na região tem bastante búfalo, inclusive eu pego de alguns curtumes o couro de búfalo.

Impactos sobre o ambiente?

Não eu acredito que não! Nossa produção é pequena, sempre foi uma produção pequena, na faixa de 50 couros dia, e temos um sistema aí...seguramos a gordura e depois, o lodo e o pesado seguramos no sistema de tratamento, o de cima e o de baixo, e a água vai embora. Isto aí tem porque...vamos dizer que quando se começou a trabalhar não tinha nada era direto pro rio, aquela época não se exigia nada sabe, aí depois quando veio o IAP, acho que o primeiro foi o IAP, aí nós começamos a tratar...tratar??? Segurar o lodo e...a parte de cima e a parte de baixo.

Impactos sobre a sociedade?

Não! Nós temos quatorze funcionários. Nós geramos emprego no caso né, não sei, segundo a política do jeito que vai indo aí, não sei se eles tão querendo que o povo trabalhe, parece que eles tão querendo tratar (?) sem trabalhar. Eu não vejo como o melhor caminho tratar sem trabalhar, fome zero, fome zero, tratar sem trabalhar? Não está certo. Alguém tem que produzir, não é? O pessoal que vai comer teria que produzir alguma coisa também vamos ver no que vai dar. Eu era meio contra o Estado, mas depois você vê que tem...a gente não pode perder as esperanças, eu acho que ainda tem, milagre não existe porque se existisse alguma coisa que “bum” ficaria melhor num curto espaço de tempo, um deles já teria feito né? Então um milagre não vai existir. Vamos ver!

Ações relevantes sobre o ambiente / sociedade?

(Pausa) Quando eu vejo a palavra impacto eu...impacto é sinônimo de estorvo, neste sentido aí né. Eu tenho como sinônimo de estorvo. Não é bem assim, mas... Não...é uma indústria pequena e ela não vai causar grandes influências, né.

Planos para o futuro?

Eu não penso em aumentar a produção, só que hoje a competitividade está muito grande, então nós estamos chegando num limite que não compensa mais trabalhar, a dor de cabeça, vamos dizer assim, a responsabilidade é muito grande, não sei se compensa. Então como nós mexemos com lavoura também e a lavoura não é tão complicada assim, então a gente vai tendendo pro outro lado, sabe? As indústrias deixaram...numa certa vez numa reunião, inclusive dos curtidores, uma pessoa deu um alerta, no caso dos frigoríficos, eles estavam abrindo uma lacuna pros frigoríficos de pasta como eles chamavam, então eu sei aonde vender a carne, eu sei, vamos dizer, onde vender a carne em São Paulo, os frigoríficos já trabalhavam com capacidade ociosa, aí o que eu vou fazer, eu comprava o gado, o frigorífico abatia o gado e eu mandava a carne pra São Paulo. Então tudo começou assim...eu ficava sem nenhuma responsabilidade, sem encargos, sem nada, era muito mais fácil eu driblar o fisco, porque o frigorífico não pode driblar, ele está estabelecido...já o frigorífico perdia a competitividade do preço da carne lá, porque eu não pagava imposto, então esta pessoa abriu...os frigoríficos tão cometendo um erro, qual era o erro? Emprestar mão de obra, né? Porque ele mesmo não estava conseguindo colocar a carne no mesmo lugar porque o outro era mais barato, mas ele estava emprestando a mão de obra. E não era por aí, então essa pessoa abriu e falou: foi assim com os frigoríficos, aconteceu assim com os curtumes, hoje tem muita gente que trabalha o couro sem ter curtume. Eu compro o couro, vou lá, o curtume me empresta a mão de obra, eu faço o blue, inclusive se exporta, e faço o acabado também, e agora abriu-se para a fábrica de calçado, então a fábrica de calçado estão perdendo pros, vamos chamar assim, pros aventureiros. Abro uma firma, compro meia dúzia de couro, mando fazer o blue, mando acabar, levo pra uma fábrica de calçado que só presta mão de obra, não fabrica pra ela, aí o mês que ela tem mão de obra ela trabalha, o mês que não tem, não trabalha, aí fica devendo os encargos e tudo, não paga nada, e eu que quero pagar, quero trabalhar tenho que pagar certo, não tem condições de tocar. Aconteceu isso aí, está difícil trabalhar, está difícil. Não sei se os outros falaram +- isso, mas nós estamos numa época difícil.

Aqui nós temos uma metalúrgica também, minha irmã é engenheira civil então nós temos uma metalúrgica também. Hoje nós não conseguimos mais nada até porque os nossos são todos registrados, tudo certinho, tem que ser, a responsabilidade é grande, muito grande. No caso do couro está bastante difícil trabalhar, a gente está trabalhando assim, mas é pra ocupar o tempo. A lavoura não me toma todo o tempo, mas eu tendo mais pra lavoura do que pro curtume, é pra ocupar o tempo mesmo e pra ir tocando, né. Tá difícil.

Dificuldades?

Talvez nem tanto na parte, vamos dizer, matéria-prima, mas nos encargos porque quem consegue trabalhar sonhando os encargos, pronto este está fora, este vai embora. São muitos. As responsabilidades são bastante.

Importante? Pra diminuir o risco de amanhã ou depois eu perder tudo, né? Como vou trabalhar com uma pessoa sem registro, uma hora ou outra ela se machuca e aí? Eu vou arcar com tudo? Eu já tenho uma certa responsabilidade e no informal? Eu considero muito importante não ter dor de cabeça no futuro.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)